

O CAMINHO BREVE PARA A ILUMINAÇÃO

INSTRUÇÕES PARA UM DESPERTAR IMEDIATO

Paul Brunton

Compilado por

Mark Scorelle & Jeff Cox

Para a Paul Brunton Philosophic Foundation por

Larson Publication

Burdett, New York

Direitos autorais 2014 por Paul Brunton Philosophic Foundation

Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de nenhuma forma ou por qualquer meio eletrônico, químico, óptico, fotocópia, gravação, ou em caso contrário sem a prévia permissão por escrito do editor.

ISBN-10: 1-936012-30-8

ISBN-13: 978-1-936012-30-5

Número de Controle da Biblioteca do Congresso: 2014936554

Catálogo de Dados em Publicação da Editora
(Preparado pela The Donohue Group, Inc.)

Brunton, Paul 1898-1981

(Seleções, 2014)

O Caminho Breve para a Iluminação: Instruções para o Imediato Despertar / Paul Brunton;
compilado por Mark Scorelle & Jeff Cox.

Páginas; cm

Publicado também como e-book.

Inclui referências bibliográficas.

ISBN-13: 978-1-936012-30-5

ISBN-10: 1-936012-8

1. Iluminação (Budismo) 2. Vida espiritual 3. Filosofia, Indic.

I. Scorelle, Mark II. Cox, Jeff, 1947 III. Paul Brunton Philosophic Foundation.

IV. Título V. Título: Seleções.

BL629.5.ES B78 2014

181.4

2014936554

Publicado pela Paul Brunton Philosophic Foundation

Por Larson Publication

4936 NYS Route 414

Burdett, New York 14818 USA

larsonpublications.com

21 22 21 20 19 18 17 16 15 14

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Sumário

Prefácio.....	5
Introdução	6
Nota ao Leitor	8
Capítulo 1: O Que é o Caminho Breve?.....	12
Capítulo 2: O Caminho Longo	24
Como Preparação	24
Como Limitação	27
Capítulo 3: Transitando do Caminho Longo para o Caminho Breve.....	30
Capítulo 4: Consciência: “ Quem Sou Eu? ”	37
Capítulo 5: O Ego e o Eu Superior: “ O Que Sou Eu? ”	40
Capítulo 6: Mentalismo: A Chave para a Não-Dualidade	46
Capítulo 7: Advertências para o Caminho Breve.....	53
A Solução Filosófica: Equilibrar os Caminhos	57
Capítulo 8: Práticas para o Caminho Breve	61
Quem Sou Eu?.....	61
Descubra a Quietude	62
A Testemunha.....	64
A Realidade Atemporal	65
Despertar do Sonho	65
Concentre-se na Respiração	66
A Lembrança	66
Exercícios da Constante Lembrança:.....	67

O Exercício da Lembrança do Eu Superior	68
Exercício da Identidade “ Como Se ”	72
Dentro do Vazio	74
Capítulo 9: Experiências ao longo do Caminho	80
A Temporização do Atemporal	80
Dor e Perda	83
O Mundo como Ilusão é uma Fase	85
Intuição	86
Insight	88
Nirvikalpa /Vazio	90
Sahaja	94
Etapas da Realização	97
Capítulo 10: Frutos do Caminho.....	100
O Que É um Filósofo /Sábio?	100
A Individualidade do Sábio.....	103
O Conhecimento do Sábio	105
A Compaixão do Sábio	106
Ação do Sábio	108
Ao Infinito	111
Glossário	112
Paul Brunton – Livros em Português.....	116

Prefácio

Entre a grande variedade de técnicas espirituais no mundo das tradições místicas, pode-se encontrar o fio condutor para uma muito simples abordagem do despertar espiritual. Essa abordagem – ou não-abordagem – é diversamente chamada de O Caminho Direto, Não-dualidade, Mahamudra, Czogchen, Advaita, e outros nomes, dependendo da tradição espiritual específica na qual ela está enraizada. Paul Brunton refere-se a ela como Caminho Breve. E ele usa o termo Eu Superior para a Realidade que somos.

No Ocidente, há um crescente interesse nos ensinamentos do Caminho Breve. A frontalidade do caminho, a sua orientação para a Verdade que está sempre aqui, a sua falta de jargão, e sua consonância com as mais recentes descobertas da física e de outras ciências ajuda a torná-lo, particularmente, relevante para os nossos tempos.

Muitos professores contemporâneos seguem a linhagem espiritual do grande sábio indiano Ramana Maharshi. De fato, foi Paul Brunton quem primeiro introduziu Ramana para o ocidente (e grande parte da Índia), através do seu sucesso literário, *Uma Busca na Índia Secreta*, publicado em 1930.

Os muitos livros de Paul Brunton não apenas descrevem o Caminho Breve, mas o colocam no contexto de um vasto esforço espiritual, incluindo o desenvolvimento da razão e ética, purificação das emoções, concentração e assim por diante. O Seu extraordinário Conhecimento e sua ampla visão ajudam a orientar os buscadores espirituais, para que assim eles possam discernir como o Caminho Direto se encaixa com as práticas místicas com as quais eles possam estar mais familiarizados.

Este pequeno volume contém uma seleção de conteúdo do Caminho Breve, extraídos dos ensinamentos de Paul Brunton publicados postumamente em *The Notebooks of Paul Brunton*. Convidamos os leitores a darem uma olhada nestes volumes originais (disponíveis para a leitura no website da Fundação) – assim como muitos de seus outros livros – para uma exposição mais completa dos muitos aspectos do caminho espiritual.

Paul Brunton Philosophic Foundation
(www.paulbrunton.org)

Introdução

AO OLHAR PARA TRÁS posso ver que a semente para este projeto foi plantada por ocasião do encontro com Paul Brunton em 1977. A aura de paz, a clareza e o vazio que o cercava me deu uma pista tangível do propósito desta busca espiritual.

Depois de sua morte em 1981, *The Notebooks of Paul Brunton* foram publicados em dezesseis volumes; neles eu li com interesse os profundos conteúdos sobre a contemplação no caminho breve ou direto. Foi com grande prazer que eu peguei nesse fio condutor da iluminação, da autorrealização e dos ensinamentos não-duais nesses livros.

Eu também me deparei com 1.200 páginas de notas de Brunton sobre os ensinamentos de V. Subrahmanya Iyer; desse conjunto de notas surgiu um pequeno volume, intitulado *Advaita: A verdade da Não-Dualidade*. Mais tarde, meu interesse voltou-se para os expoentes modernos dos ensinamentos sobre a iluminação: Eckhart Tolle, Gangaji, Adyashanti e muitos outros. Eu comecei uma lista de e-mail (wisdom-I@yahoogroups.com) para promover a conscientização e a discussão dos paralelismos entre os ensinamentos de Brunton e a imensidão de conteúdos espirituais que surgiram nos últimos vinte anos.

Este pequeno livro é composto por uma seleção de parágrafos escritos por Brunton, muitos dos quais foram colocados ao longo dos últimos quinze anos naquela lista de e-mail. Depois de cada “para” (parágrafo ou seleção), segue-se a referência numérica da categoria do *The Notebook* de onde ela foi extraída. Eu espero que você aproveite essas joias e ao lê-las, descubra serem igualmente esclarecedoras tal como eu descobri.

Hoje, o número de pessoas que têm algum tipo de *insight* sobre a Realidade é notável. Isto se deve parcialmente devido a disponibilidade dos ensinamentos que foram enterrados durante séculos nos ashrams da Índia e nos templos do Tibet, Japão e Sudeste Asiático. Brunton desempenhou um enorme papel pesquisando, explorando e apresentando esses ensinamentos para o público espiritual ocidental no século vinte. E ele ainda tem muito a oferecer: seu profundo, sensato e racional insights, no percorrer do caminho é de inestimável valor e assinala erros e mal-entendidos que facilmente poderiam levar os buscadores a extraviarem-se. Por isso, nós o agradecemos e oferecemos este livro como uma pequena forma de gratidão.

Diz-se – e eu creio que existe alguma verdade nisso – que cinquenta por cento da realização do caminho para a iluminação está na simples descoberta do quão real é essa possibilidade. E para tal, não são necessárias incontáveis encarnações dedicadas ao serviço, à purificação e práticas espirituais, como algumas das tradições antigas o afirmam. A realização está praticamente no aqui-e-agora; um simples reconhecimento, um breve momento de graça, poderia torná-la real. Quiçá este momento possa acontecer com você ao ler estas páginas.

Um agradecimento especial à Jeff Cox e Sam Cohen por haverem acrescentado citações adicionais e por ajudarem a organizar os parágrafos em capítulos temáticos.

Mark Scorelle, maio 2014

Nota ao Leitor

“A coisa mais preciosa que qualquer um pode encontrar não pode ser ofertada aos outros. O espírito é incomunicável e impalpável. Mas as palavras que o descrevem podem ser ofertadas.” (12-4-110)

Paul Brunton estava bem consciente de que a mente ocidental considera a repetição como algo cansativo. Mas quando se tratou de transmitir a compreensão espiritual, ele considerou ser a mente oriental a mais sábia. Os professores das grandes verdades, por toda antiguidade, consideravam-na de valor inestimável. Sobre esse ponto, ele observou que “ os princípios mais importantes da filosofia superior são extremamente sutis à nível intelectual, tão sutis ao ponto de não serem evidentes à primeira vista e de serem extremamente difíceis de realizar ”. No entanto, “ o repetido contato com esses princípios, funciona como uma espécie de meditação indireta e retira-lhes o seu carácter não-familiar, tornando-os compreensíveis e fazendo com que eles pouco a pouco penetrem na consciência emocional. ” (8-5-114)

Deste modo e para possibilitar que mais facilmente, os leitores possam atribuir vida interior aos significados sutis de suas palavras e para um maior aprofundamento de sua compreensão, Paul Brunton usa uma apresentação que é singular para a mente ocidental. Ele coloca seus pensamentos em notas curtas. Numa primeira leitura apercebemos de sua ideia, mas provavelmente, apenas em um nível superficial. Citações subsequentes, embora repetitivas, vêm de um ponto de vista um pouco diferente, colocando a atenção dos leitores centrada num pensamento semente de forma circular. As citações interagem, iluminando-se uma à outra. Cada citação pode ser usada de forma contemplativa, servindo para o aprofundamento da conscientização, despertando a intuição dos leitores e aproximando-os de seus preciosos espíritos interiores.

Cada seleção no Caminho Breve termina com a sua localização nos Notebooks de Paul Brunton. A categoria de origem, capítulo e número de parágrafo são indicadas para cada seleção para facilitar ainda mais o estudo dos temas (ver paulbrunton.org/notebooks/). Por favor tenha em conta de que os editores, não Paul Brunton, determinaram a sequência do material neste livro.

Termos criados por Paul Brunton, como o Eu Superior e a Mente do Mundo e alguns termos estrangeiros podem não ser familiares para o leitor. Nós provemos um glossário no final do livro.

Paul Brunton escreveu de acordo com a convenção literária de seu tempo, usando o gênero

masculino para se referir a ambos os sexos. Embora tenhamos optado por não fazer mudanças de gênero nas citações deste trabalho, queremos enfatizar que seus ensinamentos foram escritos de forma igual para os sexos feminino e masculino.

O CAMINHO BREVE PARA A ILUMINAÇÃO

DUAS COISAS deverão ser aprendidas nessa busca. O primeiro é a arte de aquietar a mente, de esvaziar a consciência de cada pensamento e de qualquer forma. Isto é misticismo ou Yoga. A ascensão do discípulo não deveria parar na contemplação de nada que tenha forma ou história, nome ou habitação, independentemente de quão ponderosa e útil ela possa ter sido anteriormente para a ascensão do próprio. Somente no misterioso vazio do Espírito Puro, na Mente indiferenciada, se encontra seu último objetivo como místico. O segundo é o de compreender a natureza essencial do ego e do universo obtendo a percepção direta de que ambas nada mais são do que uma série de ideias que se desdobram dentro de nossas mentes. Essa é a metafísica da Verdade. A combinação dessas duas atividades proporciona a realização de seu verdadeiro Ser – o sempre belo e eternamente benéfico Eu Superior. Isto é filosofia. (20-4-134)

Capítulo 1: O Que é o Caminho Breve?

O Caminho Breve oferece a forma mais rápida para alcançar as bênçãos da alegria, verdade e força espirituais. Portanto, desde que essas coisas estejam presentes no Eu Superior e desde que o Eu Superior esteja presente em todos nós, cada um de nós pode reclamá-las como suas afirmando a sua verdadeira identidade. Esse simples ato requer que ele se volte, e abandone a dependência do eu pessoal olhando para a Fonte primordial de onde provém o ser e sua vida real, a sua verdadeira providência e a sua felicidade. Desconsiderando todas as ideias contrárias que o mundo exterior impõe quando ele ora “ sem cessar ” para essa fonte primordial, todas as ideias contrárias que o mundo exterior impõe sobre si, as emoções e os desejos do ego que lhes dizem respeito, são por ele desdenhadas. Dessa forma, ele se mantém concentrado internamente. Nela até que ele possa sentir suas qualidades libertadoras e expandir-se nas suas radiantes glórias. (23-1-60)

Qual é a chave para o Caminho Breve? Ela é tripla. Primeiro, parar de buscar o Eu Superior uma vez que ele o segue você onde quer que você vá. Segundo, acreditar na sua Presença, consigo e dentro de si. Terceiro, continuar tentando compreender a sua verdade até que você possa abandonar os pensamentos ulteriores sobre o Eu Superior. Você não pode adquirir o que já lhe pertence. Então, solte essa falsa ideia do ego e afirme o seu ser real. (23-1-92)

A outra parte dessa resposta é que o Eu Superior está sempre presente no aqui-e-agora, como o mais íntimo e verdadeiro eu do homem. O seu tempo não tem começo nem fim. A sua consciência não tem que ser desenvolvida como algo novo, mas a sua conscientização pessoa começa no tempo e tem que ser desenvolvida como uma meta nova. A eterna presença do Eu Superior significa que qualquer um pode alcançá-lo no aqui-e-agora. Internamente, não há a necessidade física de viajar para qualquer lugar, para qualquer pessoa, ou ter de esperar anos para que isso aconteça. Qualquer pessoa, que atenda cuidadosa e honestamente a presente premissa, pode de repente e facilmente obter a primeira etapa do insight – o flash de um relâmpago que proporciona um vislumbre da realidade, a qualquer momento. Através desse vislumbre a pessoa é elevada a uma nova dimensão do ser. Aqui a dificuldade consistirá em manter a nova percepção adquirida, porque velhos hábitos, de formas erradas de pensar, irão rapidamente se reafirmar e dominá-la o suficiente, empurrando-a para um segundo plano. É por isso que a introspecção repetitiva, o estudo reflexivo e a meditação mística são necessários para enfraquecer esses velhos hábitos e para gerar uma força interior que sustentará firmemente essa visão aprofundada, contra esses intrusos agressivos do seu próprio passado. (22- 3-24)

O Eu Superior não é um objetivo a ser alcançado, mas sim uma realização do que já é. É a posse inalienável de todos os seres conscientes e não apenas de uns poucos. Nenhum esforço é necessário para se atingir o Eu Superior, mas todo esforço é necessário para se livrar dos muitos obstáculos no seu reconhecimento. Nós não podemos segurá-lo; ele toma conta de nós. Portanto, a última etapa dessa busca é um passo sem esforço. Somos levados, como crianças pela mão, até à sua presença resplandecente. Nossos exauridos esforços chegam a um fim abrupto. Nossos lábios se fecham sem palavras. (22-3-9)

“ Fique quieto e saiba que eu sou Deus. ” Esta é a chave para o enigma da verdade, pois ela resume a totalidade do Caminho Breve. A revelação final é paradoxal: isso é o “ não-fazer. ” É mais acuradamente um “ deixar-se ”, uma não interferência de sua vontade egoísta, um silenciar de toda a agitação e esforço mentais. (23-5-202)

O Caminho Breve é o real caminho! Tudo o mais é uma mera preparação de nossos veículos, uma vez que, no Caminho Breve, a pessoa já não tem mais que orientar a sua meditação para as falhas e lutas do eu pessoal, focalizando-a apenas no Eu Superior - sua presença e força. Somente pela Graça do Eu Superior e pela prática dessa meditação nele enfocada, é que a Verdadeira, a Beneficente e Pacífica consciência do Real acontece e a pessoa atrai sua visita. (23-1-102)

O Caminho Breve usa (a) *a reflexão*: o estudo metafísico da Natureza da Realidade; (b) *a prática*: a lembrança constante da Realidade durante a vida quotidiana do mundo; (c) *a meditação*: na quietude, se entrega à ideia da Realidade. Você observará que em todas estas três atividades *não há nenhuma referência ao ego pessoal*. No Caminho breve, não existem pensamentos, lembranças ou reflexões sobre si mesmo, como no Caminho Longo. (23-1-98)

Essa ideia de que temos que esperar e esperar, enquanto vagarosamente saímos da escravidão para a liberdade, da ignorância para o conhecimento, das atuais limitações para uma futura união com o Divino, só é verdade se deixarmos que assim o seja. Contudo, não precisa ser assim. Nós podemos deslocar a nossa identificação com o ego para colocá-la no Eu Superior. Através da na nossa forma habitual de pensar, das nossas reações e atitudes diárias, da nossa resposta aos eventos e ao mundo. O nosso pensar nos conduziu a este estado insatisfatório, mas nós podemos reverter a nossa forma de pensar para sair desse estado. No incessante lembrar daquilo que realmente somos, no aqui-e-agora, neste preciso momento, nós nos libertarmos. Por que esperar por aquilo que já é? (23-1-1)

A ideia de que temos de esperar pela liberação do ego e a iluminação pelo Eu Superior, evoluindo através de muito tempo e muitas reencarnações, está unicamente correta se nós continuarmos mesmerizados nessa ideia. Porém, essa ideia é falsa se nós assumirmos essa realidade ao invés da aparência: nós somos tão divinos agora como sempre seremos – mas nós devemos despertar da ilusão e ver essa verdade. (23-1-25)

No Caminho Longo a pessoa se identifica com o ego pessoal, mesmo que seja a parte mais superior do ego, enquanto no Caminho Breve ela é apenas a observadora do ego. Isto mostra-se claramente em suas atitudes. “ O que eu tenho a ver com o meu passado pessoal? ” Ela se questiona no segundo caminho. “ Isso pertence a um eu morto, que agora é rejeitado e com o qual eu me recuso a identificar. ” (23-5-81)

Nos primeiros estágios da iluminação, o aspirante é sobrecarregado pela descoberta de que Deus está dentro de si. Isso mexe com os seus mais intensos sentimentos e agita os seus mais profundos pensamentos. Embora ele não saiba disso, esses mesmos sentimentos e pensamentos ainda fazem parte do seu ego, ainda que seja a sua parte mais superior. Portanto, ele ainda separa seu ser em dois – o eu e o Eu Superior. Somente nos estágios posteriores é que ele descobre que Deus não está apenas dentro de si, mas é ele próprio. (23-7-300)

O reconhecimento é uma característica proeminente do Caminho Breve. O Eu Superior está sempre presente, mas apenas aqueles que estão no Caminho Breve reconhecem e pensam de acordo com essa verdade. O mundo está sempre conosco, mas apenas aqueles que estão no Caminho Breve reconhecem o milagre que ele é. Em momentos de exaltação, elevação, reverência, ou satisfação - derivados da música, arte, poesia, paisagem, ou de outra maneira – é que milhares de pessoas têm tido o Vislumbre, mas apenas aqueles que estão no Caminho Breve *reconhecem-no* pelo que realmente ele é. (23-1-114)

Assim começou o Caminho Breve. Ele torna a vida consideravelmente mais prazerosa porque você é suposto dar uma reviravolta de 180 graus. Colocar o seu passado para trás, olhando primeiro para o lado luminoso e ensolarado de sua vida espiritual. Muitas vezes um vislumbre surge iniciando você no Caminho Breve, e é mostrado o que você deve fazer. Você adquire novos exercícios ou não tem exercício nenhum. Você vê as coisas de que antes sentia falta, quando unicamente via o seu lado sombrio. Os exercícios poderão ser escolhidos pelo buscador ou pelo guru. Cada um deve encontrar o seu próprio, mas todos são brilhantes, alegres e construtivos. (Extraído de 23-5-56)

É uma questão de transferir a atenção, por esse breve período, do ego e fixá-lo amorosamente no Eu Superior. Enquanto o pensamento habitar somente no ego e acerca do ego, ele é mantido prisioneiro, retido pelas limitações do pequeno eu, confinado ao limitado ambiente das questões pessoais, interesses e problemas. A solução está na transferência da atenção, mas a mudança precisa de uma força motivadora, isto é um empurrão. A solução vem da combinação do amor e da fé – amor, aspiração, anseio pelo Eu Superior e na fé de sua eterna e viva presença dentro de si. (4-2-287)

Por causa que o Caminho Breve é uma tentativa de retirada da sombra do ego e de colocar-se sob a luz do sol do Eu Superior, isto deve ser acompanhado pelo cultivar deliberado de uma atitude alegre. Por se tratar em grande parte, de uma retirada das disciplinas do Caminho Longo, deve também ser acompanhado por uma sensação de liberdade. Daí que sua apropriada expressão facial é o sorriso radiante. Seu devoto deveria buscar a beleza e procurar estar constantemente em harmonia – na Natureza, na arte, no mundo e em si mesmo. (23-6-55)

A pessoa precisa continuamente manter o pensamento focalizado na própria meta, diante de si, dando à consciência mental, como sua principal ocupação, a meditação sobre o Eu Superior, como sua principal ocupação. Esta é a base do Caminho Breve e é por isso que, antes que ele possa esperar ter sucesso, ele precisa primeiro estabelecer-se no Caminho Longo, com a tarefa de ganhar algum controle sobre os seus pensamentos. (23-4-20)

A maioria das pessoas que iniciaram o caminho breve geralmente tiveram um vislumbre do Eu Superior, porque em caso contrário elas teriam muita dificuldade em compreender o que é o caminho breve. O caminho longo, através de seus estudos e práticas, é o período de preparação para a busca avançada. Ele é chamado de caminho longo porque há muito trabalho nele a ser feito e há também muito desenvolvimento de caráter e de emoções a ser realizado. Depois de certo grau nesta preparação os aspirantes entram no caminho breve para completar esse trabalho. Isso leva um tempo comparativamente menor, terminando repentinamente porque, o caminho breve tem a possibilidade de oferecer a completa autoiluminação a qualquer momento. O que elas estão tentando fazer no caminho longo continua por si mesmo, no momento em que elas entraram plenamente no caminho breve. No caminho longo as pessoas estão preocupadas com o ego pessoal e, como resultado elas colocam sua atenção nos pensamentos negativos. No caminho breve elas se recusam a aceitar essas negatividades e em vez disso olham para o Eu Superior. Dessa forma, os conflitos desaparecerão. Essa mudança de atitude é chamada de “esvaziamento” dos pensamentos negativo. No momento em que tais ideias e sentimentos negativos surgem, em vez de se usar o método do caminho longo, concentrando-se no tipo oposto de pensamento, tal como a calma ao invés da raiva, no caminho breve simplesmente deixa-se cair a ideia negativa para dentro do Vazio, do Nada, e esquece-se disso. Agora, tal mudança somente poderá ser realizada se for feita com rapidez e firmeza e virando-se para o Eu Superior. A constante lembrança do Eu Superior deve ser praticada durante todo o trajeto do caminho breve. O caminho longo trabalha no ego, mas o caminho breve usa o resultado desse trabalho, o qual as preparou para entrar em comunhão com o Eu Superior e tornarem-se receptivas à sua presença, a qual inclui a graça do Eu Superior. A fim de compreender o caminho breve, poderá ser útil compará-lo com o caminho longo o qual consiste de uma série de exercícios e esforços que gradualmente vai desenvolvendo a concentração, o caráter e o conhecimento. Contudo, o caminho longo não conduz para a meta. No caminho longo muitas vezes você mede seu próprio progresso. É um caminho sem fim porque sempre haverá novas circunstâncias que trazem novas tentações e provações, as quais confrontam o aspirante com novos desafios. Não importa o quão

espiritual o ego se torna, ele não entra na luz mais branca, apenas permanecendo na luz acinzentada. No caminho longo você deve lidar com a interferência de impulsos decorrentes do eu inferior e sua negatividade que vêm do meio ambiente circundante. No entanto, os esforços do caminho longo irão no final invocar a graça, a qual abre a perspectiva para o caminho breve.

O caminho breve não é um exercício, mas um ponto de vista interno para invocar, um estado de consciência, onde se chega mais perto, ou onde se encontra a paz no Eu Superior. Há, no entanto, dois exercícios que podem nos ajudar, guiando-nos para o caminho breve, mas eles têm uma característica bastante diferente dos exercícios do caminho longo. O caminho breve leva menos tempo porque o aspirante volta-se diretamente para a meta. O caminho breve significa que você começa a lembrar-se de viver na atmosfera rarefeita do Eu Superior em vez de estar preocupado com o ego, medindo seu desenvolvimento espiritual. Você aprende a confiar cada vez mais no Poder Superior. No caminho breve você ignora a negatividade e dá uma reviravolta de 180 graus, do ego para o Eu Superior. As visitas do Eu Superior são anunciadas através de um sentimento devocional, mas também, através da ação e de pensamento intuitivos. Muitas vezes, os dois caminhos podem ser trilhados simultaneamente, mas não necessariamente de forma igual.

Muitas vezes, o aspirante não está pronto para iniciar esses dois exercícios até que experiencie um ou vários vislumbres do Eu Superior.

O “ exercício da relembração ” consiste em tentar lembrar o vislumbre do Eu Superior, não apenas durante determinados períodos de meditação, mas também, em todos os momentos da vida quotidiana – da mesma forma como uma mãe que perdeu seu filho não consegue deixar de pensar nele independentemente do que ela está fazendo na vida exterior; ou como um amante que constantemente mantém a imagem viva do amado no fundo de sua mente. De maneira, você mantém a memória do Eu Superior viva durante esse exercício e deixa-a brilhar como plano de fundo enquanto você vai fazer o seu trabalho diário. No entanto, a essência do exercício não deve ser perdida; não deve ser algo mecânico e frio. Mais tarde poderá surgir o momento em que a relembração deixará de ser um exercício, consciente e deliberadamente desejado. Ela passará por si só, a um estado de ser, que poderá ser mantido sem a ajuda da vontade do ego.

A relembração do Eu Superior é uma preparação necessária para o segundo exercício, no qual você tenta imediatamente identificar-se com o Eu Superior. Assim como um ator que se identifica com o papel que desempenha no palco, você age, *pensa* e vive durante a vida diária “ como se ” *você* fosse o Eu Superior. Este exercício não é meramente intelectual, incluindo também, os sentimentos e a ação intuitiva. É um ato de imaginação criativa, no qual você ao identificar-se totalmente com o papel do Eu Superior você torna possível que a graça dele entre cada vez mais em sua vida. (23-5-2)

Uma vez que nos tornamos conscientes desta verdade, caem a vendas de nossos olhos. Abrimos mão do apego na crença errônea da limitação. Nós nos recusamos a dar atenção a essa falsa ideia de que existe uma elevada condição a ser atingida em um futuro distante. Estamos determinados a que o Eu se reconheça a si mesmo *agora*. Esperar pelo quê? Vamos empilhar todos os nossos pensamentos sobre a Realidade e prendê-los como se estivessem pendurados por um grampo; ela não irá nos escapar e os pensamentos irão se dissolver e desaparecer no ar, deixando-nos a sós com a beleza e a sublimação do Eu. (23-5-204)

Neste momento, no aqui-e-agora, soltando o passado e o futuro, buscando a consciência pura em si e não as identificações que se confundem com ela, das quais eventualmente ela terá que se libertar – neste momento, o homem poderá afirmar o seu verdadeiro ser e se certificar de sua verdadeira iluminação, sem qualquer menção a um tempo futuro. (24-3-256)

Eis a objeção! Porquê buscar o Eu Superior, se já o somos? Sim, é por esse motivo que chega um determinado momento em que a busca intencionalmente deliberada do Eu Superior tem que ser abandonada. Paradoxalmente, muitas vezes, o buscador sempre que tem um Vislumbre, desiste da busca, pois nesses momentos ele sabe que ele é, sempre foi e sempre será o Real; não havendo nada de novo a ser adquirido ou procurado. Quem deveria buscar o quê? No entanto, permanece o fato de que após cada Vislumbre, as velhas tendências da forma de pensar crescem e dominam a mente, fazendo-a perder a introspecção e colocando-a novamente na busca. Enquanto isso acontece, ele deve continuar a busca, com a diferença, de que ele, agora, já não mais procura às cegas, como antigamente, em que ele acreditava que era um ego tentando se transformar no Eu Superior; tentando chegar a uma nova realização temporal através de estágios evolutivos. Não! O buscador através da compreensão do Caminho Breve busca de forma consciente, não querendo viver mais uma experiência, uma vez que o querer e o experimentar desviam-no do Eu essencial. Ele pensa e age como se fosse aquele Eu superior, trazendo-o de volta para Ele. É a libertação do pensar aprisionado no tempo, uma realização de um fato atemporal. (23-6-110)

À medida em que o homem progride na ideia do desapegar-se dos resultados e posses, ele inevitavelmente terá que progredir na ideia de estar desapegado da preocupação com seu próprio desenvolvimento espiritual. Se ele estiver disposto a renunciar ao ego, ele terá também que desistir de suas tentativas de melhorá-lo. Isto aplica-se tanto ao seu caráter quanto às suas ideias. (24-3-200)

Algo que deve estar firmemente gravado na mente do estudante, sobre o Caminho Breve, é que o seu sucesso depende da quantidade de amor que o homem coloca em sua meta. Se ele já teve momentos de Vislumbre do Eu Superior e tendo-se apaixonado por Ele, mais do que por qualquer outra coisa, o estudante vai ser capaz de cumprir o requisito básico para todas as

técnicas do Caminho Breve, mas sem a entrega total do coração, ele seguramente falhará. (23-1-90)

Quando um homem conscientemente clama pela união com o Eu Superior, ele inconscientemente aceita a condição de que dela advém, que é a de se entregar totalmente ao Eu Superior. Portanto, o homem quando ansioso por viver feliz para sempre com o objeto desejado e, sendo esse objeto subitamente retirado dele e seu desejo frustrado, não deveria queixar-se. Ele foi levado a sério. Porque um outro amor estava entre ele e o Eu Superior, a obstrução teve que ser removida para que a união tivesse que ser aperfeiçoada; ele teve que sacrificar um, a fim de possuir o outro. O seu grau de apego para com o amor menor foi mostrado pelo grau de seu sofrimento ao ter sido retirado; aceitando esse sofrimento como um instrutor, sem ressentimento, ele será conduzido no caminho para a verdadeira alegria. (18-4-138)

São João da Cruz deu o seguinte conselho: “ Entre no seu coração e trabalhe na presença de Deus, que aí se encontra sempre presente para ajudá-lo. *Fixe sua atenção amorosa Nele, sem qualquer desejo de sentir ou ouvir qualquer coisa de Deus.* ” Poderá ser pedido a um iniciante aplicar tais palavras? Somente uma pessoa em um estágio mais avançado é que está propensa a responder a elas; ou, aquelas pessoas a quem foi falado sobre o Caminho Breve e têm estudado a sua natureza e tentado encaixá-las em seu trabalho interior – quer sejam essas pessoas iniciantes ou proficientes - podem, também, colocá-las em prática. (23-1-66)

Enquanto se está dando toda a atenção ao Eu Superior, ou à sua lembrança, ou aos seus vários aspectos, ou para a ideia dele, o buscador esquece-se de si mesmo. Isso faz com que seja possível transcender o ego. E é por isso que o Caminho Breve *deve* ser percorrido se o trabalho preparatório do outro Caminho estiver em vias de ser concluído. (23-4-2)

O homem que pensa em si mesmo ao invés de pensar no Eu Superior, quando está praticando o exercício do Caminho Breve, é incapaz de esquecer seu pequeno ego, é um traidor desse Caminho. (23-2-48)

Esta é a maravilha do Caminho Breve – que nos ensina a recusar de imediato cada pensamento que nos leva a identificar com o eu débil e indigno. Esta é a alegria do Caminho Breve – que nos impulsiona a aceitar e a preservar somente os pensamentos que nos identificam diretamente com o Eu Superior forte e divino Eu Superior, ou aqueles que refletem sua bondade e sabedoria. (23-1-143)

Se cada ataque de força contrária, cada tentação que seduz uma fraqueza, é instantaneamente confrontada com uma atitude do Caminho Breve, o buscador, terá uma chance infinitamente melhor de superá-las. O segredo é lembrar-se do Eu Superior, e entregar a luta para ELE. Então

o que o buscador não for capaz de conquistar por si mesmo, será facilmente conquistado *para ele* através do poder superior. (6-1-68)

No Caminho Breve, ao invés de atacar o eu inferior, ele eleva-se até a presença do Mais Alto. O mal nele poderá então dissipar-se por si mesmo. (23-1-132)

Esse é o conceito que governa o Caminho Breve: que o buscador está na Quietude, do ser central o tempo todo, quer o buscador saiba ou não, que o buscador nunca a deixou e nunca a poderá deixar. E, isso é assim, mesmo numa vida de fracasso e de desespero. (23-1-8)

Quanto mais ele pratica a identificação com o atemporal *Agora* (e não com o passageiro “*agora*”), mais ele trabalha pela verdadeira liberdade das paixões aflitivas e dos apegos que o arrastam. Este é o Caminho Breve, talvez o mais heroico, mas no final muito mais agradável que o Caminho Longo. (23-5-217)

Por que será o Caminho Breve uma via melhor do que o Longo, para se obter a Graça? A razão não é somente de que ele – o Caminho Breve – não está ocupado com o ego, mas também que ele continuamente mantém a lembrança do Eu Superior. Ele faz isso com um coração que se dá e está aberto para receber o amor. O buscador pensa no Eu Superior durante todo o dia. Assim, ele não só se aproxima da fonte pela qual a Graça está sendo perpetuamente irradiada, mas também está repetidamente convidando a Graça através de cada lembrança amorosa. (23-6-149)

É possível que o homem possa cair na crença equivocada de que ao se ter aliviado dos deveres e labutas do Caminho Longo, ele nada mais tem a fazer do que entregar-se ao inerte sonhar e ao otimismo preguiçoso. Não - ele tomou para si novos deveres e outras labutas, mesmo que sejam de tipo diferente. Ele tem que aprender o verdadeiro significado de “orar sem cessar,” bem como a sua prática. Ele tem que meditar vinte vezes por dia, mesmo que cada sessão não seja mais do que um ou dois minutos. Ele tem que recordar-se de si mesmo, de sua divindade essencial, uma centena de vezes ao dia. Tudo isso exige um trabalho incessante e esforço determinado, para exercitar a energia e o zelo. (23-6-206)

As atitudes de reverência, mesmo as de admiração, devoção e adoração, não devem ser eliminadas apenas porque ele está praticando o Caminho Breve. Ele – o Caminho Breve – é ainda uma técnica apesar dele incorporar a premissa da não-dualidade. (23-1-117)

A maioria dos ensinamentos do Caminho Breve carecem de uma cosmogonia. Eles evitam o fato de que Deus está e deve estar, presente no plano da manifestação expressando-se através de todo o universo. Por quê? (23-2-19)

O Caminho Breve é, em essência, a prática incessante de estar sempre relembrando de permanecer na Quietude, pois isso é o que ele realmente é em seu mais profundo ser e onde ele encontra a Mente do Mundo. (23-1-97)

Deus está em seu próprio ser. Conhecê-lo como algo à parte ou longínquo no tempo e distância ou como um objeto fora e separado de si mesmo – este não é o Caminho – impossível. Jesus revelou o segredo: Ele está dentro de você. (25-1-50)

Apegar-se a um guru, a um avatar, a uma religião, a uma crença, significa apenas ver as estrelas. Colocar a nossa fé no Ser Infinito e na sua presença dentro do coração, é ver o próprio céu em sua vasta imensidão. As estrelas vêm e vão, se desintegram e desaparecerão, mas o céu permanece. (28-2-104)

Quando todos os pensamentos do homem são colocados juntos, esse conjunto em sua totalidade constitui seu ego. Entregando-os à Quietude, ele desiste de seu ego e nega o seu eu, como na frase de Jesus.

A fim de ser ajudado, o devoto do Caminho Breve deve possuir uma fé sem limites no poder do Eu Superior – ou seja, fé, na sua existência e na eficácia de sua Graça. (23-1-121)

Ele deve invocar para si um novo poder – e um poder superior – a Graça. Ele precisa da sua ajuda. Pois o ego não vai voluntariamente desistir de sua soberania, por mais que ele se preocupe com as questões espirituais e até mesmo com o seu crescimento espiritual. (23-4-59)

Não é pela vontade própria de seu ego que ele conseguirá apoderar-se dessa joia, mas somente pela Graça, substituindo aquela outra Consciência pela consciência de seu ego. (23-4-93)

Não se encontra no poder homem ganhar mais do que um vislumbre dessa vida divina. Se é para ele se estabelecer firmemente e de forma duradoura nela, então a descida da graça é absolutamente necessária. Os métodos artificiais nunca farão isso acontecer. Ritos, sacrifícios e artes mágicas, quebrando-a cabeça com Zen Koans ou debruçando-se sobre os mais recentes livros, nunca vão trazer esse vislumbre. (18-5-100)

O aspirante espiritual comum é excessivamente egocêntrico. Isso acontece porque ele está tão preocupado com o seu próprio desenvolvimento, com a sua própria autocorreção e com as suas próprias necessidades espirituais que ele tende a esquecer uma verdade vitalmente importante. Verdade essa, que é a última batalha a ser travada na Busca – a batalha que finalmente e por completo conduz o ego sob o comando do Eu Superior – é refletida em menor escala, nas batalhas anteriores da Busca. Essa batalha não pode jamais ser ganha pelo próprio aspirante, pela simples e suficiente razão de que o ego não está disposto a cometer suicídio, ou de outra forma, o

ego é incapaz de se elevar a si mesmo a um plano de não-existência. A vitória final só poderá vir pela concessão da Graça do Eu Superior, o qual por si só pode efetuar esse aparente milagre. Para atrair essa Graça o buscador necessita afastar-se do seu egocentrismo, em direção ao seu total oposto – a preocupação com o Eu Superior. Ele deverá somente pensar no Divino, na infinitude e na eternidade do Poder Superior e por um tempo esquecer tudo sobre o seu desenvolvimento pessoal. (23-4-70)

Quanto mais perto ele chega do Eu Superior, mais ativamente a Graça é capaz de operar nele. A razão para isso acontecer está na própria natureza da Graça, uma vez que ela nada mais é do que uma força benigna que emana do Eu Superior. Ela está sempre lá, mas é impedida de entrar em sua consciência pelo domínio da natureza animal e do ego. Quando esse domínio é suficientemente quebrado a Graça entra cada vez mais frequentemente em ação, através de Vislumbres e de outras formas. (18-5-101)

Quando ele desloca o centro do seu interesse, do ego para a Quietude, sua vida começa a gerenciar-se por si mesma. Acontecimentos que lhe dizem respeito surgem sem que para isso, ele faça absolutamente nada. (23-1-150)

O Caminho Breve torna os milagres possíveis porque ele conduz através do portão do atemporal, do sem- futuro, do sem passado Agora. (23-1-164)

A aspiração que não é apenas um vago e ocasional desejo, mas sim, um estável, firme e intenso anseio estabelecido pelo Eu Superior, é um requisito básico. Tal aspiração significa estar faminto pela consciência do Eu Superior, ter sede por experienciar o Eu Superior, o chamado para a união com o Eu Superior. É um verdadeiro poder que nos eleva, o qual nos ajuda a abandonar o ego mais rapidamente e o qual atrai a Graça. A aspiração terá estes efeitos desejáveis, na mesma proporção em que é intensamente sentida e se não for misturada com outros desejos pessoais. (18-1-53)

Se você não está tendo nenhum resultado, nenhuma mudança externa, é porque você não está *praticando*. Você está dependente do pequeno e débil ego. Cultive incessantemente a ideia de que o Eu Superior provê e coloque-se na dependência de seu poder superior. Mas não tente fazer isso antes de você ter estudado e aproveitado as lições das circunstâncias existentes. (23-4-169)

Se ele estiver disposto a procurá-las, ele encontrará as obras ocultas do ego nos recantos mais improváveis, inclusive no seio de suas mais altas aspirações espirituais. O ego não está disposto a morrer e chega mesmo a acolher esse grande atrito em seu âmbito, se essa for a sua única forma de escapar à morte. Uma vez que o ego é, necessariamente, o elemento ativo nestas tentativas de autoaperfeiçoamento, visto que ele estará em melhor posição para assegurar-se de que elas possam terminar numa aparente vitória, mas a qual não é a real. A segunda só pode ser

alcançada pela direta confrontação e chacina do ego, sob a inspiração da Graça. Isto é bem diferente do que enfrentar e massacrar qualquer uma das suas muito variadas expressões de fraquezas e falhas. Elas não são de modo nenhum a mesma coisa. Essas expressões são os ramos, mas o ego é a raiz. Portanto, quando o aspirante se cansa dessa interminável batalha do Caminho Longo com sua natureza inferior, a qual pode ser conquistada em uma expressão apenas para aparecer em uma nova, ele fica desgastado pelas autodecepções nas mais agradáveis realizações imaginadas do Caminho Breve. Então ele estará pronto para tentar o último e único recurso. Aqui, finalmente, ele chega no próprio ego, entregando-o completamente, em vez de se preocupar com os seus inúmeros disfarces- os quais podem ser feios como a inveja, ou atraente, como a virtude. (8-4-164)

A natureza não pode ser apressada. O desabrochar de uma flor se dá em seu devido tempo. Se o Caminho Breve produz resultados imediatos ou rápidos para alguns aspirantes, é apenas porque eles são pessoas de desenvolvimento superior. Eles já cumpriram o seu aprendizado no Caminho Longo, seja nesta vida ou em outras vidas passadas. (23-4-9)

Pense mais profundamente do que as massas convencionais de seguidores-de-guru se atrevem a fazer e, você irá perceber que, no final, há apenas um Maestro para cada homem, o seu próprio Eu Superior; que todos os outros e externos gurus são apenas canais que ELE usa. “ É Ele que vive dentro de nós e que fala através da voz do guru externo ”, declara um texto tibetano. Por que não ir direto à fonte? (1-6-821)

O homem do Caminho Breve não deveria depender de autoridades, escrituras, normas, regulamentos, organizações, gurus ou obras. Sua história passada pode externamente impor-lhe uma associação dessa natureza, mas internamente ele vai procurar libertar-se dela. Pois o seu objectivo final é chegar a um ponto onde nenhum intérprete, nenhum médium, ou transmissor se intrometa entre ele e o Eu Superior. (23-1-83)

O Eu Superior pega os pensamentos do buscador acerca do Eu Superior, embora por mais limitados e remotos que sejam e os guia cada vez mais perto do seu próprio elevado nível. Tal pensamento iluminado não é igual ao pensamento comum. Sua elevada qualidade e profundidade mística são imensamente superiores. Mas quando seus pensamentos não podem ir mais longe, a Graça do Eu Superior toca-os e silencia-os. Naquele momento ele *sabe*. (4-4-18)

O Caminho Breve oferece um desdobramento mais veloz da consciência intuitiva. Ele não é tão ligado à limitação de tempo como o Caminho Longo. Ele destina-se a identificar o homem *agora* com o seu eu superior. (23-5-76)

Porquê criar frustrações desnecessárias movidas por uma atitude demasiada ansiosa através de uma excessiva atividade espiritual? Inclusive agora você está nas mãos do Eu Superior e se a

aspiração fundamental estiver presente, o seu desenvolvimento irá continuar sem que você tenha que estar ansioso por isso. Liberte-se do fardo. Não se torne uma vítima de demasiadas sugestões adquiridas por ler muita literatura espiritual, criando com isso uma concepção artificial de iluminação. Assim como, muita leitura de literatura médica por um leigo pode torná-lo vítima de tendências hipocondríacas. Não fique satisfeito com a espiritualidade autoconsciente, a qual vem do crescimento forçado e de um severo não natural ascetismo, ou por assistir egocetricamente ao seu progresso pessoal. Esta é uma melhor e verdadeira espiritualidade, que é natural, tão natural como acordar do sono; que não é forçada, porque não é o resultado de seguir uma técnica e práticas de exercícios; que é inconsciente e que cresce, desabrochando como a flor; a qual é atraída pela beleza, pelo calor e pela paz do eu superior. (23-5-232)

O período do esforço ativo está no fim; agora o período que se segue é o da espera passiva. Sem qualquer ato de sua parte e sem qualquer movimento mental de sua autoria, a Graça o atrai para o próximo estágio superior e, milagrosamente, coloca-o lá onde ele há tanto tempo desejava estar. Denota ser a ausência de autoesforço neste estágio, assim, como toda a tarefa é retirada de suas mãos. (23-7-242)

Em seus estágios avançados o Caminho Breve não é, definitivamente, caminho algum. Ele tem toda a liberdade do ar e do mar. (23-1-110)

Capítulo 2: O Caminho Longo

Como Preparação

SE A GRAÇA do Eu Superior é tomar conta do homem, nenhuma parte de seu ego deveria oferecer resistência. É por isso que a preparação para este evento é necessária, um processo de despojar de si tudo aquilo que certamente instigará tal resistência. Em outras palavras, a atividade do Caminho Longo é necessária para uma bem-sucedida marcha no Caminho Breve. (23-4-21)

Seria maravilhoso se todos, em toda parte, pudessem tão facilmente entrar no reino dos céus e lá, de igual modo facilmente permanecerem para sempre. Contudo, infelizmente, os fatos da natureza humana proíbem isso. As pessoas necessitam de ensinamento, treinamento, purificação, disciplina e preparação, antes que elas o possam fazer. E o percurso necessário leva o tempo de uma vida, um trabalho muito necessário e variado. É por isso que o Caminho Longo é necessário. (23-4-1)

A “ purificação ” que o estudante há de buscar através do Caminho Longo não é do tipo limitada e intolerante, a qual muitas vezes é denominada por esse nome. Não é de todo uma mera negação rigorosa do instinto sexual. É uma limpeza da consciência, da sua vida mental, da sua vida emocional e até mesmo de sua condição física. O seu objetivo é preparar a sua consciência para que ela possa receber a verdade, sem deflexão, deformação ou bloqueá-la. Inevitavelmente, o trabalho mais importante e sempre o mais difícil nessa direção será a eliminação da tirania do ego. (23-4-26)

Cada pensamento negativo e cada desejo inferior é um obstáculo à realização da consciência superior. É por isso que é necessário o trabalho do Caminho Longo, pois ele destina-se a remover todos esses obstáculos. Como pode alguém convidar essa Consciência a morar dentro de um corpo escravizados pela luxúria ou dentro de uma mente obscurecida por ódios? (23-4-36)

Apesar da possibilidade de descobrir e ter consciência do Eu Superior e da possibilidade de se estabelecer nele tenha sempre estado presente em cada homem e a cada momento, a sua probabilidade não. Pois ele tem que desenvolver o equipamento para o amadurecer de sua parte

animal, *através* da experiência recolhida pelo homem para esse completo estado de plena união com o seu mais elevado ser. O primitivo pode obter o vislumbre e o faz, mas este é apenas um começo, não é um fim. O ensino preferido pelos metafísicos indianos de que nós viemos de Deus e retornaremos à Deus, é uma excessiva simplificação, o que geralmente leva a mal-entendidos. Então, toda essa longa peregrinação com os seus sofrimentos torna-se num inútil desperdício de tempo e num estúpido consumo de energia - se não for da nossa parte, então, por parte de Deus. É como bater a cabeça contra uma parede, a fim de vivenciar o alívio que se segue quando a ação acaba. Na ausência de uma cosmogonia os defensores desse ensinamento são compelidos a justificar o propósito de todo este vasto universo como um não-propósito, usando o termo *maya*, cujo um dos seus dois significados é o “mistério.” O Ser Infinito, cuja Consciência e Poder está além da história do universo, pode em si mesmo não ter história. Pois ele está além do tempo, evolução, mudança, desenvolvimento, pode não ter propósito algum que seja lucrativo para si mesmo, não pode ser objeto do pensamento humano de forma correta porque ele transcende completamente as limitações de tal pensamento. Contudo, tudo isso não quer dizer que a atividade da Mente do Mundo é sem sentido, sem ideias e infrutífera. É precisamente o caso contrário. (26-4-258)

Os estudantes que finalmente chegaram à filosofia vindos da filosofia Advaita *Vedanta* da Índia, trazem com eles a crença de que a alma divina, tendo de alguma forma perdido a sua consciência, está agora, novamente, tentando tornar-se autoconsciente. Eles assumem que a origem e o fim do ego estão no mesmo nível – divindade – e, portanto, a questão do porquê se deve ir adiante em uma jornada tão longa e desnecessária, é frequentemente colocada. Esta questão é mal compreendida. Não é o ego em si mesmo, o qual jamais foi conscientemente divino, mas sim a sua fonte, o Eu Superior. O caráter divino do ego encontra-se em seu essencial, mas escondido ser; mas ele nunca soube disso. O propósito da experiência adquirida (o processo evolutivo) é precisamente trazer o ego para tal consciência. O ego vem de um lento nascimento da total inconsciência para a limitada consciência e, mais tarde, chega ao reconhecimento e união com a sua fonte infinita. Fonte essa, de onde ele emanou, que permanece intocada e não afetada, um eterno saber e um sereno testemunhar. O propósito desta evolução é o próprio desenvolvimento do ego. Quando a Busca é alcançada, o Eu Superior revela a sua presença, inicialmente de forma irregular e intermitente, mas depois o jogo do esconde-esconde termina em uma união amorosa. (26-4-256)

Quase todo o mundo, provavelmente escolhe um caminho que evita toda a longa disciplina mental e emocional, toda a mudança austera dos hábitos físicos, e que ainda assim conduza rapidamente o aspirante à meta, proporcionando-lhe em plenitude, suas gloriosas recompensas. Esta é uma escolha perdoável e aparentemente sensata. Contudo, a observação e a experiência, o estudo e a pesquisa, mostram que tal caminho só existe em teoria, não de fato; que os seus dramáticos sucessos são casos raros, de uns poucos gênios; a maior parte daqueles que optam por esta via aparentemente fácil e curta, chegam, se chegarem, a um estado de intoxicação intelectual

e pseudoiluminação. Mesmo que, a recompensa através dessa prática do Caminho Breve seja um genuíno Vislumbre, eles acreditam erroneamente de que ele seja o Fim do Caminho e param todo o esforço adicional para crescer. (23-2-59)

Aqueles que acreditam no Caminho Breve da súbita realização, assim como o que se sucedeu com Ramana Maharshi e com os intelectuais do quebra-cabeças koan do zen budismo, confundem o primeiro lampejo de insight que a tudo desestabiliza tão gloriosamente com o último lampejo, o qual a tudo estabiliza ainda mais gloriosamente. O discípulo que quer algo em troca de nada, que espera chegar à meta sem estar ocupado com suas árduas caminhadas até o fim, ele não vai conseguir. Ele tem que se deslocar de um ponto de vista para um ponto de vista superior, de sua luta com as fraquezas até a sua mestria. Somente, quando ele fizer por si mesmo, o que ele deveria ter feito, é que ele pode cessar seus esforços, ficar quieto e aguardar o influxo da Graça. Então é que vem a luz e o segundo nascimento. (23-2-65)

Aquele inspirado e excelente livrinho, do Irmão Lawrence *A Prática da Presença de Deus*, é um exemplo dos ensinamentos do Caminho Breve. O biógrafo contemporâneo de Lawrence escreve; “Ele jamais poderá controlar a sua devoção por certos métodos como alguns fazem... No início ele meditou por algum tempo, mas depois parou.” Ele pensou que “todas as autoflagelações e outros exercícios são inúteis”, a não ser que eles sirvam para chegar à união com Deus através amor.” Deste modo, está muito bem para o Irmão Lawrence em desacreditar essas técnicas e dizer aos aspirantes que a sua oração ou método era simplesmente um sentir da presença de Deus. Ele próprio não precisava de nada mais do que dar atenção ao que já estava presente, existindo nele. No entanto quantos aspirantes medianos são tão afortunados, quantos já possuem naturalmente essa sensibilidade? Não será esta, uma comum experiência, resultante de uma longa e prévia labuta e sacrifício; um efeito e não uma causa? (23-2-68)

Muitas fixações criadas no passado têm de ser removidas antes que possamos verdadeiramente viver no presente. Este é o trabalho do Caminho Longo. (23-4-16)

O que ou quem está buscando a iluminação? Não pode ser o Eu mais elevado, pois ele é em si mesmo da mesma natureza que a Luz. Então, somente nos resta o ego! Este ego, o objeto de tantas denúncias e difamações, é o ser que, uma vez transformado, ganhará a verdade e encontrará a Realidade, mesmo que no final ela tenha que entregar-se totalmente, como preço a ser pago. (8-4-435)

Outra razão para a necessidade do trabalho preparatório do Caminho Longo é que a mente, os nervos, as emoções e o corpo do homem deverão ser gradualmente capazes de sustentar o fluxo da Força Solar ou a Energia-Espírito. (23-4-35)

Como Limitação

Existem certos padrões de pensamento que refletem a ideia de que a realização desse objetivo é quase impossível e que a preparação e a purificação necessárias não poderiam ser terminadas nem pela metade, em uma vida inteira. Se esses padrões são mantidos por um longo período de anos, eles fornecem-lhe sugestões poderosas de limitação. Assim, a própria instrução ou ensinamento que deveriam supostamente ajudá-lo em seu progresso, na verdade, prejudicam-no e emocionalmente obstruí-lo. Sua crença de que o caráter deve ser melhorado, que suas fraquezas devem ser corrigidas e que o ego deve ser combatido, ele tolda de tal maneira a sua visão, que oblitera a verdade igualmente necessária de que a Graça está sempre à mão e, que o buscador deveria invocá-la através de certas práticas e atitudes. (23-2-109)

O homem no Caminho Longo chega a um ponto onde ele tende a exagerar os requisitos do Caminho ou praticá-los de forma desequilibrada. Ele é, então, excessivamente autoconsciente, demasiado atormentado pela culpa, oscilando entre indulgência e remorso. Somente quando seus esforços parecem ser fúteis e sua mente se torna desorientada, somente quando a exaustão o leva a desistir é que ele desiste da tensão que ela provoca. Uma vez relaxado, espontaneamente liberto, a porta finalmente se abre para a graça entrar. Na luz da graça, ele poderá ver que em certo sentido, ele andou correndo em círculos, porque ele estava dando voltas dentro de seu próprio ego. (23-4-135)

O Caminho Longo, apesar de seus magníficos ideais de autoaperfeiçoamento e de autocontrole, ainda é ainda egoísta. Pois essa determinação de subir espiritualmente é dirigida pela *voluntariosa* ambição - determinada pela parte superior do ego. (23-2-105)

Os processos e procedimentos do Caminho Longo requerem tempo. Porém o Eu Superior está fora do tempo. Identificar-se com eles é fechar-se para o Eu Superior. É, conseqüentemente necessário quando um certo ponto é atingido - quer seja pela experiência ou pela preparação ou pela compreensão – abandonar o Caminho Longo e tomar o Caminho Breve, com sua ênfase em viver no Eterno Agora. (23-4-144)

O aspirante que frequentemente mede o quão longe ele avançou ou retrocedeu, neste caminho, ou quanto tempo ele ficou parado, está buscando algo a ser ganho para si mesmo, está olhando o tempo todo para si mesmo. Ele está medindo o ego em vez de tentar transcendê-lo completamente. Ele está grudado em si mesmo, em vez de obedecer a injunção de Jesus para negá-lo. Olhando para o ego, ele involuntariamente, fica de costas voltadas para o Eu Superior. Se é para ele alguma vez se tornar iluminado ele deve virar-se, cessar essa automedicação sem fim, parar de se agitar com os pequenos passos para a frente ou para trás, deixando todos os

pensamentos sobre seu próprio atraso ou grandeza cessar e olhar diretamente para a própria meta. (2-2-45)

O Caminho Longo mantém a mente continuamente *buscando*, quer para uma santidade aumentada ou uma verdade ampliada. Nunca está tranquilo, satisfeito, em paz. (23-2-114)

Embora o ego reivindique estar engajado em uma guerra contra si mesmo, podemos estar certos de que ele não tem intenção de permitir que uma verdadeira vitória seja alcançada, mas apenas uma pseudovitória. A mente simples e consciente não é páreo para tal astúcia. Esta é uma das razões pela qual entre tantos buscadores espirituais, somente uns poucos é que realmente alcançam a união com o Eu Superior; porque mestres que se enganam a si mesmos, em breve obtêm seguidores enquanto que os verdadeiros são deixados em paz, imperturbáveis com tal avidez. (8-4-316)

A via do Caminho Longo é um esforço para abstrai-lo dos laços do apetite físico e da paixão que impedem o seu livre pensamento e seu sentimento equilibrado. É um esforço de desenredar. Porém dada a sua própria natureza, esta é apenas uma realização negativa. Deve ser seguida por uma positiva. Esta última deve permitir ao homem cumprir com o seu propósito maior de vida, no meio da mundana atividade humana, permitindo-lhe, contudo, manter a liberdade que ele ganhou através da autodisciplina. É aí que reside a superioridade do Caminho Breve. (23-4-40)

No fim, ele acaba por reconhecer a sua ineficácia e incapacidade, por admitir que ele não pode adequadamente, esperar ter sucesso na busca através de seus próprios esforços ou através de suas próprias qualidades. Isso pode torná-lo infeliz, mas pode também oferecer a oportunidade dele se tornar verdadeiramente humilde. (23-4-118)

No começo o buscador aprende que ele é pessoalmente responsável por seus pensamentos e ações, por seus próprios resultados nele e fora dele, em seu destino. Deste modo, se ele aceitar esta verdade e trabalhá-la no Caminho Longo ele é levado à descoberta do Caminho Breve e, que ele é da responsabilidade de Deus. (23-4-42)

O final de todos os seus esforços no Caminho Longo será a descoberta de que, embora o ego possa ser refinado, diluído e disciplinado, ele ainda permanecerá altamente rarefeito e extremamente sutil. A disciplina do eu pode continuar sem parar. Não haverá fim para isso. Pois o ego será sempre capaz de encontrar maneiras de manter o aspirante ocupado no autoaperfeiçoamento, cegando-o, desta maneira, para o fato de que o eu ainda lá está por trás de todos os seus aperfeiçoamentos. Porque haveria o ego de matar a si mesmo? No entanto, a iluminação, meta pela qual ele se esforça por alcançar nunca poderá ser obtida a não ser que o ego deixe de barrar o caminho a ela. Neste momento da descoberta ele não terá alternativa, estando completamente pronto para o Caminho Breve. (23-4-119)

Capítulo 3: Transitando do Caminho Longo para o Caminho Breve

VIRÁ O TEMPO em que você terá que virar as costas para o Caminho Longo, a fim de dar a total atenção, toda a energia e tempo integral para o Caminho Breve. Através do qual vem uma nova era em que todo o interesse não é com o ego, não é com a seu melhoramento ou aperfeiçoamento, mas apenas com o divino em si mesmo e nada mais – não com a consciência superficial e todas as suas pequenas mudanças, mas com as profundezas, as profundidades divinas onde a realidade habita. Neste ponto, busque apenas o Eu Superior, viva apenas com o pensamento positivo, mantenha-se somente o tempo que você puder no silêncio sagrado em seu interior, sinta apenas aquela quietude interior a qual pertence à essência da consciência. Daqui em diante não é para você se tornar isso ou aquilo, não é para você reunir as várias virtudes, mas simplesmente para ser. Por isso, você não tem que se esforçar, você não tem que pensar, você não tem que trabalhar com nenhuma forma de yoga ou com nenhum método de meditação. (23-1-76)

Quando o corpo e sentimento são purificados por regras de disciplina, quando o intelecto é inspirado pelos exercícios de meditação, a pessoa está pronta para o Caminho Breve. (23-1-135)

Quando ele alcança esta fase, ele começará a entender que o seu maior progresso espiritual não impõe atos especiais, como regras de disciplina e exercícios de meditação – embora fossem excelentes e necessários conquanto colocados em seu devido lugar, como trabalho preparatório – mas exige simplesmente que ele se afaste e seja uma testemunha observando a vida, incluindo a sua própria vida. (23-4-140)

O Caminho Longo é ensinado aos novatos e a outros, em estágios anteriores e intermediários da busca. Isto acontece porque eles estão prontos para a ideia de autoaperfeiçoamento e não para uma ideia superior da irrealidade do eu. Assim sendo, esta última é ensinada no Caminho Breve, onde a atenção é desviada do pequeno eu e da ideia de aperfeiçoá-lo para a essência, o ser real. (23-4-6)

Se ele continua mantendo a sua atenção na luta contra a errante característica de seus pensamentos; ele pode descobrir, depois de muitas tentativas, que a tarefa parece ser impossível. Porquê isso? É porque enquanto ele estiver dando atenção ao ego, ao mesmo tempo ele está limitando-se. Deixe o aspirante se mover na direção oposta, voltando-se para o Caminho Breve; deixe os pensamentos fixarem-se no Eu Superior, sobre Sua grande quietude, Sua serena impessoalidade. O ego não vai e não pode retirar-se por si mesmo, mas sim, indo para fora de si

mesmo, para AQUILO que é a sua origem. Os pensamentos no final são levados a renderem-se ao poder que os transcende e que irá governá-los. (23-4-72)

Eles são demasiados autoconscientes sobre o seu trabalho e progresso nesta busca, sobre a sua adopção a ela e as experiências nela. Somente quando eles deixam esse Caminho Longo para o Breve é que a suas atitudes tornam-se espontâneas, não estudadas, naturais e seus sentimentos libertados da ambição, da simulação e do egocentrismo. Eles começam a “ crescer como a flor cresce ”, assim como Mabel Collins o menciona. (23-4-75)

Aqueles que olham para o progresso, procurando experiências interiores ou descobertas de uma nova verdade fazem-no bem. Contudo eles precisam entender que tudo isso ainda é pessoal, ainda é algo que diz respeito ao ego, mesmo que seja a parte superior e melhor do ego. O seu melhor avanço será realizado quando eles não mais se fixarem no desejo de fazer qualquer avanço, quando eles cessarem de olhar continuamente para si mesmos. E, em vez disso, descansarem tranquilamente no simples fato de que *Deus é*, até que eles possam viver unicamente nessa realidade. Isso irá transferir a atenção deles do eu para o Eu Superior e os manterá vendo a presença dele na vida de todos e a sua ação em todos os eventos. Quanto mais eles tiverem sucesso em manter esse insight, menos eles estarão perturbados, ou terão medo ou ficarão novamente perplexo; quanto mais eles reconhecem e descansam no caráter divino, menos eles estarão fervorosamente preocupados com seu próprio futuro espiritual. (23-5-222)

Existem duas abordagens diferentes para a tarefa; ambas são legítimas, mas uma pertence ao Caminho Longo e a outra ao Caminho Breve. A primeira é a de forçosamente controlar os sentimentos e pensamentos indesejáveis. A segunda abordagem é a de procurar a sua origem no ego e, pela compreensão dela nesse nível profundo, perder o interesse neles; e afastando-se, para de alimentá-los. (23-4-74)

O caminho para a meta não consiste unicamente na purificação do ego: ele também consiste em abandoná-lo. A primeira forma é necessária somente porque ela ajuda a tornar possível a segunda. (23-4-19)

Embora os dois Caminhos, em teoria, sejam acentuadamente divididos um do outro, em, de fato eles não raras vezes se sobrepõem. (23-5-32)

Todas as formas mais elementares, religiosas e ocultas de meditação, incluindo aquelas usadas no Caminho Longo - todas elas conduzem ao que os iogues hindus chamam *savikalpa samadhi* – em geral, temos que passar por elas; mas não devemos permanecer nelas. A pura meditação filosófica como forma última buscada e alcançada no Caminho Breve, é a de colocar a atenção diretamente no Eu Superior e em nada mais. (23-5-104)

Se você investigar o assunto com profundidade suficiente e amplitude suficiente, você vai descobrir que a felicidade ilude quase todos os homens, apesar do fato de que eles estão sempre a buscando. Os poucos e bem-sucedidos afortunados são aqueles que pararam de buscar unicamente com o ego e permitiram que a busca seja direcionada internamente por um eu mais elevado. Somente eles podem encontrar uma felicidade sem mácula ou defeitos ou falhas, um Bem Supremo que não é mais fonte de dor e tristeza, mas sim uma fonte inesgotável de satisfação e paz. (24-1-74)

É um erro acreditar que os homens podem separar-se permanentemente da vida humana normal, e eles mesmos existirem como se fossem fantasmas. Eles podem ter sucesso em fazê-lo por um período de tempo, às vezes até mesmo por uma vida, mas no final as forças bipolares que controlam o desenvolvimento vão atraí-los de volta. Tal separação não é desejada ou solicitada no Caminho Breve – como muitas vezes o é no Caminho Longo – e aqueles que o seguem podem apreciar posses físicas ou culturais e satisfações. Mas por eles serem espiritualmente maduros, existe sempre, por de trás dessa apreciação desaparego interior. (23-5-57)

É, com certeza, melhor remover falhas e remediar fraquezas do que deixá-las como estão. No entanto não é suficiente melhorar, refinar, enobrecer e mesmo espiritualizar o ego. Pois todas essas atividades se dão sob a ilusão de que o ego possui a realidade. Esta ilusão precisa ser eliminada, não apenas trocada por outra. (23-2-119)

Para se tornar o governante dos seus desejos, você deverá lutar com ele. Este é o caminho mais difícil. Ou você pode esquecê-los. Esta é a maneira mais fácil. Para seguir o Eu Superior você deve praticar a lembrança dele *constantemente*. (23-4-100)

Desta forma, ele pouco faz para se desfazer de uma fraqueza, de um desejo ou de uma paixão. Isso desaparece, se desfaz por sua própria vontade, se ele olhar para o Eu Mais Elevado, em vez de gerir o seu próprio ego para a salvação. É também, dessa maneira espontânea, que a atitude do desaparego começa a surgir em seu caráter e pouco a pouco – mas às vezes rapidamente - torna-se estabelecida. Porém aqui um aviso é necessário. Sejam quais forem as purificações ou fortalecimentos ou quaisquer outras tentativas e treinamentos para o autoaperfeiçoamento que ele já tenha sido iniciado não precisam ser descartados, desde que sejam mantidos em seu devido lugar e não lhes sejam permitidos obscurecer a visão da meta principal ou gradualmente seja desviado da direção de seu nível superior. (23-1-168)

É somente no Caminho Longo que o homem desesperadamente busca pela verdade e pelo insight. Toda aquela fervorosa ambição desaparece gradualmente no Caminho Breve, onde ele aprende a manter-se em paz e com paciência. (23-5-96)

Se o Caminho Longo começa e termina com o ego, o Caminho Breve começa com uma reviravolta de 180 graus, abrindo uma perspectiva do infinito Eu Superior. (23-1-35)

Se o Caminho Longo o equipa com a força, pureza e concentração necessárias, o Caminho Breve faz uso desses equipamentos para unir a sua consciência diretamente com o Eu Superior. (23-4-11)

Se o Caminho Longo busca a salvação principalmente através da construção do caráter e da concentração do pensamento, o Caminho Breve busca-a, principalmente, através da reverente meditação direcionada ao Eu Superior. (23-5-19)

É o ego pessoal que opera à vontade e tenta obter o resultado. Isto é bastante apropriado e pertinente na prática do Caminho Longo. Porém quando a atenção é desviada dele para o Caminho Breve, não é mais à vontade, mas sim o poder superior que deve ser procurado para obter o resultado. (23-5-113)

No Caminho Longo suas ações seguem ou tentam - ainda que mal – seguir as regras. São ações imitativas. Porém no Caminho Breve ele se torna um indivíduo, vivendo de dentro para fora. (23-5-93)

No Caminho Longo o homem está preocupado com as técnicas a serem praticadas e as disciplinas a serem submetidas. No Caminho Breve ele está preocupado com o Eu Superior, com o estudo do seu significado, a lembrança da sua presença e a reflexão sobre a sua natureza e atributos. (23-5-6)

O devoto do Caminho Longo trabalha a partir de sistemas, normas, planos e técnicas apresentadas pelos seus guias; porém o devoto do Caminho Breve não tem nenhum caminho traçado fora para ele. Ele está eternamente “ esperando no Senhor. ” (23-5-72)

O Caminho Longo traz o eu para uma crescente conscientização da sua própria força, enquanto que o Caminho Breve o traz para uma crescente conscientização da sua própria irreabilidade. Este estágio superior o conduz inevitavelmente a dar uma volta completa sobre si mesmo, onde as energias são dirigidas para a identificação com a Mente Única Infinita. Quanto mais isso é feito, mais a Graça flui por reação, para o Eu. (23-5-61)

O Caminho Longo requer um esforço contínuo da vontade, o Breve requer uma contínua, amorosa atenção. (23-5-88)

O Caminho Longo desenvolvido nele, através da yoga-meditação, a capacidade para encontrar a Quietude interior. O Caminho Breve adicionou a ele (1) o conhecimento de que a Quietude é ele próprio, e (2) a prática da contínua relembração de *ser* a Quietude. (23-4-8)

O Caminho Longo é organizado em etapas progressivas, enquanto que o Caminho Breve não o é; ele aponta para a iluminação direta, imediata e final. (23-5-98)

O Caminho Longo está dedicado a limpeza das obstruções da natureza do homem, atacando os erros em seu caráter. O Caminho Breve é dedicado às afirmativas, ao poder-de-Deus como essência e em manifestação. Ele é místico. Ele mostra como o indivíduo pode entrar em relação harmoniosa com o Eu Superior e com a Ideia-do-Mundo. O primeiro caminho mostra aos buscadores como pensar corretamente; o segundo dá poder a esses pensamentos. (23-5-1)

O praticante do Caminho Longo olha para iluminação como algo a ser alcançado no futuro, quando todos os requisitos tenham sido integralmente cumpridos, enquanto que o devoto do Caminho Breve olha para ela como sendo possível ser realizada no aqui-e-agora. (23-5-90)

O Caminho Longo é mais facilmente praticado enquanto estamos envolvidos com o mundo, o Caminho Breve enquanto estivermos retirados dele. As experiências que lhe são trazidas com as vicissitudes da vida mundana, também o desenvolvem, desde que ele seja um Buscador. Porém os temas sublimes das suas meditações no Caminho Breve requerem lugares solitários e períodos des preocupados de lazer. (23-5-65)

O Caminho Longo edifica uma atitude de desejo ardente enquanto que o Caminho Breve considera o Espírito um fato sempre-presente e por conseguinte não há necessidade de ansiar por ele! (23-5-89)

O Caminho Longo quer purificar e aperfeiçoar o ego, mas o Caminho Breve quer encontrar a Deus. O Caminho Longo lida com os pequenos detalhes de um desenho, mas o Caminho Breve lida com o próprio padrão. O Caminho Longo pega num pequeno tema, um após o outro, mas o Breve ocupa-se apenas do tema principal subjacente. Esta é, também, a diferença, bem como a distância, entre o objetivo imediato e o final. (23-5-40)

O seguidor do Caminho Longo, com sua extenuante preocupação pelo o autoaperfeiçoamento, sua compulsiva ansiedade no cumprimento dos propósitos internos da vida, pode tornar a sua vida mais difícil do que é necessário e ele próprio tornar-se sem graça. O seguidor do Caminho Breve pode dar-se ao luxo de esquecer suas lutas passadas e começar a desfrutar a vida. (23-5-63)

A via Longa também é chamada o Caminho da Terra. A via Breve também é chamada o Caminho do Sol. Isto se deve porque a terra está sujeita às mudanças sazonais sombrias, enquanto que o sol nunca varia em seu resplendor. Se o Caminho Longo é de alguma maneira austero, o Breve é notavelmente alegre. (23-5-73)

O Caminho Breve depende da naturalidade e espontaneidade – bem o oposto da disciplina e do esforço do Caminho Longo. O indivíduo que se desvia deste último, na hora certo, o faz não porque ele os despreza, nega-os ou rejeita-os, mas porque a disciplina e o esforço já não o servem. (23-4-133)

No Caminho Breve ele se torna consciente da existência do perdão. Ele deixa de lado a constante autocrítica e a autodepreciação, as meticulosas práticas de autoaperfeiçoamento do outro Caminho e começa a ter plena consciência dessa realidade salvadora. (23-5-29)

Enquanto o homem do Caminho Longo está ocupado preocupando-se com o mal em si próprio e no mundo, o homem do Caminho Breve está ocupado em sorrir ao bem no Eu Superior e na Ideia-do-Mundo. (23-5-33)

No homem do Caminho Breve não há o desejo de querer ser melhor do que ele é, não há o desejo de aperfeiçoar o seu caráter ou de purificar a sua mente; ele não tem sentido de obrigatoriedade, de retificar as distorções provocadas pelo ego, tanto em pensamento como em sentimento. (23-5-86)

Wu Wei tem um duplo significado: em primeiro lugar, deixar a Vida, a Mente, agir através de você, tornando-se quieto, livre do pensamento, e vazio do ego – você, então, não está fazendo nada, mas se deixando fazer, se deixando ser usado; em segundo lugar, perseguir impessoalmente a verdade. As formas habituais, buscam a realização pessoal, a conquista, a salvação. O aspirante pensa ou fala da “minha mente” ou da “minha purificação” ou do “meu progresso”; portanto, essas formas são egoístas, fechadas em si mesmas. Qualquer repressão de ego existente, ocorre apenas na superfície e simplesmente a impulsiona para baixo, escondendo-a no subconsciente, de onde ressurgirá mais tarde. Estes métodos são os do Caminho Longo, portanto, estão destinados a acabar em futilidade e desespero. A maneira mais profunda do *Wu Wei* é perder o ego, sem fazer nada para buscar a verdade ou para melhorar a si próprio; não adotando prática alguma; não seguindo caminho algum. O Caminho Breve transfere a realização para o Eu Superior de modo que esta realização não seja mais a sua preocupação. Isso não significa que você não se importa em encontrar ou não a verdade, porém que a ocupação normal para a sua realização, surge do desejo do ego, ou da ansiedade do ego ou da necessidade egoísta de conforto, escape ou alívio; a ocupação para sua realização no do Caminho Breve surge da quietude da mente, da serenidade da fé e da aceitação do universo. (23-5-228)

Capítulo 4: Consciência: “ Quem Sou Eu? ”

PORQUE SERÁ que tantas pessoas são tão inconscientes de sua própria existência superior? A resposta é que a faculdade de consciência delas é essa existência espiritual. O que quer que elas saibam, as pessoas sabem-no através da consciência dentro deles. Aquilo que nelas é conhecedor de algo, é o seu elemento divino. O poder de saber - quer se trate de um pensamento conhecido, um conjunto de pensamentos como as memórias, algo como uma paisagem - é um poder divino porque deriva do eu mais elevado, o qual elas possuem. (21-5-48)

É uma busca para se tornar consciente da Consciência, para explorar o “ Eu ” e penetrar no mistério de seu conhecido poder. (1-1-20)

Se queremos um certo conhecimento, em vez de uma vaga esperança, de que a resposta a esta pergunta “ Quem sou Eu? ” É “ Eu sou uma essência divina ”, devemos seguir a Busca entrando em suas disciplinas e práticas. (2-1-5)

A misteriosa pergunta “ Quem Sou Eu? ” É com certeza profundamente importante, razão pela qual ela foi colocada por Ramana Maharshi, desde o início da sua carreira. Há também uma outra questão que se pode aventurar a afirmar: “ Onde estou? ” Estou aqui no corpo carnal ou na mente invisível? (21-5-140)

Tudo aquilo o que é lembrado é um pensamento na consciência. Isto não se aplica apenas a objetos, eventos e lugares. Também se aplica às pessoas, incluindo o próprio ser, a pessoa que é lembrada, o “ Eu ” que eu era. Isto significa que a minha própria personalidade, a que eu me chamo, foi um pensamento no passado por mais forte e por mais persistente que ele fosse. Contudo o passado foi uma vez o presente. Portanto, eu agora, nada mais sou do que um pensamento. Surge a pergunta o que então eu tinha no passado e o qual ainda tenho agora, inalterado, exatamente o mesmo. Não pode ser o “ Eu ” como pessoa, pois o eu, de alguma maneira é diferente, a cada vez. É, e só pode ser, o “ Eu ” como Consciência. (8-2-3)

A compreensão de que não há dois seres humanos iguais se refere aos seus corpos e mentes. Porém isto deixa de fora a parte da sua natureza que é espiritual, que é encontrada e experimentada em profunda meditação. Nessa – na parte mais profunda de seu ser consciente – o eu pessoal desaparece; apenas a consciência-em-si mesma, o pensamento-livre, o mundo-livre, permanece. Esta é a fonte do “ Eu ” – sentimento e é experienciada exatamente igual por todos

os outros seres humanos. Esta é a parte que nunca morre, “ onde Deus e o homem podem se misturar. ” (22-3-380)

A presença está sempre lá, sempre à espera de ser reconhecida e sentida, mas o silêncio interior é necessário para tornar isso possível. E são poucas as pessoas que o possuem ou o buscam. (24-4-52)

Saber que essa consciência existe significa apenas que nós temos uma *ideia* da consciência. Nós não vemos a consciência como se ela mesma fosse um objeto, nem podemos jamais fazê-lo. Se é para conhecermos a consciência por si só, teríamos primeiro que deixar de conhecer os seus objetos, as suas reflexões no pensamento, incluindo o ego-pensamento e então, ser isso, não ver isso. (21-5-168)

Se buscarmos na parte mais profunda do nosso eu, no fim chegamos a um vazio absoluto no qual nada do mundo exterior pode refletir-se, em uma quietude divina, onde nenhuma imagem e nenhuma forma pode ser ativa. Esta é a essência do nosso ser. Este é o verdadeiro Espírito. (23-7-149)

No Vazio, o Real está oculto, lá o tempo está suspenso: o mundo inteiro e o espaço que o suspende lá se dissolvem, tudo e todos lá surgem e desaparecem. AQUILO por si só é o sempre-Real, o sempre-Ser. Isto é o que o homem deve aprender a considerar como seu próprio ser oculto, uma tarefa de re-identificação. (19-5-17)

Nesse silencioso centro há um imenso poder e uma força inquebrável. (24-4-107)

O Eu Superior percebe e conhece o eu individual, mas apenas como uma testemunha imperturbável – da mesma maneira que o sol testemunha os vários objetos na terra, mas não entra em uma relação específica com um objeto em particular. Assim também, o Eu Superior está presente como testemunha em cada ser individual e como consciência imutável, a qual proporciona consciência ao indivíduo. (22-3-338)

Existe apenas uma única luz da consciência na câmara da mente. Sem ela o mundo não poderia ser fotografado no filme do nosso ego-mente. Sem ela, o próprio ego-mente estaria apenas em branco. Essa luz é o Eu Superior. (8-1-78)

Quando o homem descobrir o poder escondido dentro de si mesmo, o qual lhe permitirá ser consciente e pensar, ele descobrirá o espírito santo, o raio da Mente Infinita iluminando sua pequena finita mente. (22-3-181)

A consciência surge como uma pessoa buscando a si mesma. Esta é a sua busca. Porém quando a pessoa aprende e compreende que ela própria é o objeto dessa busca, a pessoa para de buscar, não só fora de si mesma, mas também de se envolver na própria busca. Doravante, ela se deixa ser movida pelo fluxo do Eu Superior. (23-1-3)

Demasiadas vezes os novatos consideram as emoções sublimes, ou os poderes extraordinários ou os êxtases estáticos como medidas de realização, quando a única medida verdadeira é a “consciência”. (25-2-25)

Este é o clímax espiritual da vida de uma pessoa, este dramático momento no qual a consciência chega a reconhecer-se e a compreender-se a si mesma. (25-2-247)

Capítulo 5: O Ego e o Eu Superior: “ O Que Sou Eu? ”

O QUE NÓS GERALMENTE PENSAMOS que constitui o “ Eu ” é uma ideia que muda de ano para ano. Este é o “ eu ” pessoal. Porém o que nós sentimos, mais intimamente, como estando sempre presente em todas essas diferentes ideias do “ Eu ”, isto é, o sentido de ser, da existência, nunca muda. É isso que é o nosso verdadeiro e duradouro “ Eu ”. (8-2-1)

Pense! O que significa o “ Eu ”? Esta única e simples palavra é cheia de um inexprimível mistério. Para além do vazio infinito do qual nasce e para o qual deve retornar, ele não tem nenhum significado. O Eterno é o seu núcleo e conteúdo ocultos. (8-1-8)

Há uma poder-de-vida do qual derivam as nossas capacidades e a nossa inteligência. Ele está escondido e é intangível. Ninguém o tem visto, mas todo aquele que pensa profundamente o suficiente, pode sentir que ele lá está, sempre presente e sempre nos apoiando. Ele é o Eu Superior. (22-3-175)

O verdadeiro eu do homem está oculto em um núcleo central de quietude, um vácuo central de silêncio. Este núcleo, este vácuo ocupa apenas um pontinho na dimensão. Tudo em torno dele é um anel de pensamentos e desejos que constituem o imaginado eu, o ego. Este anel está constantemente fermentado com pensamentos frescos, mudando constantemente com novos desejos e borbulhando alternadamente, ora com alegria ou suspirando com tristeza. Enquanto que o centro está sempre em repouso, o anel em torno dele nunca está em repouso; enquanto que o centro concede a paz, o anel a destrói. (8-1-32)

Nosso apego ao ego é natural. Ele surge porque nós estamos inconscientemente ligados ao que está por trás disso, ao Eu Superior. Somente que, estamos enganados pela ignorância, ao concentrar-nos totalmente no aparente “ Eu ” e ao ignorar totalmente o invisível, o duradouro eu, do qual ele é apenas uma passageira sombra. O “ Eu ” que estremece ou desfruta no tempo-em-sequência não é o “ Eu ” real. (8-2-18)

O ego pessoal tem suas peculiaridades e minuciosidades, suas metas presentes e memórias passadas, a sua vida dentro do tempo, o seu próprio temperamento e suas especiais características. Tudo isso equivale a isto: ele é único. A individualidade é a mais alta, a mais sutil e a mais refinada, sendo mesmo a parte mais divina de ser. Está fora do tempo. É essência pura, sendo a outra uma entidade composta. Para a essência pura, as horas não passam; para a outra é

uma constante sequência, uma existência de momento-a-momento. Às vezes os homens captam um vislumbre dessa essência pura, desse outro eu, o qual realmente é o seu melhor eu; o qual não é algo a ser atingido progressivamente, uma vez que ele está sempre presente. Ela não tem, nem precisa pensamentos. A cada momento que os egos se identificam com ela é a salvação deles. Se isso nos conduz para longe dos amigos e dos familiares, de toda a conversa com as pessoas, a essência pura também nos leva para um relacionamento divino e para a comunicação com eles. (8-1-143)

Não há um ego real, mas apenas uma rápida sucessão de pensamentos que constitui o processo do “ Eu ”. Não há uma entidade separada formando a consciência pessoal, mas apenas uma série de impressões, ideias, imagens que giram em torno de um centro comum. Este último é completamente vazio; a sensação de que algo está lá provém de um plano totalmente diferente – daquele do Eu Superior. (8-2-31)

O que é o ego, senão um Eu Superior cercado por barreiras, condicionado por seus instrumentos – o corpo, os sentimentos e o intelecto – e esquecido da sua própria natureza? (8-1-6)

Que um tema para a meditação deva ser formulado na interrogativa é ao mesmo tempo uma indicação de que o tipo de meditação envolvida é intelectual. O que Eu sou? É uma pergunta simples com uma resposta complexa.

Neste exercício, você pensará repetidamente sobre o que você realmente é como sendo distinto do que você parece ser. Você vai separar a si mesmo intelectualmente, emocionalmente e volitivamente – o mais longe possível – da sua carne, dos seus desejos e dos seus pensamentos como sendo objetos da sua consciência e não a pura consciência em si mesma. Você vai começar por perguntar a si mesmo “ Quem sou Eu? ”. E, assim que você compreender que a natureza inferior não pode ser o você verdadeiro, continue perguntando a seguinte questão: “ O que sou Eu? ” Através de tais autoinvestigações e autodiscriminações frequentes, você chegará cada vez mais perto e mais perto da verdade. (4-4-36)

O Eu Superior não é meramente uma abstração intelectual transitória, mas sim uma presença eterna. Para aqueles que despertaram para a consciência dessa presença, estão sempre disponíveis o seu poder misterioso e a sua inspiração sublime. (22-2-69)

Esta benéfica, liberdade-concedida caráter-transformador, despertar-da-alma, suave Presença, é o Eu Superior. (22-3-253)

O Eu Superior não evolui e não progride. Estas são atividades que pertencem ao tempo e ao espaço. Ele não está em tempo algum e nem em nenhum espaço. Ele *está* Aqui, nesta bela e

profunda calma que permeia tudo, na qual um homem encontra a sua verdadeira identidade. (22-3-245)

Quando estamos no sono profundo não temos absolutamente nenhum sentido da existência do Tempo. Estamos então na eternidade! Quando nos tornamos plenamente convencidos do caráter ilusório do tempo e fazemos desta convicção uma atitude constante, a eternidade se revela mesmo durante o estado de vigília. Esta é a vida no Eu Superior. Isto não é o mesmo que totalizar o passado presente e o futuro; todos esses pertencem à ilusão. Essa realização concede a paz perfeita. (19-4-84)

Embora o Eu Superior não passe pelas diversas experiências da sua imperfeita imagem, o ego, no entanto, ele as testemunhas. Embora ele esteja consciente da dor e do prazer experimentados pelo corpo por si animado, ele próprio não os sente; embora desapegado das sensações físicas, ele não é ignorante delas. Por outro lado, a consciência pessoal sente-as, porque ela os considera como estados do seu próprio eu. Assim, o Eu Superior é consciente de nossas alegrias e tristezas, sem que ele mesmo as comparta. Ele está consciente da nossa experiência-sensorial sem que ele próprio seja fisicamente sensível. Aqueles que se questionam em saber como isso é possível, devem refletir que um homem desperto de um pesadelo está uma vez mais consciente através da forma de uma memória revivida do que ele sofreu e o que ele sentiu, contudo, desta vez, ele não compartilha o sofrimento nem as sensações. (22-3-337)

Se um homem pudesse retirar-se suficientemente de seu ego deixando de permitir que seus interesses e desejos os dominem, ele poderia assim, deixar que a paz triunfasse em seu coração. O verdadeiro paraíso, o reino celestial verdadeiro, o qual tem sido adiado por um ignorante clero no mundo post-mortem, tornando-se assim remoto e elusivo, está em realidade tão perto de nós como nós mesmos, e tão presente como hoje. Se é para entrarmos nele, podemos e devemos entrar enquanto ainda estamos encarnados. O paraíso não é um tempo ou um lugar, mas um estado de vida e um estágio de desenvolvimento. É a vida livre-do-ego. Não é solicitado ao ego destruir-se, mas disciplinar-se. O pessoal no homem deve viver, mas apenas como um escravo do impessoal. Essas duas identidades formam o seu eu. (8-1-208)

Ressurreição – morrer e viver de novo – é um símbolo. Significa deixar o ego e entrar no Eu Superior *em plena consciência*. (20-5-7)

Essa identificação com o melhor Eu em nós é o ideal estabelecido para todos os homens, a ser realizado através da longa experiência e de muito sofrimento ou através da aceitação da instrução, seguindo a revelação, abrindo-se à intuição, praticando a meditação e vivendo com sabedoria. E, este melhor Eu não é a parte mais virtuosa de nosso caráter – embora possa ser uma das fontes dessa virtude – mas a parte mais profunda do nosso ser, por baixo dos pensamentos, os quais zumbem como abelhas e por baixo das emoções, as quais expressam o nosso egoísmo.

A quietude sublime reina nela. Lá, naquela quietude, está a nossa identidade mais verdadeira. (1-5-18)

O caráter misterioso do Eu Superior, confunde, inevitavelmente, o intelecto. Podemos apreciá-lo melhor se aceitarmos o paradoxal fato de que ele une uma dualidade e que, por isso, há duas maneiras de pensar sobre ele, ambas corretas. Há o ser divino, o qual está inteiramente acima de todas as preocupações temporais, absoluto e universal, e há também o ser semidivino, o qual está historicamente relacionado com o ego humano. (22-3-386)

Este é o paradoxo, em que o Eu Superior é ao mesmo tempo universal e individual. Ele é o primeiro porque ele eclipsa todos os homens como um único poder. Ele é o segundo porque ele é encontrado por cada homem dentro de si mesmo. Ele é ao mesmo tempo o espaço e o ponto no espaço. Ele é o Espírito infinito e é, também, a presença sagrada no coração de todos. (22-3-384)

Por que eu escolhi “ *O que Sou Eu* ”: (1) Porque eu queria começar com a ideia de uma consciência não-Eu” em vez do próprio “ Eu ” das pessoas com o qual elas estão continuamente ocupadas; (2) Porque a palavra *Brahman* é de gênero neutro, não é masculino nem feminino. Brahman em nós é o *Atman*, o Eu - mas totalmente impessoal. O “ Que ” presta-se mais facilmente a esta impessoalidade do que “ Quem ”; (3) A resposta à pergunta “ *O que Sou Eu?* ” É múltipla, mas ela começa com “ uma parte do mundo! ” E é seguida por uma outra pergunta, “ Qual é a minha relação com este mundo? ” A resposta requer a descoberta do Mentalismo, conduzindo-a de volta através do pensamento do mundo, pensador e consciência, ao Brahman. (8-1-36)

A resposta à pergunta “Quem sou Eu?” é “Uma Alma divina.” Esta alma está relacionada com Deus e enraizada em Deus. Mas isso não nos torna equivalente a Deus. Os que dizem isso estão usando linguagem descuidada. (8-1-38)

A incapacidade do pequeno homem de entrar no conhecimento do transcendente Deus não o condena à ignorância perpétua. Pois, estando Deus presente em todas as coisas, está também presente nele. A chama está ainda na centelha. Aqui está a sua esperança e oportunidade. Assim como ele conhece sua própria identidade pessoal, também Deus se sabe Deus dentro dele como o Eu Superior. Esse divino saber *está acontecendo continuamente, quer ele esteja acordado ou dormindo, quer ele seja um ateu ou um santo*. Ele pode participar dele, mas somente quando ele consentir em submeter o seu intelecto à sua intuição. Esta não é uma condição arbitrária imposta pelo capricho teocrático, mas uma condição, a qual é inerente à própria natureza dos processos do saber. Ao aceitar isso, ele pode colocar tudo isso à prova e aprender por si mesmo, no devido tempo, a sua outra identidade não-pessoal. (28-2-89)

O homem não existe sozinho, isolado. Ele próprio é parte do universo em que ele nasce. Portanto, ele não pode obter uma resposta adequada à pergunta “ Quem sou Eu? ” A não ser que ele também obtenha uma resposta à pergunta “ Qual é a minha relação com o universo? ” Consequentemente, o místico que está satisfeito com a resposta, a qual ele descobre através da meditação à primeira pergunta, ele está satisfeito com uma meia-verdade. (16-2-251)

Agora, observe essas duas coisas: o caráter onírico da vida no mundo e o caráter ilusório do ego pessoal. Daí a necessidade de investigar “ Quem sou Eu? ”, na qual a ilusão do ego poderá ser dissipada. Quando você puder ver essas coisas claramente, então você poderá estar quieto, imperturbado, desenredado, sem ilusão em meio à luta da vida. Você será sábio, livre, inacessível à perseguição trivial dos homens - às suas mentiras, malícia e ofensas - por não estar mais identificado com a personalidade, você não é mais o alvo deles. (21-5-4)

A fonte de sabedoria e de poder, de amor e de beleza, está dentro de nós mesmos, mas não dentro dos nossos egos. Ela está dentro da nossa consciência. De fato, a sua presença nos fornece um lúcido contraste, o qual nos permite falar do ego, como se fosse algo diferente e separado: ele é o verdadeiro Eu ao passo que o ego é apenas uma ilusão da mente. (8-1-2)

É possível unir as duas sendas, a vida ativa no mundo exterior e a vida tranquila na quietude interior, e não encontrar nenhuma ruptura, nenhuma diferença essencial, nenhuma falsificação da ideia frequentemente afirmada: “ Deus está em toda parte? ” A resposta é Sim! E foi testada em vivências antigas e modernas. “ O que é o Mundo? ” oferece a mesma resposta do que “ Quem sou Eu? ” Retirando-se do mundo físico dos sentidos como o místico faz ou participando na ação física, a qual envolve os sentidos, não há necessidade de romper a união, a consciência da presença divina. (20-4-104)

O eu-ego é a criatura nascida do próprio fazer e pensar do homem, lentamente mudando e crescendo. O Eu Superior é a imagem de Deus, perfeita, acabada e imutável. O que o eu-ego tem que fazer, se ele quer realizar-se, é deixar que um brilhe através do outro. (8-1-7)

Quão perto é a sua relação com aquele outro Eu, aquele divino Eu Superior! E não apenas o relacionamento da sua mente com Ele, mas também do seu corpo. Pois, no centro de cada célula do sangue, da medula, da carne e osso, existe o vazio que sustem e é, Espírito puro. (5-2-36)

O ego não é realmente destruído – pois, como poderia alguém agir neste mundo sem corpo e sem intelecto, sem emoção e sem vontade? – mas o centro do ser é transferido do ego para o Eu Superior. (P-8-20)

Uma vez que esta pergunta- o que sou Eu? – é respondida, não existem outras questões. À luz da sua resposta deslumbrante, ele sabe como lidar com todos os seus problemas. (8-1-11)

Capítulo 6: Mentalismo: A Chave para a Não-Dualidade

MENTALISMO, o ensinamento de que este é um universo mental, é muito difícil para o homem comum acreditar e é também muito difícil para o homem iluminado não creditar. Isso acontece porque, para o primeiro ele é apenas uma teoria, mas para o segundo ele é uma experiência pessoal. A consciência do homem comum é mantida em cativeiro pelos seus sentidos, cada um dos quais relata um mundo material fora dele. A consciência do homem iluminado é livre para ser ela própria, para relatar a sua própria realidade e para revelar que os sentidos e o mundo deles são mera ideação. (21-4-45)

É tudo como um sonho gigantesco, com cada ser humano inserindo seu próprio sonho privado dentro do sonho público. Um duplo encantamento tem que ser quebrado antes que a realidade possa ser vislumbrada - o encantamento que o mundo nos impõe e aquele ao qual o nosso eu nos impõe. O homem que despertou completamente desse encantamento é o homem que adquiriu o pleno insight. Essa aptidão nada mais é do que o tal despertar pleno. Ele é imensamente difícil de alcançar e é por isso que tão poucos sonhadores despertam de verdade e é por isso que muitos nem sequer escutarão as revelações daqueles despertados. No entanto, a Natureza nos ensina, aqui como em outros lugares, a não se perder a paciência. A Natureza tem todo o tempo que você precisa. A vida é um processo evolutivo. Os homens começarão erraticamente a se agitarem em seu sono, mas de modo crescente. (20-4-194)

Enquanto o sonho está ainda acontecendo, ele não tem como deixar de ver, suas cenas e figuras como sendo bastante reais. Mas se alguém tocar um sino, até que ele desperte do estado de sonhar, então ele irá ver, que ambas as cenas e figuras eram meras aspectos de sua própria imaginação. De certa forma, o professor de filosofia atua como esse despertador, exceto que ele direciona seus esforços para a consciência da vida quotidiana enganada pelos sentidos. (1-6-28)

Krishna, no *Bhagavad Gita*, é próprio eu mais elevado do indivíduo. Ele deve manter seu santuário interior dentro do coração reservado ao Ideal. Ele deve aí adorar o Espírito, que é não-nascido e não-mortal, indestrutível e divino. A vida nesse mundo é como a espuma no mar: ela passa demasiado breve; mas os momentos oferecidos em adoração e obediência à Alma contribuem para o ganho eterno. Os mais importantes acontecimentos históricos nesta terra são no afinal, apenas imagens que passam pela consciência como um sonho. Logo que o buscador desperta para o Real, ele as vê por aquilo que elas são. Então, ele irá viver na Sua serenidade, e não mais importará se as imagens em si são tempestuosas e agitadas. É a maior fortuna atingir tal serenidade - ser elevado acima da paixão e do ódio, do prejuízo e do medo, da ganância e do

descontentamento e ainda assim ser capaz de participar efetivamente e eficazmente nos próprios deveres mundanos. *É* possível alcançar esse estado. O buscador já pode ter tido vislumbres dele. Algum dia, em algum momento, se ele for paciente, ele entrará nesse estado para ficar - e o inimaginavelmente gratificante e perfeito propósito da sua vida, de todas as suas vidas, será cumprido. (18-1-5)

O iluminado vê os objetos como outras pessoas o fazem, apenas o seu senso de materialidade é destruído, pois ele os vê, também, como *ideias*, irreal. O ponto de vista do iluminado não é o ponto de vista do yogi. O iluminado encontra o mundo inteiro em si mesmo, diz o *Gîta*. Isso significa que ele sente compaixão para com todas as criaturas, até mesmo com os mosquitos e as cobras. (21-5-24)

As duas análises reflexivas devem se unir agora, simultaneamente: o “ Que Sou Eu? ” e o “ Que é o Mundo? ” Somente, então, elas poderão ser unificadas pelo mentalismo, reaparecendo em e como, a Consciência Una; a dualidade do eu e a do não-eu desaparecem. (21-5-155)

Não são os cinco sentidos que conhecem o mundo exterior, uma vez que eles são apenas instrumentos que a mente utiliza. Não é nem mesmo o intelecto, uma vez que ele meramente reproduz a imagem formada a partir do completo relatório dos sentidos. Eles não são capazes de funcionar por si próprios. *É* o princípio da Consciência que está por trás de ambos e para a qual eles são meros agentes, o que realmente faz com que a conscientização do mundo seja possível. *É* como o sol, o qual ilumina a existência de todas as coisas. (21-1-56)

Não só é o mundo uma aparência-em-Consciência, mas também o *é*, o ego. No final, o ego é um pensamento, possivelmente o mais forte de todos; e apenas a Consciência-em-Si mesma é a Realidade, a partir da qual ele atrai o sustento, a existência, a vida. (21-5-138)

Se a investigação sobre o tempo, profundamente realizada pela inteligência, mostra ser a verdadeira essência dele um eterno Agora, da mesma forma uma investigação similar do espaço mostra ser a sua verdadeira essência um eterno Aqui. Estes dois resultados poderão também ser alcançados de forma nítida e clara pela real experiência na meditação profunda. Porém onde estão eles? A resposta é dada, breve e precisamente, pelo mentalismo: eles estão na consciência. (19-4-53)

O ensinamento da não-dualidade é que *todas* as coisas estão dentro de um único e mesmo elemento-Consciência. Por isso não há dois ou três ou três milhões de coisas e entidades: existe na realidade, apenas a Consciência Única. (28-1-26)

A vida terrena é como um sonho, vivido em um sonhado corpo físico, no meio de um ambiente de sonho. As experiências do sonho são apenas ideias; durante o sono-sonho o homem vê, ouve,

toca, saboreia e cheira exatamente como ele faz durante o sonho-acordado. Daí que o estar acordado são apenas ideias materializadas, mas são, todavia, *ideias*. O sonho cósmico de Deus: todas as atividades universais, são apenas diferentes ideias de Deus, ideação divina que se torna material e é lançada sobre a tela da consciência humana. A ilusão cósmica é impingida sobre os sentidos do homem e vista internamente pela Mente através da consciência, da sensação e dos órgãos corporais. (21-3-23)

O *Vedantismo* diz para você: “ A sua experiência do mundo é ilusória; você a considera como se ela existisse; você vê uma cobra quando há apenas uma corda. ” Porém, o filósofo comenta: “ Ela é enganosa somente se você, enquanto estiver no corpo físico, a considerar ser completamente e em última instância real. O mundo está realmente ali, mas o que é isso que faz com que ele esteja ali para você? Consciência! *Essa* é a realidade. Porém, o que você chama de consciência é apenas um fragmento, uma coisa muito pequena e limitada, em comparação com a sua fonte. ” (21-5-176)

No estado de vigília nós experimentamos o mundo físico, no estado de sonho a nossa experiência corresponde ao mundo astral etérico, no estado do sono profundo nós entramos em um nível ainda mais elevado da experiência, a qual é a experiência de Deus, cuja vontade é expressa nos outros dois mundos inferiores. Os hindus chamam a este Deus, *Ishvara*; eu chamei-o de Mente-do-Mundo. Portanto, a Realidade está subjacente a esses três estados, a consciência, a verdadeira consciência por debaixo deles, a qual é experimentada pelo homem como iluminação. Os outros três são estados enquanto que esta é a Realidade que apoia aqueles três estados – vigília, sonho e sono profundo. No sono profundo, pode-se dizer que o homem alcança Deus, mas devido à sua ignorância ele está inconsciente disso, então ele não é beneficiado por isso. (19-3-193)

Na verdade, a consciência existe, enquanto que as coisas pelas quais ela se faz conhecer estão apenas presentes quando elas são percebidas, sentidas, ouvidas, ou de outra forma, detectadas por um ou mais dos cinco agentes que a reportam. Esta consciência é em si mesma, sempre a mesma, invariável, ela é a única coisa em nós, na qual os pensamentos e os corpos surgem e da qual eles também desaparecem. (21-1-80)

Interiormente e diariamente ele retorna para essa ideia, de que tudo é Ideia, de que o mundo familiar - seus lugares e pessoas, a sua vida urbana que fervilha com atividade, a sua civilização alardeada e a sua polida cultura - não tem outra existência se não em sua consciência e faz a sua realidade a partir disso. Então, para tornar-se consciente da Consciência desapegado das suas produções – pensamentos – esta é a sua tarefa; da qual ele extrai sua força e sua devoção. (21-5-16)

As imagens mentais que compõem o universo da nossa experiência se repetem inúmeras vezes em um único minuto. Elas dão a impressão de continuidade, permanência e estabilidade somente

por causa disso, da mesma maneira que uma imagem de cinema o faz. Se pudéssemos apagá-las e ainda assim manter a nossa consciência sem a reduzir, poderíamos conhecer pela primeira vez a origem delas, a realidade por trás das suas aparências. Ou seja, nós conheceríamos a Mente-em-si. Tal obliteração é efetuada pela yoga. Aqui, então, está a importância da conexão entre o mentalismo e o misticismo. (21-5-206)

O estudante tem que se afastar das formas-pensamento, o que significa que ele deve ficar separado da pessoa de e olhar para ela como algo externo a si mesmo. Se e quando ele conseguir ficar atrás dela, ele automaticamente adota o ponto de vista do Eu Superior. Ele deve fazer da pessoa um objeto e do Eu Superior seu observador. Assim sendo, este elemento da consciência pura é algo constante e ininterrupto; portanto, não é a consciência comum, a qual é uma coisa descontínua e feita de pensamentos totalizados, mas é a consciência transcendental. (23-6-83)

O mundo se parece exatamente como era antes; sendo compreendido por aquilo que ele é - uma série de pensamentos – não altera sua aparência. A percepção do sábio sobre o mundo é como a dos outros homens; seus sentidos funcionam como o deles; mas ele sabe que a sua experiência disso depende da constante presença da Consciência; *ele nunca fica sem essa consciência*. Esta é a primeira grande diferença. (21-5-142)

(a) “ O único sem um segundo ”reaparece no universo como “ não há duas coisas iguais ”. (b) A não-dualidade, o não-dois, significa mentalismo; o mundo é a minha ideia, na minha consciência, portanto, não está separado de mim. Não existem dois – o meu eu mais o mundo. (19-2-18)

A compreensão de que tudo é ilusório não é a final. É uma etapa essencial, mas é apenas uma etapa. No final, você vai entender que a forma e a separatividade de uma coisa são ilusórias, mas a coisa-em-si não é. *Aquilo* a partir do qual estas formas aparecem não é diferente delas, por conseguinte, a Realidade é uma e a mesma em todas as coisas. Este é o paradoxo da vida e é necessária uma mente afiada para perceber isso. No entanto, para conduzir os iniciantes para além de seus apegos terrenos, temos que ensinar primeiro o caráter ilusório do mundo, e depois elevá-los a um nível mais elevado de compreensão e mostrar que o mundo não está separado do Real. *Aquilo Que Tu És* unifica tudo em essência. Mas essa realização final não pode ser obtida aquietando a mente, apenas despertando-a de novo com vigor, após ter alcançado a paz do iogue; e então, deixando a sua atividade cessar por vontade própria quando o pensamento se fundir voluntariamente em insight. Quando isso é feito, você saberá as limitações de ambos – yoga e investigação – como etapas sucessivas. Quem quer que se aperceba desta verdade não se divorcia da matéria-como a maioria dos iogues o fazem – mas apercebe-se da não-diferença a partir dela. Por isso nós chamamos a este caminho mais elevado o “ yoga da não-dualidade. ” Porém para alcançá-lo é preciso passar pelo “ yoga do conhecimento filosófico. ” (25-2-116)

Há dois pontos de vista: uma verdade qualificada referente a um estágio inferior dos aspirantes, no qual a dualidade é admitida; e um ponto de vista mais abrangente da não-dualidade para o estudante mais elevado. Assim, na vida prática, ao lidar com outras pessoas ou quando envolvidos em alguma atividade, os aspirantes no primeiro estágio devem aceitar a noção de que o mundo é real por questão de conveniência; no entanto quando eles estão sozinhos ou quando ficam quietos, inativos, eles devem reverter a noção a respeito do mundo e considerar o corpo físico como parte integrante dele, como uma ideia. Somente para o sábio é que a verdade se encontra sempre presente, quer esteja ele com os outros, quer esteja ele trabalhando, ou quer esteja ele em transe. E esta verdade é a contínua consciência de uma Realidade única e de um único Eu. (19-2-40)

Existe apenas uma mente e todos os nomes tais como a mente cósmica, sobremente e assim por diante são meramente conceitos imperfeitos e parciais daquela derradeira mente-una que a filosofia apresenta, a fim de ajudar os estudantes a avançarem para uma etapa superior. No entanto, esses conceitos não são falsos; eles representam aspectos dessa mesma derradeira mente-una vistos a partir de diferentes pontos de vista. Como esses pontos de vista não são os mais elevados eles não fornecem a verdade última. Portanto, será bom para ele, acostumar-se ao mais alto ponto de vista e lembrar-se sempre de que existe uma só mente, uma só realidade, um só princípio, uma só substância e um só um ser. Todas as coisas são formas ou formatos nas quais essa mente-una aparece de forma temporária. A chave para a compreensão desses pontos reconhecidamente difíceis, é pensar no universo como sendo visto durante o sonho e, então, lembrar-se de que o universo em si mesmo, seus mares e continentes, seus povos e animais, seus acontecimentos no tempo, suas distâncias no espaço, não podem existir separadamente da mente da pessoa que está sonhando; mesmo que existam milhões de pessoas dentro daquele universo elas nada mais são do que ideias que passam pela mente do sonhador; sendo que é a mente a sua matéria prima ou realidade embora para o sonhador elas pareçam reais, assim como também a água, o fogo, o gás, e até mesmo os noventa e ímpares elementos químicos o são. Então, o estudante deve considerar o universo de vigília, de igual modo, mas com essa diferença: devido ao fato de que o ego é uma das figuras sonhadas no sonho-acordado, ele deve ser eliminado se quisermos romper com esse sonho e verificar que é apenas um sonho na mente universal. (21-3-44)

O termo não-dualidade nada mais é que um som no espaço quando ouvido, uma imagem visual quando lida; sem a chave do mentalismo a não-dualidade permanece exatamente assim. Quantos estudantes do Vedanta e, que seja dito, quantos professores interpretam-no corretamente? E isso significa que não há duas entidades separadas - uma coisa e também o pensamento dela. A coisa está na mente, é uma projeção da mente como pensamento. Isso é não-dualidade, pois a mente não é separada daquilo que vai-e-vem para ela. Tal como acontece com as coisas, também acontece com os corpos e com os mundos. O todo aparece juntamente com o irrevogável cósmico, mas de imediato como o pensamento individual deles. (28-1-25)

Para chegar ao entendimento de que o universo não é material e é mental, ele deve ser libertado do materialismo. Ele produz uma sensação como a que sentiu o prisioneiro que passou metade da vida enfiado em um calabouço escuro, fétido e sombrio o qual é subitamente liberado, posto em liberdade, posto para fora das portas sob a luz do sol brilhante e do ar fresco e limpo. Pois para ser um materialista significa estar preso na falsa crença de que o mundo - material é o mundo real; pois tornar-se espiritual é perceber que todos os objetos são mentais; a revelação da natureza mental do universo é tão estupenda que ela em realidade libera a mente e os sentimentos de suas prisões materialistas e coloca o ser interno por inteiro sob a luz do sol deslumbrante da verdade, a fresca atmosfera da Realidade. Todos os que acreditam na materialidade do mundo material e não em sua natureza mental, são realmente materialistas – mesmo que eles se denominem religiosos, cristãos, espiritualistas, ocultistas ou antroposofistas. A única maneira de escapar do materialismo não é se tornar um seguidor de qualquer culto psíquico ou fé religiosa, mas investigar com a mente sobre a verdade da matéria e ser recompensado eventualmente pela percepção inabalável de sua Natureza mental. Todos os outros métodos são fúteis, ou ao melhor, são apenas etapas preparatórias e preliminares. (21-5-96)

É um erro fundamental transformar a mente pura em um objeto da experiência na tentativa de alcançar a sua compreensão. A mente pode ter conhecimento de tudo e é a condição inevitável de toda e qualquer experiência, uma vez que através de sua luz cada objeto e cada evento é revelado, mas ela própria não pode ser conhecida, da mesma maneira que conhecemos todas as outras coisas. Normalmente existe um conhecedor e um conhecido e a mente teria que transcender essa relação para tornar-se consciente de si própria, o que significa que ela teria que transcender o próprio pensar. A mente por si só produz as categorias de tempo, espaço e causa as quais tornam a experiência do mundo possível e cognoscível – ou seja, pensável – motivo pelo qual ela não pode ser apreendida da mesma maneira. A natureza da mente é única e diante da sua sublime veracidade o discurso estremece em silêncio. (28-2-74)

Temos que passar da consciência à sua realidade oculta – a mente-essência – a qual é a única verdadeira consciência, porque ela brilha por si própria e não por uma luz emprestada. Quando deixarmos de considerar a Mente como esta ou aquela mente em particular, mas a considerarmos como Mente-total; quando deixarmos de considerar o Pensamento como este pensamento ou aquele, mas o considerarmos como poder comum o qual torna possível o ato de pensar; e quando deixarmos de considerar esta ou aquela ideia como ideia tal, mas a considerarmos como pura Ideia, apreendemos a existência absoluta através de um profundo insight. O insight, nesta etapa, não tem nenhum objeto em particular a ser consciente. Nesse sentido ele é um Vazio. Quando a mente pessoal é despojada de suas memórias e antecipações, quando todas as impressões sensoriais e pensamentos soltarem-se totalmente dela, então ela entra no reino do vazio inominável da Não-Existência. É realmente uma espécie de autocontemplação; mas esse eu não é finito e individual, ele é cósmico e infinito. (23-8-8)

Quando compreendemos essa verdade (mentalismo), compreenderemos que o Eu Superior está sempre presente conosco e que esta presença é mais imediata e íntima do que qualquer outra coisa na vida. (21-5-125)

Capítulo 7: Advertências para o Caminho Breve

Os Defensores do Caminho Breve ensinam que ao entrarem nele, toda a necessidade de processos de labuta e de disciplinas do Caminho Longo cessam. Eles estão certos. Porém eles raramente estão corretos quando se trata de aplicar esta afirmação nos casos individuais. Uma vez que ela é quase sempre aplicada prematuramente. Então os resultados são no máximo desastrosos ou no mínimo decepcionantes. (23-4-149)

A maioria dos principiantes normalmente não estão prontos para o Caminho Breve como um todo. Eles não deveriam tentar fazer mais do que as práticas mais simples, como as que estão relacionadas com a lembrança da Busca e com a lembrança do Eu Superior. Se eles tentarem os exercícios mais avançados, tais como a autoidentificação com o Eu Superior ou o cultivo da atitude que rejeita a realidade do mal, eles estarão susceptíveis de se colocarem em uma falsa posição de autoenganados. Isto é, a tentativa de ignorar o ego não o erradica, mas apenas altera o seu padrão. Se ele parece estar ausente porque o divino está presente, a transformação teve lugar na imaginação, não na realidade. Seria melhor adiar as partes mais avançadas até que tenham feito trabalhos preparatórios suficientes no Caminho Longo e, portanto, limpo as suas emoções, desenvolvido os controles mentais, e equilibrado o seu temperamento. (23-2-3)

O Caminho Longo é indescritivelmente aborrecido ao passo que o Caminho Breve é gloriosamente atraente. Um deles está associado com labuta e sofrimento; seu emblema é a Cruz. O outro está associado com a paz e a alegria; seu emblema é o Sol. No entanto, aqueles que abandonam prematuramente o Longo pelo o outro vão encontrar suas esperanças frustradas no final, não importa quão entusiasta e extasiante a experiência possa ter sido no início. Isto acontece, porque a Natureza, o Eu Superior, não vai permitir que eles desfrutem permanentemente daquilo que deve ser levado para cada uma das partes de seu ser, devidamente limpas e preparadas para absorver isso, estando o próprio ser devidamente equilibrado para aguentar essa experiência de absorção sem estimular o ego. (23-2-1)

Aqueles que não são qualificados para o Caminho Breve e que chegam até ele, a fim de escapar das disciplinas cansativas do Caminho Longo e que querem uma iluminação repentina e rápida, sem ter que passarem pelo processo gradual, de lentamente irem preparando-se para tal, acabam no final, voltando para trás. (23-2-99)

Existem alguns outros perigos aos quais os entusiastas pelos vários Caminhos Breves estão expostos. Eles leem livros dedicados à descrição das realizações e das metas e ficam cativados pelo que leem e encantados com o que lhes é ensinado. Então, eles começam a imitar o que eles podem e imaginar o que eles não podem. No final, eles caem nas suas fantasias egocêntricas e enganos promovidos pelo ego. Eles pensam que estão mais exaltados na realização do que eles realmente estão. Porém esse egoísmo espiritual disfarçado é tão sutil que eles estão bastante inconscientes do seu perigo até que um infortúnio o esvazia. (23-2-47)

Existe o perigo de tornar-se demasiado autocentrado no Caminho Longo, todavia existe o perigo de endeusar o eu no Breve. (23-5-34)

Se ele começa com o Caminho Breve ele pode sentir que tudo o que é conquistado é autorealizado e dessa forma, sutilmente, insidiosamente o seu ego vai triunfantemente reafirmar ou manter a sua supremacia. Porém se ele começa com o Caminho Longo e depois de todos os seus esforços ele atinge um resultado não convincente o seu consequente desespero pode esmagar o seu ego e direcioná-lo para a dependência e necessidade da Graça. (23-5-103)

A introdução do Caminho Breve não deve ser feita na hora errada; ele não deve ser introduzido até que suficiente trabalho tenha sido realizado para preparar uma base moral e intelectual para ele (o Caminho Breve) e que suficiente equilíbrio tenha sido assegurado. Somente, então, é que a sua capacidade de levar o buscador em direção ao clímax glorioso de sua busca será realizada. Se introduzido muito cedo, o Caminho Breve, simplesmente estimula o egoísmo, anima o orgulho intelectual, ou simula a iluminação. (23-2-2)

Os perigos inerentes ao Caminho Breve têm que ser conhecidos e até proclamados. A autoidentificação com o divino leva à ideia de que uma vez que o divino é isento de pecado o praticante também é um não-pecador e tudo o que ele faz está certo. Tal ideia só chega para aqueles que inconscientemente procuram desculpas para justificar a satisfação de seus desejos. Para esses, o Caminho Longo, com as suas exortações ao autocontrole e à autodisciplina é algo a ser evitado. Outro perigo é a pretensiosa crença de que, uma vez que o divino está sempre presente, o objetivo foi alcançado e nada mais precisa de ser feito - não mais exercícios, não mais estudo, não mais meditação e, claro, não mais regimes ascéticos. São tais os perigos que eram parte das razões pelas quais, no passado, o ensinamento oculto não era comunicado às pessoas antes de que o seu caráter fosse primeiro secretamente e cuidadosamente testado quanto à maturidade e suas mentes fossem testadas quanto às suas capacidades. Essa cautela era existente nos círculos cristãos como também nos hindus. Hoje, uma vez que ela em grande parte foi destruída, os resultados podem ser vistos no Ocidente, bem como no Oriente, entre os solitários e obscuros indivíduos, assim como nos cultos publicamente conhecidos. Esses resultados podem ser vistos na perturbação mental e na conduta imoral, na tagarelice como um papagaio e no engano do charlatão. (23-2-7)

As escolas do Caminho Breve estão corretas em afirmar que, se ganharmos o Eu Superior, também devemos ganhar a pureza de coração e a bondade de caráter que vai com ele. Porém elas não salientam que tal ganho será bastante temporário, se não formos capazes de permanecer no Eu Superior. (23-2-53)

Sem essa conquista da natureza inferior nenhuma iluminação pode jamais permanecer de forma duradoura ou permanecer sem ficar mesclada; e, sem as disciplinas adequadas, tal conquista não é possível. Esta é uma das razões pelas quais não é suficiente apenas trilhar o Caminho Breve. (23-5-171)

A alegação de que se o verdadeiro eu é encontrado, todas as qualidades e atributos que pertencem a ele também serão encontradas, naturalmente e automaticamente, ao mesmo tempo, é válida. Como poderiam as qualidades e atributos da natureza inferior prosperar ou mesmo existir naquele ar rarefeito? Elas teriam de ser instantaneamente deslocadas pelas mais altas. Porém aos que fazem essa reivindicação, o que é ignorado ou desconhecido é que o período de tal deslocamento seria e poderia ser apenas de forma temporária. “ A natureza nunca se apura em direção ao que ela eventualmente realizará ”, anuncia Goethe e é verdade. Tão logo o ímpeto que o lançou nas águas profundas do próprio Espírito, se esgota, como deverá acontecer se ele ainda estiver impuro, despreparado e pouco desenvolvido, o homem será jogado de volta para o lugar onde ele pertence. A sua iluminação não terá base suficiente para ser firmemente estabelecida e ela resultará ser apenas um vislumbre de passagem. (23-2-41)

Quando se mantém com firmeza a conscientização da existência do Eu Superior, isso traz automaticamente o controle sobre os apetites e desejos do corpo. Este é um dos benefícios do sucesso no Caminho Breve, mas tal controle espontâneo e fácil não dura mais do que a conscientização. (23-2-9)

Não há necessidade de pensar duas vezes para entender que esta é uma doutrina perigosa. Se um homem acredita que ele já é divino e dessa maneira não tem mais nada a ganhar, então, as armadilhas estarão na sua frente: a primeira, o autoengano que o leva à arrogância espiritual; a segunda, a indolência que o leva a falta de qualquer esforço para purificar o caráter e melhorar a mente. O final poderia ser uma presunção viver na ilusão, muito longe da realidade divina, que estaria suposta a ser. De tais ilusões surgem os líderes ambiciosos de pequenos grupos ou movimentos grandes, alegando conhecimento especial, poder, visão, autoridade, mesmo a de serem o Messias. (23-2-4)

O devoto do Caminho Breve que acredita que ele não tem nada a fazer e pode deixar tudo para o mestre, ou para o Eu Superior, acredita erradamente. Tal ociosidade espiritual pode acalmá-lo agradavelmente em um frágil contentamento, mas isso não é o mesmo que a real paz interna

ganha por ter enfrentado com a atitude certa as dificuldades que surgiram, ou ter mantido a vontade pessoal submissa durante as provas e ter sido obediente durante as tentações. (23-2-46)

Tenha cuidado com a perda do equilíbrio no estudo da verdade metafísica ou na prática do Caminho Breve, imaginando que você está ultrapassando o intelecto e ficando iluminado espiritualmente. Cuidado em ficar intelectualmente embriagado com a sua própria autoimportância e emocionalmente intoxicado com a sua própria autoglorificação. Tal estudo pode ser muito estimulante. Cuidado em acreditar que você tenha encontrado o Divino em um único lampejo, da noite para o dia. Você realmente se tornou Deus? A onipotência é realmente sua? (23-2-39)

Ele não alcançou aquele que ele está consciente de ter alcançado, uma vez que esta mesma consciência astuciosamente esconde o ego e entrega a pessoa ao poder dele. Aquele somente é realizado quando é natural, espontâneo, não forçado, desconhecido e não divulgado, seja para o próprio homem ou para os outros. (25-2-85)

É uma falácia pensar que este deslocamento do eu inferior traz sua completa substituição pela infinita e absoluta Divindade. Essa é uma antiga e comum falácia dos círculos místicos e leva a declarações fantásticas de autodeificação. Se o eu inferior é deslocado, não é destruído. Ele vive em estrita subordinação ao mais alto, o Eu Superior, a alma divina do homem; e é este último que é o verdadeiro elemento do deslocamento e não o divino-princípio-do-mundo. (25-2-198)

Eles consideram-se livres da possibilidade de pecar, uma vez que estão unidos à consciência divina. Eles não consideram os códigos morais da sociedade como obrigatoriedade para eles, uma vez que eles são a lei para si mesmos. O que eles fazem, só pode estar certo. Os perigos aqui são, é claro, em primeiro lugar, que o desejo do ego pode por si só facilmente ser confundido com a ordem divina e, segundo, que todas as coisas lhes são permitidas. Visto que eles sentem que estão em um estado de graça e que já não há qualquer poder controlador para julgar, criticar ou frear seus atos, sem ajuda externa para os avisar quando eles estão perigosamente desviando-se. (23-2-20)

Porque o bem e o mal não têm nenhum significado no plano onde não existe oposição, onde não há luta entre eles; o homem “iluminado” que ensinou os outros a ignorar essa oposição e a abandonar essa luta, que disse para eles que fazer o que eles quisessem é a totalidade da lei, estaria desse modo provando a sua própria falta de iluminação. Em outras palavras, ele seria um impostor perigoso ou um mero intelectual. (23-2-17)

Uma questão que vem à atenção do observador atento é que, em grupos ou sociedades, em ashrams ou instituições, onde aquilo que é praticado corresponde ao Caminho Breve – ainda que rudemente e imperfeitamente – os resultados são muito variáveis e muitas vezes entristecendo os

líderes. Onde nenhuma tentativa é feita para introduzir o trabalho corretivo do Caminho Longo, onde não há esforço pelo autoaperfeiçoamento, o final é uma confusão – algumas satisfações, mas mais desapontamentos. (23-5-149)

A Solução Filosófica: Equilibrar os Caminhos

Os defensores do Caminho Longo afirmam que a mente tem que ser treinada e o coração deve ser purificado antes da iluminação ser possível. Os defensores do Caminho Breve afirmam que é suficiente negar o ego e confirmar o eu mais elevado. O filósofo estuda os fatos revelados por meio da observação e por meio da pesquisa e conclui que os métodos de ambas as escolas devem estar unidos se a iluminação for para ser atingida não só de forma duradoura, mas também para não ficar aquém do seu estado perfeito. (23-5-166)

Se pensarmos: “ Eu me esforço para tornar-me um com Deus ”, ou “ Eu sou um com Deus ”, estamos inconscientemente negando a afirmação em si mesma, porque nós inconscientemente concebemos e mantemos as duas coisas, o “ Eu ” e “ Deus. ” Se estes dois, em última análise, existirem como coisas separadas eles vão sempre existir como tal. Se, no entanto, eles realmente se unirem, então, eles devem ter estado sempre em união e nunca separados. Nesse caso, a busca do eu inferior para o Eu Superior é desnecessária. Como podem estas duas situações opostas serem resolvidas? A resposta é que a relatividade nos ensinou a necessidade de uma dupla visão: uma relativa e prática, constantemente mudando e a outra absoluta e filosófica, sempre inalterada. No primeiro ponto de vista, vemos a necessidade e devemos obedecer ao impulso de empreender essa busca em todos os seus detalhes práticos e suas fases sucessivas. Contudo, no segundo ponto de vista, vemos que toda a existência, inclusive a nossa própria e quer estejamos conscientes disso ou não, reside no atemporal, no imóvel Agora, no imutável, na não-ação Aqui, no sem-coisa e no Vazio sem ego. O primeiro nos apela a trabalhar e a trabalhar duramente para o autodesenvolvimento na meditação, na metafísica e a na atividade altruísta, mas o segundo nos informa que nada do que fazemos ou nos abstermos de fazer pode elevar-nos a uma região onde nós já nos encontramos e que na qual sempre estaremos, de qualquer maneira. E, porque nós somos o que somos, porque nós somos Esfinges com cabeças angelicais e corpos de animais, somos obrigados a manter ambos os pontos de vista lado a lado. Se quisermos pensar verdadeiramente e não meramente em meias-verdades, devemos fazer com que estes dois extremos se encontrem. Isto é, não podem ser somente afirmados e nem podem ser apenas negados. É mais fácil experimentar esta qualidade do que compreendê-la.

Isso é deveras intrigante e nunca poderá ser simples, mas se a vida fosse simples e menos paradoxal do que ela é, todos os seus principais problemas não teriam preocupado os homens mais sábios da mais remota antiguidade até hoje. Tal é o paradoxo da vida e é melhor que o aceitemos. Isto é, não devemos nos agarrar em um ponto de vista em detrimento do outro. Estas duas visões não precisam opor-se uma à outra, podem existir em um estado de reconciliação e harmonia quando a sua necessidade mútua é compreendida. Temos que nos lembrar dos dois, daquele que está sempre-em devir e daquele que está sempre-sendo. Nós já somos eternos, imortal, tão divinos como nós sempre seremos. Porém se queremos nos tornar conscientes disso, porquê, então devemos descer ao ponto de vista inferior e perseguir a busca na labuta árdua e na limitação. (19-2-5)

Os vedantas, os zen-budistas, os cientistas cristãos e até mesmo, em certa medida, Ramana Maharshi e Sri Krishna Menon disseram que a autoidentificação com a Realidade, o pensar constantemente nessa identificação, seria suficiente para atingir a meta espiritual. Isso é chamado de Caminho Breve. As escolas opostas como a da yoga de Patañjali, a dos estoicos romanos, e a dos budistas do Sul rejeitam essa alegação e afirmam que é necessário diluir o ego e purificar a mente gradualmente através de disciplinas, de exercícios e das práticas. Isso é chamado de Caminho Longo. O Método Filosófico é combinar essas duas escolas de pensamento de forma sintética, com a explicação de que ambas são necessárias, para se completarem uma através da outra - e que isso depende da etapa em que o aspirante se encontra como também da escola que lhe é necessária para ele ou ela enfatizar, de acordo com suas características pessoais. Os principiantes precisam dar mais valor ao esforço árduo da escola da yoga; mas as pessoas mais avançadas precisam dar mais valor ao ponto de vista Vedanta, porque no caso delas muito do desbaste do ego e da limpeza do mental-emocional já foi feito. (23-5-150)

Aqueles que dependem exclusivamente do Caminho Breve, sem estarem totalmente prontos para ele, acreditam serem mais avançados do que são e reclamam muito. Isto é arrogância. Em vez de abrir a porta, tal atitude só pode fechá-la ainda mais. Aqueles que dependem exclusivamente do Caminho Longo carregam muito peso sobre os seus ombros, sobrecarregando-se com o trabalho de purificação o qual nem mesmo em uma vida inteira chegará ao fim. Isto é inutilidade; isto faz com que eles evoluam a uma velocidade mais lenta. O procedimento mais sábio e filosófico é unificar o trabalho de ambos os caminhos em um ritmo periodicamente alternado, de modo a que, durante o curso de um ano, os dois tipos de resultados, totalmente diferentes, comecem a aparecer no carácter e no comportamento, na consciência e na compreensão da pessoa. Afinal de contas, nós vemos este ciclo em toda a parte na Natureza e em todas as outras atividades em que ela nos obriga a estar em conformidade com ela. Vemos a alternância entre o sono e a vigília, entre o trabalho e o descanso, entre o dia e a noite. (23-5-159)

Ramana Maharshi estava muito certo. Se você podar o ego de algumas falhas isto será apenas seguido pelo aparecimento e crescimento das novas falhas! De que vale isso uma vez que o ego

permanece vivo? Daí o fracasso da história moral da humanidade em mostrar qualquer progresso real ao longo dos últimos três mil anos, apesar do trabalho realizado pelo Buda, por Jesus e por outros Messias. O rumo certo, o qual sempre foi válido para o indivíduo, é igualmente válido para toda a humanidade – chegar à raiz, à fonte, ao próprio ego. Porém, embora Maharshi estivesse certo, o seu ensinamento oferece apenas uma parte da imagem da Verdade. Esta, apresentada por si só, sem a outra parte, não está apenas incompleta, mas poderá até mesmo tornar-se enganadora. Esta parte, por si só, parece indicar que não há necessidade de trabalhar as nossas fraquezas particulares, que podemos deixá-las intocáveis enquanto nós nos concentramos na coisa que é essencial – extirpar o ego. Porém onde estão os buscadores que podem imediatamente e com sucesso extirpá-lo? Uma vez que a própria força do propósito e o poder de concentração necessários para este desenraizamento será minado por suas falhas. (23-5-183)

Quando o Eu Superior está presente na consciência de um homem, ele está presente em todos os seus pensamentos e ações. Então, os pensamentos e ações estão sob o Seu comando, procedendo Dele. O homem não tem que buscar por quaisquer virtudes particulares, pois todas elas poderão e, então, irão surgir por si mesmas, conforme seja necessário. Somente, então, é que estará qualquer virtude solidamente estabelecida. Porém até que essa presença esteja permanentemente segura, é insensato parar de trabalhar sobre si mesmo, corrigindo-se, melhorando a si próprio. Um conhecimento meramente intelectual e teórico dessa doutrina é inadequado. É necessário, até lá, praticar concomitantemente os Caminhos Breve e Longo. (23-5-155)

É bem verdade aquilo que os defensores extremistas do Caminho Breve dizem, como o Zen, que isso é tudo o que realmente necessário, que nenhuma meditação (no sentido comum), nenhuma disciplina, nenhum esforço moral e nenhum estudo são obrigatórios para alcançar a iluminação. Somos neste momento tão divinos como sempre seremos. Não há nada para ser acrescentado em nós; não é possível nenhuma evolução ou desenvolvimento do nosso eu real. Porém o que esses defensores esquecem é de que, na ausência desses trabalhos mencionados, o Caminho Breve poderá ter sucesso apenas se certas condições essenciais estiverem disponíveis. Em primeiro lugar, deverá ser encontrado um mestre que ensine. Não será suficiente encontrar um homem iluminado. Iremos nos sentir em paz e elevados na sua presença, contudo este sentir desaparecerá depois de sairmos da sua presença. Tal homem será um fenômeno a ser admirado e uma inspiração a ser lembrada e não será um guia para nos instruir, para nos avisar e para nos liderar passo a passo. Em segundo lugar, temos de ser capazes de viver continuamente com o mestre que nos ensina, até que tenhamos terminado o percurso e atingido o objetivo. Poucos aspirantes têm a liberdade de vivenciar plenamente esta segunda condição, pois as circunstâncias são difíceis de serem controladas, e são ainda poucos os aspirantes que têm a sorte de vivenciar plenamente a primeira condição; uma vez que é uma raridade encontrar em circunstâncias adequadas, um mestre competente, disposto e que queira ensinar. Estas são as duas razões pelas quais a filosofia afirma que a combinação de ambos os Caminhos, o Longo e o Breve são a única forma prática que deve ser adotada pelo aspirante ocidental moderno. Se ele for atraído pela

promessa da realização súbita ou de uma viagem fácil, ele negligenciará o Caminho Longo e com o passar do tempo, será levado ao autoengano ou à frustração ou à decepção ou ao declínio moral. Pois as suas características negativas aparecerão e o dominarão, a falta de preparação e de desenvolvimento irá impedi-lo de perceber em sua vivência os ensinamentos de alto nível que ele está tentando integrar em sua vida; enquanto que a impossibilidade de estar equilibrado em tais circunstâncias irá perturbá-lo ou furtá-lo de qualquer benefício que ele ainda possa ganhar. (23-5-151)

Capítulo 8: Práticas para o Caminho Breve

O CAMINHO BREVE está contente em fazer os exercícios por eles mesmos e não por causa dos resultados que eles trazem. Nisso ele é oposto ao Caminho Longo, no qual a prática deles visa os resultados e é apegado a esses resultados. (23-5-59)

Há três estágios progressivos nessa técnica. No primeiro, o estudante comprova por *si mesmo*, seguindo a orientação do mestre, de que o ego é fictício e ilusório. No segundo, ele se concentra diligentemente em técnicas de meditação do Caminho Breve para escavar por debaixo do ego e escapar dele. No terceiro, ele comprova por si mesmo o fato da Não-dualidade, de que existe apenas uma Mente Única. (23-6-1)

Diferentes termos podem ser usados para rotular esta realização única. Esta realização é o insight, o despertar, a iluminação. Ela é o Ser, a Verdade, a Consciência. Ela é a Discriminação entre Aquele que Vê e Aquilo que é Visto. É a consciência Daquilo Que É. É a Prática da Presença de Deus. É a Descoberta da Intemporalidade. Todas essas palavras nos dizem alguma coisa, mas todas elas ficam aquém e não nos dizem o suficiente. Na verdade, elas são apenas dicas, pois elas não podem ir mais além: elas não estão de forma alguma em seu nível, uma vez que a Realização é o Toque do Intocável. Mas isso não importa; apenas jogue com essas ideias se você se importar. Reflita e mova-se entre elas. Coloque o seu coração, bem como a sua cabeça no jogo. Quem sabe um dia o que pode acontecer? Talvez se você se tornar quieto o suficiente, você também poderá *saber*-como a Bíblia sugere. (1-5-172)

O último estágio do Caminho Breve não tem um procedimento especial, nem nenhum método especializado. A Vida é a sua Via, ou, conforme o sábio chinês disse, “ A vida comum é o Tao. ” (23-5-226)

Quem Sou Eu?

A pergunta “ Quem sou Eu? ” é feita em algum lugar naquele monumental livro antigo, A Yoga Vasistha. E, séculos mais tarde foi muitas vezes adotado por São Francisco nas suas orações.

Porém Sri Ramana Maharshi deu-lhe uma importância central em seus conselhos aos buscadores espirituais e aos praticantes de meditação. (23-6-106)

Existe algo em cada homem que diz: “ Eu ”, é ele o corpo? Normalmente ele pensa que sim. Porém se ele pudesse estabelecer uma análise mais profunda, o homem iria descobrir que a consciência poderia transportá-lo para longe do corpo-pensamento e para dentro dela mesma. Ali, em sua própria existência pura, ele encontraria a resposta à sua pergunta, “ Quem sou Eu? ” (8-1-67)

Seguir o “ Eu ” de volta à sua origem sagrada. (23-7-220)

Se ele tentar perceber a mente através da qual ele percebe o mundo, ele estará praticando a mais breve e direta técnica de descobrir o Eu Superior. Este é o significado do que Ramana Maharishi ensinou: “Rastreie o ‘ Eu ’ até a sua fonte.” (22-5-6)

O tipo mais comum de meditação procura inicialmente escapar ao intelectualismo, enquanto que a meditação metafísica o usa desde o início. Mesmo que esta meditação seja analítica, ela não se limita à atividade cerebral; ela também conjuga o sentimento, uma vez que ela busca uma experiência bem como a compreensão. Portanto, no trabalho do “ Quem Sou Eu? ” a meditação metafísica mexe com a totalidade do ser e com toda a sua intensidade. (4-4-62)

Quando você começa a buscar o Conhecedor, o qual está dentro de você, e separar-se do que é visto, que está tanto fora como dentro de você, você começa a passar da ilusão à realidade. (22-5-15)

Descubra a Quietude

Ele entenderá o real espírito da meditação quando ele entender que ele não tem que fazer nada, só tem que sentar-se quieto fisicamente, mentalmente e emocionalmente. No momento em que ele tenta fazer alguma coisa, eles impõem o seu ego. Sentando-se quieto interiormente e exteriormente, ele se rende à ação egoísta, indicando dessa forma, que ele está disposto a entregar o seu pequeno eu para o seu Eu Superior. Ele mostra que ele está disposto a afastar-se e deixar-se ser trabalhado, ser usado e ser guiado por um poder superior. (23-7-238)

Na medida em que o homem se mantém interiormente quieto, nessa mesma medida, ele abre-se e deixa que o sempre-perfeito Eu Superior resplandeça. (24-4-93)

Contemplando profundamente a beleza da Natureza à nossa volta, como alguns de nós têm feito, é possível deslizar em uma quietude, na qual nós apercebemos que nunca houve um passado, mas sempre o *AGORA* – a sempre-presente e atemporal Consciência – total paz, total harmonia; que não há passado – apenas o eterno. Onde estão as sombras da negatividade, então? Elas são inexistentes! Isso pode acontecer se nós esquecermos do eu, com o seu limitado ponto de vista, e nos rendermos ao impessoal. Naquela breve experiência não há nenhum conflito que perturbe a mente. (19-4-184)

O buscador da quietude deve ser informado de que a quietude está sempre ali. Na verdade, está em cada homem. Porém ele tem que aprender, em primeiro lugar, deixá-la entrar, em segundo, ele tem que aprender a fazê-lo. A primeira etapa disso é o relembrar. A segunda é reconhecer a atração para o interior. Quanto ao resto, a própria quietude irá guiá-lo e levá-lo para ela. (24-4-51)

A relembração contínua da Quietude, acompanhada da entrada automática nela, é a soma e a substância do Caminho Breve, é a chave prática para o sucesso. Em todos os momentos e sob todas as circunstâncias, isto é para ser feito; ou seja, ela realmente pertence e é parte da habitual rotina diária da existência. Consequentemente, sempre que ela for esquecida, o praticante deve observar seu insucesso e fazer a correção instantânea. O trabalho interior é mantido até que ela continue por si mesma. (23-6-210)

Toda vez que ele sai da quietude faz-se necessário uma chamada de atenção; o que não é fácil ou nem vem normalmente por si mesmo, mas sim, pelo autotreinamento, pela a auto-observação – “consciência plena”, tal como Buda a chamou. O sentimento pela quietude tem que ser persistentemente nutrido”; primeiro ela tem que ser trazida à existência, para então ser preservada em todas as horas do dia e em qualquer ambiente que o praticante se encontrar. (23-6-234)

O espírito (Brahman) NÃO é a quietude, mas é encontrado pelos seres humanos que estão na pré-condição da quietude. Esta quietude é a reação humana à presença de Brahman entrando em *seus* campos de consciência. (24-4-5)

Através deste simples ato de desaprender tudo o que você sabe – tudo o que você adquiriu através do pensar, através do relembrar, por meio de medidas, por comparação e através do julgamento - quando você regressa ao simples esvaziamento da consciência de seus conteúdos de pensamentos e ideias; e quando você chega à consciência pura em si mesma, é somente então, quando você pode descansar no Grande Silêncio. (24-4-78)

A Testemunha

O seu papel é o de ser a testemunha daquilo que ele é e de como ele se comporta, dos pensamentos que ele admite, como se ele estivesse testemunhando uma outra pessoa. Este deslocar-se da pessoa ativamente comprometida para a do observador, o qual é impessoal e descomprometido, mesmo estando ação, é o movimento de estar à deriva para o de controlar. Ele deve começar por colocar o ego, seu próprio ego, diante de si, como um objeto de observação. Ele não obterá o pleno sucesso fazendo isso, porque ele está envolvido em ambos os lados – como sujeito e como objeto – contudo a sua direção pode ser corrigida e o trabalho pode ser iniciado. Com o tempo e a prática, com o estudo e a reflexão, com a ajuda e a sinceridade, uma espécie de impessoalidade e de neutralidade pode ser estabelecida. Quando a quietude interior é completamente alcançada, o trabalho se torna muito mais fácil até que ele seja concluído pela graça do Eu mais elevado, o Eu Superior. É claro que fora da meditação, ele está consciente do seu habitual corpo; porém ele também está consciente do seu reverente-inspirador Eu Superior. Ele vê o primeiro como parte de um espetáculo passageiro e vê a si próprio como um observador não envolvido, estando por detrás de ambos o eterno Eu Superior. (23-6-97)

Desempenhar o papel de um observador da vida, da sua própria vida, é assistir ao processo interno, desaparecendo-se dele. O campo de observação deve incluir os eventos mentais, como também os pensamentos-acontecimentos; uma vez que o mentalismo mostra que eles são realmente um mundo. No final, tudo que pertencente à experiência, pertence à experiência mental. (23-6-82)

Tudo isso implica que a matéria é também um mito, irreal. Mais que isso, implica que o ego é um mito, ilusório. Aqui, então, encontra-se a primeira prática do derradeiro caminho: pensar constantemente naquela Mente que está produzindo o ego, todos os outros egos ao redor e, na verdade, produzindo todo o mundo. Continue praticando dessa maneira, até que isso se torne habitual. A consequência é de que no decorrer do tempo a pessoa tende a ver ao próprio ego com total desapego, como se o seu ego dissesse respeito a uma outra pessoa. Além disso, obriga-o a ter o ponto de vista do *todo*, e a ver a unidade como um ser fundamental. (21-3-88)

Quando um homem houver praticado este exercício por algum tempo e com uma certa competência, ele tornar-se-á consciente de uma experiência intrigante, a qual se dará de forma repetitiva. Por no máximo alguns minutos e frequentemente apenas por alguns momentos, ele vai ter a impressão de que saiu fora do seu corpo e de estar a se autoconfrontar, olhando para o seu próprio rosto como se fosse uma outra pessoa; ou ele terá a impressão de que está em pé atrás do seu próprio corpo, vendo o seu rosto de um ângulo lateral. Esta é uma experiência importante e significativa. (23-6-91)

A posição do observador impessoal é apenas uma tentativa que se assume, porque essa posição é de ajuda prática para quando você estiver aproximadamente na metade do caminho, para atingir a meta. Quando essa posição estiver bem-estabelecida na sua compreensão, na sua perspectiva e na sua prática, algo acontece por si só: o observador e o ego observado com o seu corpo e o seu mundo tornam-se absorvidos pela Mente indivisível. (23-6-84)

A Realidade Atemporal

O exercício de tentar adentrar no mistério do tempo, o qual é um estado mental, dentro da intemporalidade, o qual não é um estado mental, pertence ao Caminho Breve e é importante, valioso, mas sendo reconhecidamente difícil para os iniciantes. Ele é praticado através do sucessivo restringimento dos pensamentos, durante os seus momentos de folga e dos seus breves períodos de lazer, para o sentido da intemporalidade, do eterno agora, e da Presença eterna. (23-8-145)

A história pessoal que já passou, deixe-a realmente ir-se e fique livre do passado, o qual pode se tornar uma prisão mental para as pessoas descuidadas; aprender a permanecer no atemporal, saindo dele à medida em que os deveres o chamam, mas mantendo-se firmemente nele, como segundo plano. (24-3-227)

O nosso melhor momento acontece quando nos esquecemos do passar do tempo. Aqui, para aqueles que o podem apreciar, é uma pista para a essência da real felicidade. (19-4-162)

Como podemos alcançar essa liberdade intemporal? Há uma forma e esta é a de ir para dentro do Vazio e lá permanecer. Em suma, temos de encontrar, o eterno *Agora*. (23-8-114)

Despertar do Sonho

Um dos exercícios especiais do Caminho Breve é facilmente realizado por algumas pessoas e proporciona-lhes excelentes resultados, embora para outras, seja mais difícil de realizar. Tal exercício consiste em recusar que qualquer tipo de registro mental permaneça, seja ele oriundo do meio ambiente ou das pessoas, ou de qualquer experiência física que a pessoa experiencie. Ao

invés disso, a imagem mental deve ser firmemente dissolvida com o pensamento: “ Isto também é como um sonho ”e então ela é imediatamente esquecida. O exercício pode ser mantido por quinze a vinte minutos de cada vez. O benefício prático adquirido é o de melhorar o autocontrole; o benefício metafísico é o de enfraquecer a influência da ilusão; o benefício místico é o de capacitá-lo a assumir mais facilmente o papel da Testemunha; e o benefício pessoal é o de torná-lo em um homem mais livre e mais feliz. (23-6-95)

Observe essas duas coisas, agora: o caráter onírico da vida no mundo e o caráter ilusório do ego pessoal. Daí a necessidade da investigação do “ Quem sou Eu? ” para que a ilusão do ego possa ser dissipada. Quando você puder ver essas duas coisas claramente, você poderá então, permanecer quieto e imperturbável, livre e não-iludido com a luta da vida. Você será sábio, livre e inacessível à perseguição mesquinha dos homens - das suas mentiras, malícia e ofensas – por não estar mais identificado com a personalidade, você não é mais alvo deles. (21-5-4)

Passado, presente e futuro tornam-se meros sonhos quando considerados no contexto DAQUILO. Se o homem pudesse trocar o seu pensamento do eu, para o da Fonte e continuar a identificá-lo com aquilo, sua consciência seria transformada. (24-3-240)

Concentre-se na Respiração

A pessoa que gostaria de estar iluminada deve estar em conformidade com a dupla ação da natureza nela: com as respirações que inalamos e com as que exalamos. Então sua iluminação, quando ela acontece, deve ser *lá* e *aqui*: na mente e no corpo. As duas juntas estabelecem o equilíbrio da dupla vida na qual somos chamados a viver, ou seja, estar no mundo sem ser do mundo. No prolongamento da expiração nós não só nos livramos do pensamento negativo, como também do mundano, do materialismo, de manter a nossa atenção apenas nos interesses no físico. Com a respiração que inalamos, atraímos o positivo, a lembrança inspiradora do divino escondida no Vazio. A partir daí nós estamos ali, na *mente* e, aqui, no *corpo*. Reconhecemos a verdade da eternidade, a ação no tempo. Nós vemos a existência do Vazio, contudo sabemos que todo o Universo surge a partir dele. (P-5-28)

A Lembrança

Uma das mais valiosas formas de yoga é a yoga da constante lembrança. Seu conteúdo pode ser uma experiência mística, uma intuição ou uma ideia. Em essência, isso é realmente um esforço para inserir a atmosfera transcendental na vida mundana. (23-6-212)

A amada e adorada recordação do Eu Superior, o retorno constante à memória dele em meio às distrações do mundo; a reiteração desse pensamento divino como plano de fundo permanente para todos os outros pensamentos, é em si mesmo um caminho da yoga. Na verdade, é o mesmo que ensinou São Paulo quando ele escreveu, “ Oraí sem cessar ” e “ Traga cada pensamento cativo para Jesus Cristo. ” (23-6-237)

Exercícios da Constante Lembrança:

O Eu Superior é um termo pelo qual a experiência passada pode não fornecer qualquer significado. Mas talvez você tenha tido incomum e belos momentos, nos quais tudo parecia estar quieto, quando o mundo etéreo do ser parecia estar muito perto de você. Bem, naqueles momentos você estava sendo elevado ao Eu Superior. A tarefa que você deverá estabelecer para si mesmo é a de recapturar aquela bendita presença e sentir uma vez mais aquele bonito interlúdio de quietude sobrenatural. Porém, se você não puder recordar tais momentos ou se ao lembrar-se deles, você não conseguir recuperar novamente a sua vivacidade e realidade, então existe um caminho alternativo. Faça disso sua responsabilidade, de recordar a imagem e a presença de alguém que você acredita estar desperto para a consciência-do-Eu Superior. Escolha-o como seu guru e, portanto, como uma mão estendida que pode ser mentalmente alcançada e através da qual você pode gradualmente levantar-se. Assim, se o Eu Superior for uma abstração vaga para você, ele, sendo uma pessoa que vive e que você encontrou, não o é. Ele pode facilmente ser para você um foco preciso de concentração, um ponto positivo no infinito para o qual você pode direcionar seu olhar interno. (23-6-177)

Este exercício aparentemente simples está disponível universalmente e por isso pode ser praticado onde ele quiser e sempre que ele desejar. Não há nenhum momento o qual não ofereça uma oportunidade de praticá-lo, não há nenhuma situação em que ele não seja oportuno. Tudo o que ele tem que fazer é lembrar que ele é um Buscador, que ele também é um ser divino, bem como um ser animal e que ele deve agir com toda a sua humanidade e não apenas como um fragmento dela. Porém essa lembrança não deve ser praticada como uma luta, ela deve ser estabelecida como um hábito natural e relaxante, não importando as tensões existentes ao seu redor. Quanto mais ele praticar mais ele pode consolidar este modo de vida, esta é uma

combinação única de agir no mundo como se para ele nada mais existisse do que as exigências do mundo e estando dentro de si mesmo, bastante desapegado do mundo. (23-6-239)

O Exercício da Lembrança do Eu Superior

Nome: Ele é tão simples que é chamado de exercício, apenas porque se faz necessário ter um nome. No início, ele requer esforço, tal como qualquer outra prática.

Como fazer:

- 1) Deve ser praticado em todos os momentos, em todos os lugares e sob todas as condições físicas. Trata-se da constante recordação amorosa pela mente, da sua existência e da sua identidade interna com o Eu Superior.
- 2) Ele consiste na repetida e devotada recordação de que existe esse outro e maior eu, algo caloroso, sentido e vivo, olhando de cima e velando por ele.
- 3) Ele deverá continuar praticando até que ele seja capaz de manter o pensamento no Eu Superior como uma espécie de cenário para todos os seus outros pensamentos.

Vislumbre: Se ele já teve um vislumbre de uma existência superior além das sensações, que o impressionou profundamente e que possivelmente o tenha conduzido para a busca, é *muitíssimo importante* que ele também introduza a lembrança desta experiência em seu exercício. Ele deve tentar trazer à sua mente, tão vividamente quanto possível a sensação de paz e a exaltação que ele sentiu.

Aviso: Um perigo deste exercício da lembrança é que ele pode tornar-se automático cedo demais e, portanto, meramente mecânico e oco. A lembrança deve ser uma coisa calorosa, sentida e viva, se for para manter o espírito do exercício e não perdê-lo.

Quando praticar:

- 1) A concentração interior deveria persistir por trás e apesar da atividade externa.
- 2) A lembrança do Eu Superior deverá ser mantida na parte de trás da mente, mesmo parecendo que ele esteja apropriadamente atento aos assuntos externos.
- 3)
Ele deveria sempre manter o exercício ou mantê-lo o mais frequentemente possível em

um segundo plano da mente enquanto dirige a sua atenção para os deveres que se desenrolam no primeiro plano.

- 4) Embora o primeiro plano de sua consciência esteja ocupado atendendo aos assuntos da vida diária, seu fundo permanece em uma espécie de vazio sagrado em que nenhum outro pensamento pode intrometer-se além do pensamento do Eu Superior.
- 5) A lembrança deveria tornar-se o pivô imóvel sobre o qual o pêndulo da atividade externa oscila perpetuamente para lá e para cá.

Tempo livre:

Quando ele tiver tempo livre, o exercício deveria vir para o primeiro plano. Sempre que houver um abrandamento dos deveres, ele deveria deixar que a sua atenção voasse ávida e mais plenamente, de volta ao exercício.

Por quanto tempo:

Ele deveria treinar-se nesse exercício:

- 1) Até que o exercício se torne bastante fácil e sem esforço;
- 2) Até que essa concentração interior se torne um movimento habitual;
- 3) Até que a lembrança continue por sua própria conta;
- 4) Até que a sua prática seja estabelecida firmemente e com êxito, como um fluxo incessante;
- 5) Até que a recordação amorosa da existência do Eu Superior na mente e a sua identificação interna com Ele se torne constante;
- 6) Até que a prática seja absorvida no desempenho perfeito e perpétuo;
- 7) Até que ele vivencie o Eu Superior incessantemente, como um centro não anunciado e impessoal, da sua gravidade pessoal.

Potência: Este método tem uma potência peculiar em si mesmo, apesar do seu carácter informal e não programado. A sua eficácia inesperada, não é, portanto, para ser medida pela sua óbvia simplicidade.

Graça: Quando a lembrança se torna um fluxo incessante, o Eu Superior vai trazer-lhe o notável

fruto da graça. Quando ele se volta para dentro de maneira habitual em direção ao Eu Superior, a graça pode operar mais facilmente em todos os assuntos. Quando a graça começa a trabalhar, ela provavelmente removerá um número de obstáculos internos e externos em seu caminho – às vezes de uma maneira aparentemente milagrosa – e eventualmente, levando-o a uma autoconsciência mais verdadeira. (23-6-176)

Até que isto seja trazido à sua atenção ele poderá não saber que o ídolo aos pés do qual ele está venerando continuamente é o ego. Se ele pudesse lembrar de Deus na mesma proporção em que ele lembra do seu ego, ele poderia muito em breve atingir e manter-se naquela iluminação à qual outros homens dedicaram muitas vidas de árduo esforço. (8-4-153)

Pelo pensamento, o ego foi feito; pelo pensamento, o poder do ego pode ser desfeito. Porém o pensamento deve ser dirigido a uma entidade superior, pois a disposição do ego em atacar a si mesmo é apenas uma pretensão. Dirija-o constantemente para o Eu Superior, seja mentalmente devotado ao Eu Superior e emocionalmente ame o Eu Superior. Poderá, então ele recusar-se a ajudá-lo? (18-1-77)

A base deste exercício é que a lembrança do Eu Superior leva com o tempo ao esquecimento do ego. Deixar que a mente resida constantemente no pensamento do Eu Superior, tranquiliza-a. Trazer a figura do guia espiritual para ela, fortalece-a. (23-6-152)

Para manter essa lembrança o tempo todo, em todas as circunstâncias, requer prática e perseverança de uma forma que parece fora do comum. Porém elas estão realmente dentro dos recursos inexplorados e das reservas intocadas em todos os seres. (23-6-244)

Fixe a atenção indivisivelmente no Eu Superior, o qual está ancorado no centro-do-coração. Então tudo o que você fizer durante o dia será naturalmente uma ação divinamente inspirada e um verdadeiro serviço. O Eu Superior é a sua verdadeira fonte de poder: vire-se para ele e receba a sua orientação construtiva para a sua tarefa da vida diária. (23-6-165)

Quer o seu corpo se encontre entre os ladrões ou a sua mente se encontre entre as teorias, o dever do aspirante em estar consciente sempre será o mais supremo. Ele pode trabalhar em casa, no escritório ou no campo e essa atividade deveria ser bastante compatível com o permanecer na consciência superior, através da prática deste Exercício da Lembrança. Este último não precisa ser um obstáculo às suas faculdades ordinárias ou às suas percepções. (23-6-229)

Ele está errado ao opor-se que você não consegue manter dois pensamentos diferentes ao mesmo tempo e que por isso, você não pode lembrar-se de Deus e atender simultaneamente aos detalhes mundanos. Você pode. Deus não é um pensamento, mas uma consciência em um nível superior. A mente não sustenta Deus. Com certeza que a mente não pode manter dois objetos de

pensamento, pois eles estão em dualidade, mas eles podem ser mantidos pela presença de Deus. Somente aqui a união do sujeito com o objeto se torna possível. Todos os outros pensamentos estão na dualidade. (23-6-256)

Na lembrança ele deveria mais uma vez amar a beleza e reverenciar a solenidade dessa experiência. Se o esforço para se lembrar do Eu Superior for mantido repetidamente, irá atenuar as tendências mentais materialistas herdadas de vidas anteriores e deter a inquietação natural da atenção. A lembrança eventualmente atinge uma concentração mística de pensamentos com características semelhantes aos que alcançou durante os períodos determinados de meditação, mas com a vantagem adicional de não parar com as atividades deste mundo.

Momentos de absoluta quietude interior poderão chegar até ele. O habitual e o familiarizado ego irá então abandoná-lo como num súbito relâmpago e com a mesma rapidez. Deixe-o fixar esses momentos firmemente em sua memória. Eles devem ser usados nos anos seguintes como temas para meditação e metas para as quais ele necessita esforço. (23-6-186)

Ele deve pensar tantas vezes e tão intensamente no Eu Superior como uma menina apaixonada pensa no próximo encontro com o seu amado. Todo o seu coração deve ser mantido em cativeiro, por assim dizer, por essa aspiração. Isso é para ser praticado não só durante as horas estabelecidas formalmente, mas também constantemente ao longo do dia como um exercício de recordação. Esta yoga, feita em todos os momentos e em todos os lugares, se torna uma vida permanente e não apenas um exercício transitório. Esta prática da constante lembrança do Eu Superior purifica a mente e de forma gradual torna-a naturalmente introvertida, concentrada e eventualmente ela se ilumina. (23-6-217)

Este ato de lembrar não requer nenhum esforço, nenhum exercício da força de vontade. É um ato de virar-se para dentro, através e pelo poder do amor, em direção à fonte do ser. O amor redireciona a atenção e o amor a mantém concentrada, sustentada, obediente. (23-6-255)

Embora se diga ao aspirante para largar tudo o que ele está fazendo quando sentir a descida da quietude e, para manter-se na quietude, enquanto ele puder ou enquanto ela estiver ali, ele também poderá praticar um exercício útil, inteiramente por sua própria iniciativa, em qualquer hora do dia, envolvendo uma postura mental e física semelhante. Para esse fim, ele detém tudo o que ele está fazendo, sempre que ele quiser e quantas vezes ele quiser e mantém-se suspenso, por assim dizer, sem se mexer, sem pensar em mais nada a não ser na passiva lembrança do Eu Superior. Este exercício especial da lembrança pode ser feito por um único minuto ou por uns poucos, exatamente como ele desejar. (23-6-200)

Ao manter-se perto do Eu Superior, ele pode ganhar a sua protetora guiança ou sua útil influência. Nenhum dia deveria passar sem sua lembrança, nenhum empreendimento deveria ser iniciado sem a sua invocação. (23-6-169)

Se o passado não é resgatável e o futuro é imprevisível, que outro caminho é mais prático e está disponível do que o de salvaguardar o presente pela constante lembrança do divino? (23-6-158)

Nenhum grau de exagerada homenagem a um guru pode ocupar o lugar da lembrança do Real. (23-6-156)

O filósofo bem-sucedido não é um sonhador: ele mantém a sua praticidade, o seu interesse nos assuntos mundiais, a sua complacência em aceitar responsabilidade, permanecendo assim um servo efetivo da humanidade. Mas tudo isso é feito *dentro* da Lembrança. (23-6-242)

Exercício da Identidade “ Como Se ”

Melhor do que qualquer prolongada disciplina de yoga é o esforço para segurar e prender com firmeza, no aqui-e-agora, a sua própria divindade. (23-5-175)

Uma parte da técnica prática para alcançar a consciência interior dessa realidade atemporal é a prática do exercício COMO SE. Ela já foi publicada em *A Sabedoria do Eu Superior*, com algumas variações e uma variável não publicada foi incluída nas descrições do Caminho Breve como “ identificação com o Eu Superior. ” O praticante considera a si mesmo não do ponto de vista do buscador, mas do Homem Realizado. Ele assume em pensamento e ação que ele não tem nada a atingir, porque ele baseia-se na verdade do Vedanta que a Realidade da qual ele faz parte está aqui e agora - não é alcançada no Tempo, sendo atemporal – e que, portanto, ele é tão divino como ele sempre será. Ele rejeita a *aparência* das coisas, a qual identifica o homem apenas com seu ego e insiste na identificação superior também com o Eu Superior. (23-6-115)

Neste Caminho Breve ele busca o significado do Ser, de ser ele mesmo e do ser-em-si, até que ele encontre a sua finalidade. Até que essa busca seja concluída, ele aceita a verdade, passada a ele pelos Iluminados, que em sua essência mais íntima ele é Realidade. Isso leva à consequência lógica de que ele deve ignorar os sentimentos pessoais que continuam a partir de tendências passadas, hábitos, atitudes e pensar e agir como se ele próprio fosse um iluminado! Pois agora ele sabe por evidência, estudo e reflexão que o Eu Superior está por trás e é a fonte principal de seu ego, assim como ele sabe através da experiência do sentir durante seus breves Vislumbres.

Trazendo essa forte convicção para o pensamento, para a ação e atitude, este é o “ Caminho Celestial ” [ou o exercício “ Como Se ”], um dos principais no Caminho Breve.

Ele simula ser o que ele quer tornar-se: pensa, fala, age, se comporta como um mestre da emoção, desejo, ego, porque assim, ele poderá ser um. Mas ele deve desempenhar esse jogo somente para si mesmo e por si mesmo, não para engrandecer-se aos olhos dos outros, a fim de não semear a semente de uma grande vaidade. (23-6-109)

Exercício da Identidade: Ele não terá que lutar como no Caminho Longo. Não haverá mais esforço penoso. A mente estará feliz de descansar neste estado positivo se ele mantém desde o início a fé que ele já havia conseguido e a aspiração que ele tinha com respeito a esse estado, a qual está sendo realizada *agora* e não em algum tempo distante e desconhecido. Tal atitude gera algo mais do que sentimentos agradáveis de esperança e otimismo: ela engendra poder subconsciente. (23-6-131)

Ele molda a si mesmo em uma outra pessoa na imaginação, na fé e na vontade. Por um tempo ele cria a ilusão de um novo destino que acompanha esta nova pessoa. Não é este um verdadeiro renascimento? Será que ele não se afasta da velha pessoa de todos os dias e esquece-a completamente através dessa transformação milagrosa? Ele vive tão completamente neste auto ideal visualizado que não há espaço deixado para as falhas antigas, para as antigas fraquezas rastejarem. (23-6-144)

Ele aprende que ele pode definir seus próprios limites, pois enquanto ele pensa o dia todo que ele é somente essa pessoa, fazendo e falando de maneira comum como os homens costumam fazer, então ele é, certamente, nada mais que isso. Mas se ele começa o dia em um nível mais elevado, pensando que ele é divino em seu ser mais íntimo e mantém-se nesse nível à medida em que as horas passam, então ele vai se sentir mais perto dele. Este é um processo prático, o qual tem o seu efeito na consciência, no carácter e nos eventos. (23-6-128)

O método do Caminho Breve é afirmar que na consciência celestial do Eu Superior não há mal, nada que se faça de errado, nenhum pecado e nenhuma ação em falta; e é por causa que o verdadeiro ser do homem está ali que o aspirante deveria identificar-se com ele na fé, pensamento e visão. Dessa forma tríplice ele se vê habitando e agindo no Eu Superior e, portanto, sem seus específicos pecados e falhas. Ele considera-os como inexistentes e deixa de ter ansiedade ou preocupação a respeito deles. Ele faz isso tanto quanto ele pode desde a manhã até a noite e isso cumpre com a injunção de Jesus, a de “ orar sem cessar ” num sentido mais profundo e filosófico. (23-6-129)

É uma visão de si mesmo, de como ele poderia ser, mas transferida de uma possibilidade futura para uma presente realização. Este exercício “ Identidade ” acertadamente pertence ao Caminho

Breve, pois no caso de um novato, cujo conhecimento é pequeno, os esforços limitados e o caráter não purificado, a sua prática poderia ser auto enganadora. (23-6-143)

O exercício “ Identidade ” é uma mudança do aspirar humildemente à um nível mais elevado, para o de criativamente imaginar-se como se já estivesse lá. Os perigos aqui são presunção, engano e complacência. (23-6-142)

O exercício “ Como Se ” não é apenas pretexto ou um faz de conta. Ele requer um estudo perspicaz e suficiente compreensão do caráter elevado e da consciência espiritual da parte a ser desempenhada, do papel a ser promulgado, da autossugestão a ser realizada. (23-6-113)

Esta prática de retratar a si mesmo como se deveria ser, de visualizar o homem livre de qualidades negativas e radiante com as positivas que fazem parte do Ideal da Busca, tem resultados quase mágicos. (23-6-123)

Para praticar o exercício “ Como Se ” do Caminho Breve com sucesso, é necessário esquecer todas as técnicas do passado, deixando-as ir e recomeçar; elas são apegos e nessa medida, distrações. Elas podem causar a autoconsciência, a ansiedade pelo sucesso e a impaciência. A divindade está ali, dentro de você; tenha fé que ela *está*, então entregue-se a ela. (23-6-138)

A prática do exercício “ Como Se ” é como estar sendo renascido espiritualmente e encontrar um novo modo de vida. Ela dá coragem para aqueles que se sentem gravemente inadequados, a esperança para aqueles que se sentem capturados por seus fracassos passados. (23-6-111)

Mesmo que isso seja somente uma postura que é cultivada, ele, todavia permanece sendo uma disciplina valiosa e um exercício que dá bons resultados. Pois ele tem muito poder sugestivo, este método “ Como Se ” é uma parte essencial do Caminho Breve. (23-6-147)

Dentro do Vazio

A meditação no vazio tem como um dos seus principais objetivos a superação do egoísmo. Ela não só destrói a visão estreita do eu, mas sublima o próprio pensamento do eu no pensamento da pura existência ilimitada. Empregado no momento adequado e não prematuramente, ela queima a ilusão da separatividade. (23-8-158)

O mais elevado e o último dos estágios dirigido para o interior está ainda para ser alcançado e esse é o Vazio do Ser que tem o autoconhecimento e o qual pode dizer: “ Eu sou o que Eu sou ” do Êxodo 3:14, mas o qual não tem outro predicado. (23-8-3) (?)

Não antes que o ego seja completamente esvaziado e caia no Vazio é que ele irá saber, sentir e compreender plenamente a bem-aventurança da salvação. (8-4-447)

Nesta altura, ele fica tão perdido no Vazio que ele se esquece quem é que está meditando. Em seguida e assim, ele recebe uma resposta adicional para a pergunta “ Quem sou eu? ” (23-8-100)

Quando toda a ação chega ao fim, quando o corpo está imóvel e a consciência quieta, se alcança o que os chineses têm chamado Wu Wei, o qual significa o não-fazer. Isto traz uma paz maravilhosa, pois ligado com isto está o não-desejar e o não-aspirar. O buscador então chegou perto do fim, mas até que esta paz seja completa e permanentemente estabelecida nele, a busca deve continuar. Deixe de lado todos os pensamentos negativos, especialmente aqueles que dizem respeito aos outros. Deixe a condenação e a crítica, exceto quando for uma parte necessária de uma obrigação, dever ou posição no mundo, tal como a de um magistrado. (24-3-289)

Através da repetida contemplação do vazio a mente se livra das ilusões da matéria tempo espaço e da personalidade e eventualmente, a verdade é alcançada. (23-8-114)

Por que ter medo desta declaração: de que a meta final é fundir-se no Absoluto? Será que é porque ela promete o mesmo que a morte – aniquilação? Contudo, sempre que entramos no sono profundo essa fusão acontece. O ego, com os seus pensamentos, desejos e agitações desaparece; o mundo com as suas relatividades não existe mais. O tempo, o espaço, a forma e a memória são perdidas. No entanto, tudo reaparece na manhã seguinte. Portanto, não é uma morte real. Isto é o puro Ser. A meditação tenta reproduzir essa condição, alcançar um retorno ao sono profundo, mas com o fator adicional da *consciência*. Na última fase – *Nirvikalpa Samadhi* – isso sucede. O homem se dissolve, mas a sua Origem divina permanece como resíduo, como o que ele sempre e basicamente foi. É por isso que a filosofia inclui a meditação. (4-1-199)

Seria completamente falso considerar o Vazio como sendo um nada e contendo nada. Ele é o próprio Ser e contém a realidade por trás de todas as coisas. Também não é uma espécie de inércia, de paralisia. Toda ação brota dele, todas as forças do mundo derivam dele. (28-1-118)

Nós devemos retirar cada coisa e cada pensamento da mente exceto este único pensamento, o de tentar alcançar a ausência do que não é o Absoluto. Isso é chamado de *Gnana Yoga*: “ *Neti, Neti* ” (Não é isso) como Shankara o chamou. E ele deve continuar com essa eliminação negativa até que atinja a fase em que um grande Vazio o envolva. Se ele conseguir manter resolutamente este Vazio em continua concentração – e ele descobrirá que é uma das coisas mais difíceis do mundo

em fazer – ele irá descobrir abruptamente que isso não é uma mera abstração mental, mas algo real; não um sonhar, mas a coisa mais concreta em sua experiência. Então e só então ele pode afirmar positivamente: “ É *Isto*. ” Pois ele terá encontrado o Eu Superior. (23-8-118)

A subsequente conclusão desta contemplação do mundo como o grande Vazio é de que o trabalho realizado pelo estudo mentalista é ainda mais avançado, pois não só as coisas que são experimentadas pelos cinco sentidos parecem ser apenas pensamentos, mas os pensamentos em si são agora vistos como sendo a espuma transitória e o jato jorrado para fora do aparente Vácuo. Assim sendo há uma completa reorientação dos pensamentos ao Pensamento. Ao invés de manter um único pensamento ou cenas de ideias em perfeita concentração, o praticante deve agora mover-se para longe do conjunto de todas as ideias, para esse aparente vácuo do qual elas surgem. Este último, claro que é o puro, passivo, indiferenciado material da mente a partir do qual as ideias individualizadas são produzidas. Aqui não há conhecimento e discriminação entre uma ideia e outra, nenhuma agitação na consciência disto e daquilo, mas sim um sublime vazio. Pois a Mente-essência não é algo que nós possamos imaginar; ela é totalmente sem forma. Ela é tão vazia e tão incompreensível quanto o espaço. (23-8-115)

O último nível da experiência interior, a fase mais profunda da contemplação, é aquela em que o próprio experimentador desaparece, desaparece o meditador, o conhecedor não tem mais um objeto a ser conhecido – nem mesmo o Eu Superior – porque a dualidade desmoronou. Porque esse nível é algo além da experiência da suprema “ Luz ” onde o Eu Superior revela a sua presença visualmente como uma massa deslumbrante, eixo, bola ou raio de radiância sobrenatural, o qual é visto quer os olhos do corpo estejam abertos ou fechados, isto tem sido chamado de escuridão divina. (28-2-147)

Repousar nessa condição de grande vazio é acompanhado de intensa e viva felicidade. Ele sabe que ele está com o Deus vivo. Ele entende que chegou tão perto de Deus como é possível para um ser humano na Terra fazer e ainda assim permanecer humano e vivo. Mas ele sabe e entende tudo isso não pelo movimento de ideias – pois não há nenhuma ali – mas por um sentimento que captura todo o seu ser. Mas é durante esta experiência final do Vazio, quando ele vai além de toda a relatividade, que ele experimenta a Mente sendo a única realidade, a única existência duradoura e que tudo o mais é apenas uma sombra. A entrada nesta fase é, portanto, um ponto crítico para todo aspirante. (23-8-32)

Escondido atrás de cada pensamento particular existe o elemento divino, o qual torna possível ter consciência daquele pensamento. Se, portanto, buscarmos esse elemento, devemos procurá-lo primeiro através do alargamento do intervalo entre eles, sendo dissolvidos todos os pensamentos e segundo pela contemplação daquilo de onde eles surgiram. (23-8-159)

Durante o intervalo – ainda que seja infinitesimal – entre dois pensamentos, o ego desaparece. Por isso, verdadeiramente pode-se dizer que, com cada pensamento, ele reencarna de novo. Não há nenhuma necessidade real para esperar que uma série de nascimentos de longa vida passem antes que a libertação possa ser alcançada. A série de nascimentos momentâneos também oferece esta oportunidade, desde que um homem saiba como usá-lo. (23-8-162)

Há certos intervalos de consciência entre dois pensamentos – tais como aqueles entre a vigília e o sono e aqueles entre o sono e a vigília – que normalmente passam despercebidos por causa da rapidez e brevidade associados com eles. Entre um momento e outro há a consciência atemporal; entre um pensamento e outro há a consciência livre de pensamentos. É sobre este fato que um determinado exercício foi incluído em *A Sabedoria do Eu Superior* o qual não havia sido publicado anteriormente em qualquer outro livro ocidental. Mas isso não é uma descoberta moderna. Isso era conhecido pelos antigos egípcios e isso era conhecido pelos ocultistas tibetanos e nos tempos modernos foi provavelmente conhecido por Krishnamurti. Os egípcios, preocupados como eles estavam com o tema da morte e do outro mundo, basearam seu célebre *Livro dos Mortos* nisso. *O Livro Tibetano dos Mortos* contém o mesmo tema. Entre o sair do corpo das invisíveis forças vitais no final de cada encarnação e a sua entrada naquele estado de consciência que é a morte, o mesmo intervalo reaparece. Se o moribundo pode elevar-se até ele, apoderar-se dele e não o deixar escapar então ele irá entrar no céu – o verdadeiro céu. E foi para lembrá-lo deste fato e para ajudá-lo a conseguir este feito que os antigos sacerdotes os assistiam em seus últimos momentos e entoavam as passagens pertinentes desses livros. Esse intervalo misterioso aparece ao longo da vida e mesmo na morte e ainda assim os homens não o notam e perdem uma oportunidade. Isso acontece não só com a entrada na morte, mas também entre duas respirações. É possível ir ainda mais longe e dizer que o intervalo reaparece por um longo período entre duas encarnações pois há, então, o bloqueio de todas as impressões do passado antes de assumir um novo corpo. Platão deve ter conhecido isso. (23-6-81).

A sucessão de pensamentos aparece no tempo, mas o intervalo entre os dois está fora do tempo. O intervalo em si não é normalmente observado. A chance de iluminação é desperdiçada. (23-8-163)

É a presença física do ego no estado de vigília que paralisa toda a consciência espiritual nele. É a ausência física e pessoal do ego no estado de sono profundo que paralisa toda a consciência material nele, também. Ao mantê-lo fora e, todavia, mantendo-se no estado de vigília, a consciência transcendental é capaz de fornecer a condição necessária para uma consciência espiritual ininterrupta que não só é superior aos três estados, mas que continua a sua própria existência por trás deles. (19-3-180)

Eles podem vir abruptamente, esses momentos intensamente vividos de verdadeira visão, esses vislumbres espasmódicos de uma beleza e verdade acima das melhores que a vida terrena

oferece. A mente, em seguida, descansa e ali existe um intervalo em suas atividades habituais, um Vazio a partir do qual essas experiências celestes vêm à vida na medida que elas ultrapassam nossos sentimentos comuns. (22-6-28)

Estudantes recuam atemorizados diante do conceito de um grande vazio o qual não lhes deixa nada, humano ou divino, ao qual eles possam se agarrar. Quanto mais irão eles recuar, não de um mero conceito, mas de uma experiência real através da qual eles pessoalmente deverão passar! Todavia, este é um evento, embora não o derradeiro no caminho ultramístico, o qual eles não podem nem evitar nem fugir. É uma prova que deve ser tolerada, ainda que ao estudante que tenha se resignado a aceitar a verdade não importa a face que ela tenha – quem, conseqüentemente, já compreendeu o vazio intelectual de ambos Matéria e Personalidade – esta experiência não assumirá a forma de uma prova, mas em vez disso, de uma aventura. Depois de uma realização tão rara, ele irá emergir como um homem diferente. Doravante, ele vai saber que nada do que tem forma, ninguém que tenha uma forma, nenhuma voz exceto aquela que não tem som poderá sempre ajudá-lo novamente. Ele saberá que toda a sua confiança, toda a sua esperança e todo o seu coração estão agora e para sempre sendo entregues incondicionalmente a este Vazio que misteriosamente não será mais um Vazio para ele. Pois isso é Deus. (23-8-43)

O primeiro contato do estudante com o Vazio provavelmente vai assustá-lo. A sensação de estar sozinho – um espírito desencarnado – em um imenso abismo do espaço ilimitado dá uma espécie de choque para ele ao menos que ele esteja bem preparado pela compreensão metafísica e bem fortificado pela determinação de alcançar a realidade suprema. Seu terror é, no entanto, injustificado. No ato de projetar o ego pessoal, o Eu Superior tem necessariamente e ao mesmo tempo que velar-se do ego. Assim nasce a ignorância. (23-8-35)

Aqueles que descobrem que além da Luz, eles devem passar pelo Vazio, o vácuo sem limites, muitas vezes recuam atemorizados e se recusam a aventurar-se mais longe. Pois aqui eles não têm nada a ganhar ou obter, nenhum arrebatamento espiritual glorioso para adicionar às suas memórias, nenhum grande poder para aumentar sua sensação de ser um colega de trabalho de Deus. Aqui o seu próprio sangue da vida será espremido como o preço da entrada; aqui eles devem tornar-se o mais fraco das criaturas. (23-8-59)

Muitíssimos místicos ficam bastante e desnecessariamente amedrontados com esse conceito do Vazio que talvez seja necessário tranquilizá-los. Eles param no limiar de sua alta realização e não vão mais longe porque temem que eles sejam extintos, aniquilados. A verdade é que isso vai acontecer apenas com a sua natureza inferior. Eles mesmos permanecerão muito vivos. Assim, não é a melhor parte de sua natureza que realmente teme a experiência do Vazio, mas a pior parte. (23-8-57)

O que é chamado *Turiya* ou o “ quarto estado ” em sânscrito, ainda que este não seja nem vigília, nem sonho, nem dormindo, ele está relacionado, no entanto, com todos os outros três estados como sendo seu plano de fundo. Portanto, antes que a pessoa adormeça ele entra em jogo. Antes de se acordar de manhã, ele também entra em jogo. Ou antes que um sonho chegue ao fim e o sono profundo sobrevenha, ele entra em jogo. É por isso que tanto a prática da meditação ou a breve prática da lembrança espiritual em qualquer um desses três períodos de pausa naturais, têm o máximo proveito deles. É também por isso que durante o intervalo entre dois pensamentos distintos, ele entra em jogo. Assim, ao longo da vida de um homem, ele está confortavelmente sendo trazido de volta ao contato com o seu Eu divino. Mas porque seu rosto está voltado para o outro lado e ele está olhando na direção errada, ele nunca tira proveito e se torna consciente daquele Eu. (19-3-196)

Capítulo 9: Experiências ao longo do Caminho

A GRAÇA É DE DOIS TIPOS. A do tipo comum, que é a mais conhecida e a do tipo inferior, a qual se encontra no Caminho Longo. Ela flui a partir do Eu Superior em resposta automática à fé ou à devoção intensa, expressa durante tempos de necessidade. É uma reação à busca de ajuda. O tipo mais raro e superior encontra-se no Caminho Breve. A Graça surge a partir da autoidentificação com o Eu Superior ou da lembrança constante do mesmo. Aqui não há ego para procurar ajuda ou para pedir uma Graça, a qual está, necessariamente, sempre presente no Eu Superior. (23-6-7)

Há pequenas graças, tais como aquelas que produzem o vislumbre; mas há apenas uma grande Graça: esta produz uma transformação duradoura, uma cura profunda e radical e a iluminação permanente. (18-5-13)

A Temporização do Atemporal

Quem quer que tenha sido conduzido para dentro da caverna da vida atemporal irá apurar sua caneta em uma tentativa inútil de encontrar palavras as quais avaliem com precisão essa experiência sublime. Ele sai renovado do abraçar primoroso de tal contemplação. Ele aprende nessas horas iluminadas. Aquilo que ele tem buscado tão ardentemente tem estado dentro dele mesmo o tempo todo. Pois lá no âmago do seu ser, escondido debaixo de toda fraqueza, paixão, mesquinhez, medo e ignorância, habita a luz, o amor, a paz e a verdade. As janelas de seu coração se abrem para a eternidade, só que ele as manteve fechadas! Ele está tão próximo quanto possível do espírito sagrado de Deus, como ele sempre estará, mas ele deve abrir os seus olhos para vê-lo. O estado divino do homem está lá no fundo dele mesmo. Mas ele deve reivindicá-lo. (22-3-3)

Não há um caminho único para a iluminação. A yoga não tem o monopólio. A própria vida é o grande iluminador. Eu conheci um homem uma vez, que após o choque de ouvir sua esposa dizer-lhe que ela tinha deixado de amá-lo, que ela havia tido por algum tempo um amante secreto, e que ela queria o divórcio de modo a ser capaz de se casar com ele, sentiu um colapso

de todos os seus valores e crenças até então confiantemente mantidos. Por alguns dias ele esteve tão afetado que não podia comer. Mas sua mente, nessa altura, havia se tornado tão extraordinariamente lúcida sobre esses assuntos e sobre si mesmo, que ele experimentou momentos de verdade. Através deles ele alcançou uma grande paz e compreensão, uma mudança interior. Qual foi o sol da manhã que lhe despertou? Ele não fez exercícios de ioga, não entrou em igrejas e, estava muito absorvido em seu negócio mundano, para ler livros espirituais. Isso me traz de volta ao tema: não se submeta à pressão daqueles que dizem que há apenas um único caminho para a salvação (o caminho que eles seguem ou ensinam); não deixe a mente ser restringida ou se estreitar. A verdade é que os caminhos são muitos, eles apontam em todas as direções e são individuais. (1-5-209)

A verdade nem sempre irrompe no devoto como um lampejo repentino, breve e total. Ela também pode vir tão devagar que ele dificilmente perceberá o seu movimento. Mas em ambos os casos esse progresso será medido pelo abandono de sua atitude puramente pessoal e autocentrada em relação à vida. (20-4-89)

Será que a iluminação vem de repente? Ou será que temos que trabalhar por ela lenta e gradativamente? A resposta varia de acordo com o caso em questão. A maioria das pessoas precisa de tempo para adaptar-se e equipar-se para o momento glorioso do insight, mas uns poucos a recebem em um único dia. Deve ser lembrado que isso realmente não acontece no tempo, mas fora dele, na grande Quietude. O homem não *conhece* a verdade absoluta e final um segundo antes – e, eis que, ela está lá. Quão breve ela poderá se estabelecer nele, também variará entre as diferentes pessoas – deu-se em algumas horas em um caso, mas deu-se em três anos em outro. (25-2-53)

Quando ele sente a vinda suave da presença do eu mais alto, nesta altura, ele deve treinar-se na arte de manter-se completamente passivo. Ele vai descobrir que o Eu Superior está se esforçando realmente para inculcar-se na alma dele, para tomar posse dele assim como um espírito desencarnado toma posse de um médium vivo. Sua tarefa agora é puramente negativa; é a de não oferecer resistência ao esforço, mas deixá-lo ter a influência mais completa possível sobre ele. As fases preliminares de seu progresso terminaram. Até agora, foi principalmente com os seus próprios esforços que ele teve que contar. Agora, no entanto, é o Eu Superior que será o agente ativo no seu desenvolvimento. Tudo o que é, doravante, requerido dele é que ele permaneça passivo, caso contrário ele poderia perturbar o trabalho sagrado pela interferência de sua vontade-própria, cega e ignorante. Seu avanço, neste momento, já não depende do seu próprio esforço. (2-9-30)

Uma vez que o Eu Superior é sentido no coração como uma presença viva, ele eleva a consciência tirando-a do controle do desejo-egoísta de partes do nosso ser, libertando-a dos altos

e baixos do humor e da emoção que eles envolvem. Isso proporciona uma sensação de satisfação interna que é completa em si mesma e independente das circunstâncias externas. (22-3-104)

A iluminação poderá vir de repente para um homem, mas então ela é, geralmente, um vislumbre temporário. Apenas raramente ela fica e nunca deixa-o. O caminho normal é gradual. A experiência de Ramana Maharshi, Atmananda, e Aurobindo ilustra essa rara, fadada exceção, e somente pode ser buscada com o risco de frustração. (22-8-7)

Se você acredita que você já teve a experiência derradeira, é mais provável que você tenha tido uma experiência emocional, mental ou mística. A experiência autêntica não *entra* na consciência. Você não sabe o que aconteceu. Você descobre que ela já está presente apenas quando olha para trás para o que você foi e contrastando com o que você é agora; ou quando os outros reconhecem isso em você e chamam sua atenção para isso; ou quando surge uma situação que evidencia o seu estado real. É um fato permanente, não um breve “vislumbre” místico. (28-2-139)

A experiência mística é simplesmente algo que vem e vai, enquanto que um insight filosófico, uma vez que esteja estabelecido no homem, não tem a possibilidade de deixá-lo. Ele entende a Verdade e não pode mais perder esse entendimento assim como um adulto não pode perder a sua vida adulta e tornar-se uma criança. (20-4-198)

Quais são os sinais pelos quais lhe é dado saber que este é um vislumbre autêntico da realidade? Primeiramente ele é e deverá permanecer sempre presente. Nele não há futuro, nem passado. Em segundo lugar, a experiência espiritual pura vem sem agitação, é relatada sem exagero e não precisa de autoridade externa para autenticá-la. (22-7-199)

O vislumbre, uma vez que está situado entre as condições mentais que existem antes e depois, necessariamente envolve um surpreendente – mesmo dramático – contraste com a sua vulgaridade. O vislumbre parece abrir para um estado mais elevado da existência humana, a derradeiro e banhado de luz. Mas esta experiência necessariamente provoca uma reação humana, a qual é incorporada no próprio vislumbre, tornando-se parte dele. A iluminação permanente e verdadeiramente final é pura, livre de qualquer mistura de reação, uma vez que ela é calma, equilibrada e instruída. (25-2-27)

Geralmente como resultado da meditação, mas às vezes durante um vislumbre inesperado, uma experiência mística de um tipo incomum pode desenvolver-se. Ele sente-se transparente ao Eu Superior; a luz deste passa por e através dele. Ele então descobre que sua condição normal era como se uma parede espessa o cercasse, desprovida de janelas e coberta por um telhado espesso, uma condição de aprisionamento na limitação e na vulgaridade. Mas agora as paredes passam a ser de vidro, a sua densidade desaparece milagrosamente, ele não está apenas aberto ao fluxo da luz que o permeia mas deixa-a passar, irradiando-a para o mundo ao seu redor. (22-6-166)

Ramana Maharshi não tinha, absolutamente, qualquer experiência no Caminho Longo; ele não praticou nenhuma técnica; no entanto, ele tornou-se permanentemente iluminado quando jovem. Há duas lições neste evento. Em primeiro lugar, sem uma prévia história de Caminho Longo ou Breve um homem poderá, todavia, estar na consciência superior. Isso mostra que a Graça por si só é uma causa suficiente. Em segundo lugar, além do sentimento de desgosto com o mundo por haver falhado em passar em seus exames escolares, a única preparação que Maharshi sofreu foi cair involuntária e profundamente em um estado de transe por três dias. Neste ele foi "puxado" para longe dos sentidos e da consciência externa por uma intensa força. Isso mostra que a *profundidade* de penetração interior das camadas da mente e a *duração* do período em que o contato é mantido com o Eu Superior, são dois reguladores importantes para o resultado alcançado. Ir tão profundo quanto você puder; ficar lá o maior tempo que você puder; esta parece ser a mensagem silenciosa da própria experiência do Maharshi. (25-3-76)

Dor e Perda

O lugar onde você está, as pessoas que te cercam, os problemas encontrados e os acontecimentos que estão ocorrendo agora – todos têm um significado especial para você. Eles acontecem sob a lei da recompensa, bem como de acordo com as necessidades específicas de seu crescimento espiritual. Estudá-los bem, mas impessoalmente, sem ego e ajustar suas reações em conformidade com isso, será difícil e talvez até mesmo desagradável, mas é o caminho certo para resolver todos os seus problemas. Isto é o que Jesus quis dizer quando declarou: “ Se alguém quiser vir atrás de mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. ” Esta é aquela crucificação do ego, a qual é o verdadeiro cristianismo e a qual leva diretamente para a ressurreição na realidade do Eu Superior. Considere o seu pior, o problema mais irritante como a voz de seu Eu Superior. Tente ouvir o que Ele diz. Tente remover as obstruções que Ele está apontando para dentro de você mesmo. Olhe para esta provação especial, este teste em particular, como tendo o significado mais importante em seu próprio crescimento espiritual. Quanto mais esmagadora ela é, tanto mais esforço está sendo feito para atraí-lo mais perto do Eu Superior. Em cada ponto de sua vida, a partir de um evento, situação ou contato com o outro, a Inteligência Infinita fornece-lhe os meios de crescimento, mas somente se você sair da rotina egoísta e aceitá-los. (2-4-24)

Os voos ascendentes do novato aspirante são adquiridos à custa de quedas. É tanta parte de sua experiência nessa busca, ser privado, por vezes, de todo o sentimento que o divino existe e é real, como também de ter a ensolarada certeza disso.

No início, a experiência da realidade vem somente em lampejos. Na verdade, não é o eu mais elevado que tentadoramente aparece e desaparece diante do olhar do aspirante, desta forma, fazendo com que ele passe por situações alternadas de fruição feliz e de miserável esterilidade, mas é a amorosa Graça, do eu mais elevado. Cada vez que esta é derramada, a primeira reação do aspirante é um forte sentimento de falta espiritual, secura, escuridão e saudade. Isso traz muita infelicidade, autodescontentamento e frustração. Mas isso também traz um aumento e intensificação da aspiração pelo sobrenatural e a aversão pelo terrestre. No entanto, esta fase passa e é seguida por uma outra, tão iluminadora quanto a outra era escura; tão alegre quanto a outra era infeliz; tão produtiva quanto a outra era estéril e tão próxima da realidade como a outra parecia tão longe desta. Nessa presença sagrada um processo de purificação ocorre. O velho homem familiar e com faltas cai como as folhas de uma árvore no outono. Ele faz a descoberta radiante em seu coração de sua bondade original. Mas, infelizmente, quando a presença se afasta, o eu menor retorna e retoma sua soberania. O período de iluminação é geralmente seguido por um período de escuridão. Um avanço espiritual que vem inesperadamente geralmente é sucedido por um período de recuo. Júbilo é seguido por depressão.

A maior prova, todavia, espera por ele. O Eu Superior exige um sacrifício sobre seu altar de modo absoluto, tão completo que até mesmo o desejo natural e inocente de felicidade pessoal deve ser oferecido. Como nenhum novato e somente poucos na fase intermediária poderiam suportar esta noite escura da alma e como até mesmo os proficientes não podem suportá-la sem murmurar, ela é reservada somente para o último grupo - o que significa que isso acontece em um estágio avançado ao longo do caminho, entre um período de grande iluminação e um outro de união sublime.

Durante este período, o místico vai se sentir desamparado, emocionalmente fatigado e intelectualmente entediado, a tal ponto que ele pode tornar-se uma alma doente. Exercícios de meditação serão impossíveis e inúteis, aspirações mortas e pouco convidativas. Uma sensação de solidão terrível vai envolvê-lo. O interesse por esse desaparece ou a sensação de que novos progressos estão paralisados pode tornar-se dominante. No entanto, apesar das aparências contrárias, tudo isto faz parte do seu desenvolvimento, o qual tomou um rumo que irá torná-lo mais completo e pleno. Na maioria das vezes o estudante está mergulhado em novos tipos de experiência durante o período escuro. O Eu Superior impulsiona-o para que ele suporte os testes e alcance o equilíbrio.

A característica mais perigosa da “noite escura” é o enfraquecimento da vontade que ocorre ao mesmo tempo em que reaparecem as velhas e más tendências esquecidas. Este é o ponto onde o aspirante está realmente sendo testado e onde um número daqueles que atingiram esse elevado grau falharam no teste e caíram por vários anos em um grau inferior.

Mesmo Muhammed teve que passar por essa experiência da noite escura da alma. Durou três anos e nenhuma iluminação ou revelação veio para alegrar seu coração deprimido. Na verdade, ele até mesmo considerou a ideia de se matar para colocar um fim nisso; e, todavia, a sua suprema realização e a tarefa que abalaria o mundo ainda estavam à frente dele.

Aquele que já passou por isso, pela mais profunda e mais longa das “ noites escuras ” a qual precede a realização madura nunca poderá voltar a sentir um júbilo emotivo excessivo. A experiência foi como uma operação cirúrgica separando-o de tais prazeres. Além disso, embora seu caráter seja sempre sereno ele será também, um pouco tocado por essa melancolia a qual deve vir para aquele que não só tem sondado as profundezas de si mesmo e a angústia de sua vida, mas que também tem sido um constante receptor das histórias tristes das outras pessoas.

O aspirante pode descansar no estado passivo de autoabsorção por apenas um curto período de tempo, por algumas horas, no máximo. Os ditames implacáveis da Natureza obriga-lo-ão a voltar ao seu suprimido e comum estado da vida ativa.

Essa oscilação intermitente para lá e para cá entre a arrebatadora autoabsorção e o retorno à consciência comum irá tantalizá-lo até que ele perceba qual é o objetivo final. Ela só vai acabar quando o seu egoísmo terminar. Até agora ele tem conseguido superar plenamente o ego, apenas no estado contemplativo. Ele deve agora superá-lo em seu estado ativo normal. Mas o ego não vai deixá-lo aqui, a menos que o propósito de sua própria evolução tenha sido realizado. Portanto, ele deve completar o seu desenvolvimento em todos os aspectos, trazendo-o à estabilidade e ao equilíbrio e então, renunciar a ele totalmente. Com a abnegação completa do ego se segue a unidade perfeita, ininterrupta e permanente com o Eu Superior. (23-3-1)

Libertando-se amplamente do apego – especialmente do mais sutil e do maior de todos, o apego ao ego - seu coração é esvaziado. No vácuo que assim é criado, a Graça pode fluir. Os místicos que se queixam da noite escura da alma são levados a saber que ela é um processo pelo qual o espaço no coração está sendo aumentado, por um esmagamento do eu em pó, criando espaço para a Graça. Se eles estão, portanto, sendo conduzidos ao nada, deixe-os lembrar que o Eu Superior é uma não-coisa. (23-03-57)

O Mundo como Ilusão é uma Fase

O mundo não é nem uma ilusão nem mesmo um sonho, mas é analogicamente *como* ambos. É verdade que os místicos ou iogues experimentam-no como tal. Este é um passo à frente para a libertação, mas não deve ser confundido com a própria libertação. Quando eles ascendem, para o

estágio superior ou filosófico eles vão descobrir que tudo é Mente, quer seja esta última criativamente ativa ou latentemente passiva; que o mundo é, em sua essência material, essa Mente, embora suas formas particulares sejam transitórias e mortais; e que, portanto, não há diferença real entre a experiência terrena e a experiência divina. Aqueles que estão apegados às formas, isto é, às aparências, estabelecem tal diferença e postulam espírito e matéria, *nirvana* e *samsara*, Brahman e Maya, e assim por diante, como opostos antitéticos, mas aqueles que desenvolveram o insight percebem a matéria essencial de tudo, mesmo enquanto eles percebem as formas; em consequência, eles veem tudo como *Um*. É como se um sonhador soubesse que ele está sonhando e, assim, compreendesse que todas as cenas e figuras oníricas são nada mais do que uma e a mesma matéria – sua mente – sem perder sua experiência de sonho. (21-03-24)

Ele não deve deixar o *Ashtavakra Samhita* ser mal interpretado. Ele não prega a osciosidade mística e a indiferença. O mundo está lá para ambos: o sábio e o estudante e ambos devem trabalhar e servir – a diferença é somente mental. O Ilusionismo não é a doutrina, exceto como um estágio intermediário para a verdade, a qual é maior. Devemos participar na obra de Deus, ajudando na evolução e redimindo o mundo, não estar sentado de cócoras ociosamente em paz e sozinho. (19-01-57)

O *Advaita* que declara algo como, não ter um ponto de vista, já terá adotado um por estar chamando a si mesmo de um Advaita e rejeitando todos os outros pontos de vista como sendo dualistas. A filosofia humana não é nem dualista nem não-dualista em si mesma. Ela percebe a ligação entre o sonho e o sonhador, o Real e o irreal, a consciência e o pensamento. A filosofia humana aceita a filosofia Advaita, mas se recusa a ficar só com ela; ela aceita a dualidade, mas se recusa a permanecer limitada nela; portanto, por si só é livre a partir de um ponto de vista dogmático. Porém ao tentar harmonizar aquilo que sempre é e aquilo que é limitado pelo tempo e espaço, ela torna-se uma filosofia verdadeiramente humana da Verdade. (20-1-478)

A mente passa por uma fase em que, em busca da verdade, ela descobre que o mundo é diferente do que parece ser e que a sua substância material não é absolutamente matéria, mas energia; sua forma é ilusória. Mas isto não é o fim, pois o buscador não para aí; se ele segue mais adiante, ele poderá descobrir que a ilusão é em si mesma uma ilusão. Ele descobre a seguir que a ilusão é derivada da realidade e é uma forma assumida pela realidade. Esta é a iluminação do sábio, esta é a sua experiência. (25-2-229)

Intuição

A intuição deve conduzir todas as outras faculdades do ser humano. Ele deve segui-la, mesmo quando as outras faculdades não concordam com a sua orientação. Pois a intuição vê mais longe do que elas sempre puderam ver, sendo a intuição um efluxo da parte divina do ser humano, a qual é à sua maneira uma parte da divindade universal. Se ele pode ter a certeza de que não é pseudointuição, a verdade nela irá conduzi-lo ao melhor da vida, seja espiritual ou mundana. (22-1-246)

Ser guiado intuitivamente não significa que cada problema será resolvido instantaneamente, assim que ele aparecer. Algumas soluções não virão à consciência até quase o último minuto, antes que elas sejam realmente necessárias. Ele aprende a ser paciente, para deixar que o poder superior siga o seu próprio curso. (22-1-180)

A mente intuitivamente governada é a mente indivisível. Ela não tem que escolher entre opções contrastantes ou aceitar uma das duas alternativas. Ela não sofre com a dupla-face do estado de ser que oscila desta ou daquela maneira devido a evidências conflitantes, emoções contraditórias ou juízos hesitantes. (22-1-257)

É um estado de pura inteligência, mas sem o funcionamento do processo intelectual e ideacional. Seu produto poderá ser chamado intuição. Nela não estão presentes ideias concebidas automaticamente; não há formas habituais de pensar a serem seguidas. É pura, clara, quietude. (22-3-204)

O futuro não realizado não é para ser feito de objeto do pensamento ansioso ou de um planejamento alegre. O fato de que ele decidiu dar esse enorme passo de oferecer sua vida entregando-a ao Eu Superior, opõe-se a isso. Ele deve agora e daqui em diante deixar que o futuro cuide de si mesmo e aguardar a vontade superior, uma vez que ela vem a ele pouco a pouco. Isto não é para ser confundido com o vagar ocioso, a inércia apática do indolente, das pessoas fracas que não possuem as qualidades, a força e a ambição de lidar com a vida com sucesso. As duas atitudes estão em oposição.

O verdadeiro aspirante, que deu uma virada positiva em sua vida pessoal e mundana para se colocar ao cuidado do poder impessoal e superior, em cuja existência ele acredita plenamente, o fez por um propósito inteligente, por uma abnegada força de vontade e pela correta avaliação do que constitui a felicidade. O efeito que essa guiança intuitiva de aceitar ou rejeitar as circunstâncias em si mesmas produzirá em relação a elevação das cargas de ansiedade de sua mente, somente a experiência real poderá dizer. Isso significará também um viajar passo a passo pela vida, não tentando levar o futuro para além do presente. Será como atravessar um rio saltando por uma série de pedras, estando contente em alcançar uma de cada vez em segurança e de pensar nas outras somente quando elas forem sendo alcançadas progressivamente e não antes.

Isso significará ficar livre das falsas antecipações e planejamento inútil, sendo em vão tentar forçar um caminho diferente daquele ordenado por Deus. Isso significará a liberdade do tormento de não saber o que fazer a cada decisão necessária, a cada escolha necessária, pois se tornará claro e óbvio para a mente, à medida que o tempo para isso se aproxime. Pois a intuição terá finalmente sua chance de suplantar o ego em tais assuntos. Ele não estará mais à mercê das más qualidades deste último e de sua tola presunção. (18-4-145)

Insight

A intuição conhece a verdade terrestre sem a intervenção da razão, enquanto que o insight conhece a verdade divina, da mesma forma diretamente. (20-4-151)

Quando o mistério de tudo isso é resolvido, não apenas intelectualmente, mas na prática; não só na própria pessoa, mas ao transcendê-la; não apenas na profundidade da meditação, mas no mundo da atividade; quando esta resposta for ricamente sentida como a Presença e Deus, claramente conhecida como Significado e Mente, então, se ele fosse falar, ele exclamaria: “Assim É!” Mas este não é o vislumbre do novato: é o insight estável do sábio. (25-2-24)

Precisamos saber a verdade, a sabedoria-conhecimento, mas isso não é suficiente. Precisamos ter a viva experiência mística, o sentimento vital do que Eu sou, mas isso não é suficiente. Pois precisamos sintetizar as duas coisas em uma realização intuitiva real e plena, outorgada pelo Eu Superior. Esta é a Graça. Isso é emergir, finalmente – nascer de novo! (25-2-51)

Muitos se queixam de que eles são incapazes de terem sucesso durante a meditação, de cessarem os seus pensamentos ativos. Na antiga arte indiana da yoga, essa cessação - chamada nirvikalpa samadhi em sânscrito – é considerada como o estágio mais alto a ser atingido pelo praticante. Esta situação deve ser vista sob dois pontos de vista distintos e separados: daquele do ioga e daquele da filosofia. Aqueles que querem tornar-se filósofos buscam a estabilidade naquele insight da Realidade que é chamado de Verdade. O sentimento intuitivo é uma manifestação superior das faculdades humanas. Se o sentimento permanecer desobstruído pelas ilusões e - depois de incessante reflexão, investigação, estudo, lembrança, reverência, aspiração, treinamento do pensamento e de purificação – o homem experimentar o insight surgindo em sua mente, talvez ele não precise praticar a meditação. Ele poderá praticá-la e sentirá a satisfação e a tranquilidade que vem dela. Aqueles que se tornam suficientemente proficientes em yoga, mesmo que eles alcancem a completa cessação dos pensamentos, poderiam ainda assim assumir a busca do entendimento e do insight. Se eles estão satisfeitos com a sua realização, eles podem

permanecer por anos desfrutando a bem-aventurança, a tranquilidade, a paz do estado de meditação; mas isso não significa conhecimento no seu sentido mais amplo. (20-4-138)

Nem a meditação profunda, nem tampouco a experiência pode dar mais do que um vislumbre temporário. A iluminação total e permanente, a qual permanecerá com uma pessoa e nunca a deixará, só poderá vir depois que ele tiver uma visão clara sobre a natureza do Eu Superior. (22-8-11)

Nesta revelação surpreendente, ele descobre que ele próprio é o buscador, o maestro e a meta almejada. (28-2-153)

O insight é alcançado gradual ou repentinamente, como os zen-budistas afirmam? Aqui, novamente, ambas as afirmações são corretas se as tomamos em conjunto como parte de uma visão maior e mais completa. Temos de começar por cultivar sentimentos intuitivos. Estes vêm até nós primeiro infrequentemente e, assim sendo, o processo é gradual e longo. Eventualmente, alcançamos um ponto, um ponto muito avançado, onde o ego vê a sua própria limitação, percebe seu desamparo e dependência, percebe que não pode elevar-se até as iluminações finais. Então, ele deveria entregar-se totalmente ao Eu Superior e depositar o seu posterior desenvolvimento na misericórdia e na Graça do poder além dele. Ele terá, então, que passar por um período de espera e de inatividade aparente, de estagnação espiritual e incapacidade de sentir o fervor da devoção que sentia anteriormente. Este é um tipo de noite escura da alma. Então, lentamente, ele começa a sair dessa fase, a qual é muitas vezes acompanhada pela depressão mental e frustração emocional para uma fase superior, onde ele se sente totalmente resignado com a vontade de Deus ou com o destino, calmo e pacífico no sentido de aceitar aquela vontade maior e não de maneira alegre, esperando pacientemente o momento em que a sabedoria infinita vai trazer à ele o que ele uma vez procurou tão ardentemente, mas do qual ele é agora tão desapegado como ele é desapegado de ambições mundanas. Após essa fase chegará de repente e inesperadamente, na calada da noite, como se fosse, uma tremenda Realização do estado sem ego, uma tremenda sensação de libertação de si mesmo, uma vez que ele conheceu a si mesmo, uma tremenda consciência da infinitude, da universalidade e da inteligência da vida. Com isso, novas percepções sobre as Leis do cosmos, de repente, surgirão. O buscador deve, portanto, passar da intuição ao insight. (25-2-55)

Para ao homem que tem trilhado o caminho da devoção amorosa à Deus e, finalmente, ganhou o prêmio da frequente, alegre e ardente comunhão interior com Deus; igualmente para o homem que tem praticado o caminho místico do autorecolhimento e alcançou a frequente consciência da presença do Eu Superior, uma mudança inesperada e desagradável poderá acontecer aos poucos ou de repente. Deus parecerá retirar-se do devoto, o Eu Superior do místico. Os êxtases se desvanecerão e chegarão ao fim. Embora essa experiência não tenha o terror ou isolamento e miséria da "noite escura" ela será comparável àquele momento inesquecível. E, embora ela possa

parecer uma retirada da Graça, a verdade oculta é que ela é realmente a mais plena e a mais profunda concessão da Graça. Pois o homem está sendo conduzido para a próxima fase – a qual é completar, equilibrar e concluir o seu desenvolvimento. Ele vai ser ensinado a fazer isso, primeiramente, adquirindo o conhecimento cosmológico e mais tarde, alcançando a sabedoria ontológica. Ou seja, ele vai aprender algo sobre a Ideia-do-Mundo e, então, ao ter ganho isto, passará a aprender a natureza dessa Realidade, sob cuja luz até mesmo o universo é ilusão. Assim, a partir do estudo das operações do Poder por trás da Ideia-do-Mundo ele passa a ponderar sobre o próprio Poder. Este último envolve o mais alto grau de concentração e é de fato a pouco praticada e misteriosa Yoga do Não Contraditório. Quando esta é seguida pelo sucesso isso traz a realização do Insight, a descoberta final de que não há nenhum outro ser do que AQUELE, nenhuma segunda entidade. (22-8-24)

Nirvikalpa /Vazio

Esta experiência misteriosa parece também ter sido conhecida por Dionísio, o Areopagita. É definitivamente uma experiência que conclui o processo da meditação, pois o místico não pode, então, ir mais alto e mais profundo. É também chamada de “ o Nada ” no Ocidente e nirvikalpa samadhi no Oriente. Tudo no mundo desaparece e, juntamente com o mundo, desaparece o ego pessoal; nada de fato resta, exceto a Consciência-em-Si-Mesma. Se alguma coisa pode escavar sob as bases do ego e perturbar sua estabilidade presente e futura, é este incrível evento. Mas, porque, todavia, é uma experiência, tem um vir e um ir. Embora seja para sempre lembrada, uma memória não é a condição final estabelecida e aberta para o homem – para isso, a filosofia deve ser trazida. O misticismo poderá remover o ego temporariamente após tê-lo primeiro embalado, mas a filosofia compreende o ego, coloca-o em seu lugar, no seu lugar de subserviente, de modo que o homem nunca é abandonado pela consciência pura. (20-4-116)

Há, nesta terceira fase, uma condição que nunca deixa de despertar o maior espanto quando você é iniciado nela. Em certos aspectos, ela corresponde e é mentalmente paralela à condição do embrião no útero da mãe. Portanto, ela é chamada pelos místicos que vivenciaram essa experiência de “ o segundo nascimento. ” A mente é atraída tão profundamente para dentro de si e torna-se tão absorva em si mesma que o mundo exterior desaparece completamente. A sensação de estar sendo todo encapsulado por uma presença maior, ao mesmo tempo protetora e benevolente, é forte. Há uma sensação de estar completamente em repouso nessa presença reconfortante. A respiração torna-se muito tranquila e quase imperceptível. A pessoa também está ciente de que a nutrição está sendo misteriosamente e ritmicamente tirada da força-de-Vida universal. É claro que não há nenhuma atividade intelectual, nenhum pensamento e nenhuma

necessidade disso. Em vez disso, existe um s-a-b-e-r. Não há desejos, nenhum anseio, nenhum querer. A feliz tranquilidade, quase beirando ao êxtase, assim como o amor humano que poderia ficar sem as suas paixões e pequenez, detém a pessoa numa mágica absorção. Por estar livre do trabalho e da perturbação mental, do movimento passional e da agitação emocional, essa condição traz algo da inocência infantil. Por isso Jesus disse: “ A menos que vos torneis como crianças, não podeis de modo algum entrar no Reino dos Céus. ” Mas, essencialmente, é um retorno ao ventre espiritual, para nascer novamente, em um mundo novo de ser onde no início ele é pessoalmente tão indefeso, tão fraco e tão dependente quanto o próprio embrião físico. (23-7-11)

Tudo o que se interpõe na quietude mental nesta fase muito crítica deve ser rejeitado, não importa o quão virtuoso ou o quão “ espiritual ” pareça ser. Só pelo lapso de todo o pensamento, pela perda de toda a capacidade de pensar é que ele pode manter essa quietude tão rígida como deveria ser mantida. É somente aqui que a última grande batalha será travada e que será alcançada a primeira grande realização. Essa batalha será aquela que vai dar o golpe mortal final no ego; aquela realização será a união com o seu Eu Superior após a morte do ego. Tanto a batalha como a realização devem ocorrer dentro da quietude; elas não devem ser apenas uma questão meramente intelectual do pensamento, nem apenas uma questão meramente emocional do sentir. Aqui na quietude tanto o pensamento como a emoção devem morrer e o ego, então, perderá os seus apoios poderosos. Portanto, somente aqui será possível enfrentar o ego com alguma possibilidade de vitória. (23-8-153)

Quando os pensamentos e os desejos do ego pessoal são arrancados, vemos a nós mesmos como estávamos no primeiro estado e como seremos no final. Nós somos, então, somente o Eu Superior, em sua Divina solidão e quietude. (24-4-1)

Quando ele segue o percurso da meditação até os espaços mais profundos do seu ser e se ele os sonda em seu máximo alcance, no final, ele cruza o limiar do Vazio e entra em um estado que para o ego é o não ser. Pois nenhuma memória e nenhuma atividade de seu eu pessoal pode existir ali. No entanto não é uma aniquilação, pois uma coisa permanece – a Consciência. Desta forma e em relação ao que acontece do ponto de vista de seu estado normal em um momento posterior, ele aprende que este resíduo é o seu verdadeiro ser, seu próprio Espírito, sua vida duradoura. Ele também aprende porque cada movimento que o tira para fora da quietude do Vazio, para uma atividade mental pessoal, é um retorno a um estado inferior e uma descida para um plano inferior. Ele vê que entre tais movimentos, necessariamente, devem ser incluídos até mesmo a resposta para tais pensamentos como “ Eu sou um Mestre. Ele é meu discípulo”, ou “ Eu estou sendo usado para curar a doença deste homem. ” Em sua própria mente ele não é nem um mestre nem tampouco um curandeiro. Se outros homens escolhem considerá-lo como tal e são ajudados em direção a ausência de pecado, ou obtém a cura da doença, ele não aceita

nenhum crédito para si mesmo pelo resultado, mas olha para isso como se o “ milagre ” fora feito por um estranho. (23-8-71)

Eu lembro da primeira vez que eu tive essa experiência surpreendente. Eu gostava de desaparecer de Londres sempre que o clima permitia e vagar ao longo do rio Tâmesa em suas partes mais pitorescas do país. Se o dia estava ensolarado eu podia esticar meus pés, deitar na grama, retirar o caderno e a caneta do bolso – sabendo que os pensamentos poderiam surgir eventualmente e que teriam para mim um carácter instrutivo ou mesmo de natureza reveladora, além daqueles comuns que eram meramente expressivos. Um dia, enquanto eu estava esperando esses pensamentos surgirem, eu perdi completamente a sensação de que eu estava ali. Eu parecia ter-me dissolvido e desaparecido daquele lugar, mas não da consciência. Algo estava ali, uma presença que certamente não era eu, mas eu estava plenamente consciente disso. Parecia ser algo da mais alta importância, a única coisa que importava. Depois de alguns minutos eu voltei e me descobri no tempo e no espaço novamente; mas uma grande paz havia me tocado e um sentimento muito benevolente ainda estava comigo. Olhei para as árvores, os arbustos, as flores, a grama e senti uma tremenda solidariedade com eles e então, quando eu pensava em outras pessoas, sentia uma enorme benevolência para com elas. (22-6-80)

Somente a experiência real pode solucionar esse argumento. Isto é o que eu concluí: o ego desapareceu; o “ eu ”cotidiano que o mundo conhecia e o qual conhecia o mundo não estava mais lá. Mas uma nova e divina individualidade apareceu em seu lugar, uma consciência que poderia dizer “ EU SOU ” e a qual eu reconheci como tendo sido meu verdadeiro eu o tempo todo. Ele não foi perdido, fundido ou dissolvido: ele era total e vividamente consciente de que era um ponto na Mente universal e, portanto, não separado daquela Mente em si mesma. Apenas o eu inferior, o falso eu, tinha ido embora, mas aquela foi uma perda pela qual eu sou imensamente grato. (28-2-142)

O ego deixa de existir totalmente e é completamente absorvido no Eu Superior apenas em estados especiais, temporários e estados tipo transe. Em todos os outros momentos e certamente em todas as atividades normais e diárias, ele continua a existir. A incapacidade de aprender e compreender este ponto importante sempre causa muita confusão nos círculos místicos. O estado alcançado em profunda meditação é uma coisa; o estado em que se retorna após tal meditação é outra. O ego desaparece em um, mas reaparece em outro. Mas há certos efeitos sobre ele, posteriores a essa experiência, os quais trazem gradualmente uma mudança em sua relação com o Eu Superior. Ele submete, obedece, expressa, e reflete o Eu Superior. (8-1-213)

Na mais profunda contemplação, o Nirvikalpa Samadhi dos iogues indianos, tanto a ausência do ego como a bem-aventurada paz, podem ser experimentadas. Mas é um estado temporário; o retorno ao mundo deve se seguir; então, a busca não está terminada. O próximo passo ou etapa é

a *aplicação*, colocando na vida cotidiana ativa esse desprendimento do ego e essa calma gratificante. (24-3-319)

O mundo desaparece abruptamente do alcance de sua vista. Ele está estável por alguns minutos na Não-coisa, no mesmo grande Vazio em que Deus está eternamente estável. Sua contemplação foi bem-sucedida e sendo bem-sucedida, conduziu-o do eu para o Eu Superior. (23-8-94)

Se não existe tal entidade como um “ eu ”, um ego, você tem direito a perguntar *quem* então tem essa iluminação? E a resposta é a única possível: é o Vazio tendo a experiência de si mesmo ou redescobrimo a si mesmo, como ele o faz em cada pessoa que alcança esse nível. (25-2-221)

Quem passa por essas fases mais profundas do Vazio nunca mais poderá se referir a qualquer coisa ou a qualquer um como seu próprio. Ele torna-se secretamente e espiritualmente privado de todos os pertences pessoais. Isso se dá porque ele percebeu perfeitamente a total imaterialidade, sem espaço, sem tempo e sem forma do Real – uma realização que, conseqüentemente, nada deixa para que ele tome posse, nem dentro do mundo, nem dentro de sua personalidade. Não só o seu senso possessivo desaparece de sua atitude para com as coisas físicas, mas também para com as intelectuais. (23-8-180)

Nossos pensamentos passam e evaporam-se no vazio aparente. Será que esse vazio é realmente uma não-existência, realmente é menos existente do que os pensamentos que recebe? Não, o vazio não é outra coisa, não pode ser nada mais além do que a própria Mente. Os pensamentos se fundem internamente em sua essência secreta – Pensamento. (19-5-15)

Psicologicamente o transe do vazio é mais profundo do que o insight do saber-do-mundo, mas metafisicamente, não o é. Pois em ambos os casos a mesma e única Realidade é vista. (23-7-301)

O Infinito não pode ser colocado contra o finito como se fossem um par de opostos. Apenas coisas que se encontram no mesmo nível podem ser opostas uma à outra. Estes não são. O Infinito inclui e contém dentro de si todos os finitos possíveis. A importância prática desta verdade é que a Mente não só pode ser experimentada no Vazio, mas também no mundo. A Realidade não é apenas para ser descoberta como ela é, mas também sob seus disfarces fenomenológicos. (20-4-124)

Contudo, quanto mais profundo nós viajamos, menos necessidade nós temos de pensamentos e palavras, pois todas as multiplicidades colapsam nesta maravilhosa unidade. Nós nem podemos pensar nem mesmo falar deste estado sublime com alguma precisão. Portanto, o único meio pelo qual podemos representá-lo corretamente é – o silêncio! (1-6-778)

Sahaja

A ideia geral nos círculos populares e religiosos da Índia é que o mais elevado estado de iluminação é atingido durante um estado de transe (*samadhi*). Este não é o ensinamento nos mais altos círculos filosóficos da Índia. Há um outro estado, *sahaja samadhi*, o qual é descrito em poucos textos menos conhecidos e o qual é considerado como sendo superior. Ele é admirado porque nenhum transe é necessário e porque é um estado contínuo. O estado inferior é aquele que é intermitente, que entra e sai: não pode ser mantido sem que se retorne ao transe. O “quarto estado”, o filosófico, por outro lado, permanece intacto, mesmo quando ele está ativo e desperto no mundo agitado. (25-2-147)

Qual é a diferença entre o estado de profunda contemplação, o qual os hindus chamam *nirvikalpa samadhi* e aquele o qual eles chamam *sahaja samadhi*? O primeiro é apenas uma experiência temporária, a qual começa e termina, mas o homem, na verdade, experimenta uma exaltação da consciência, ele ganha uma perspectiva nova e mais elevada. Mas *sahaja* é a realização ininterrupta e contínua que ele, como Eu Superior, sempre foi, é e será. Não é uma sensação de que algo novo e mais elevado foi adquirido. Qual é o teste absoluto que distingue uma condição da outra, uma vez que ambas são a consciência do Eu Superior? Em *nirvikalpa* o ego desaparece, mas reaparece quando o estado normal é retomado. Portanto, o ego foi somente aquietado, embora tenha sido ligeiramente enfraquecido pelo processo. Em *sahaja* o ego foi erradicado de uma vez por todas! Ele não só desaparece, mas ele não pode reaparecer. (25-2-139)

O Eu Superior não deve ser alcançado apenas em transe; ele deve ser conhecido em plena consciência de vigília. O transe é apenas a fase mais profunda da meditação, que por sua vez é um instrumento para ajudar a preparar a mente a descobrir a verdade. A yoga não provê a verdade diretamente. O transe não faz mais do que concentrar a mente perfeitamente e torná-la completamente calma. A realização poderá vir depois que a mente estiver nesse estado e depois que ela tiver começado a investigar, com tal instrumento melhorado, sobre verdade. (23-7-122)

Deve ser lembrado que o vislumbre não é o objetivo da vida. Ele é um acontecimento, algo que começa e termina, mas algo que é de imenso valor, contribuindo para a vida filosófica, para a sua consciência do dia-a-dia, para a sua natureza comum e estável. A vida filosófica está estabelecida de forma contínua e permanente na presença divina; o vislumbre vem e vai dentro dessa presença. O vislumbre é excepcional e emocionante; mas *sahaja*, o estado estabelecido, é comum, normal, de todos os dias. O vislumbre tende a nos retirar da atividade, mesmo que

apenas por alguns momentos, enquanto que em sahaja não temos que parar a nossa atividade externa. (22-8-23)

Ramana Maharshi frequentemente utiliza o termo sahaja samadhi para descrever o que ele considerava como o melhor estado. Embora a palavra samadhi seja muitas vezes associada com o transe do iogue, não há nada disso na maneira como ele usou esse termo. Ele disse que era o melhor estado porque era muito natural, nada forçado, artificial ou temporário. Podemos compará-lo com os ditos: “ Esta vida é a própria vida ” e “ Caminhe! ” do Zen. (25-2-133)

É a arte de ser ingênuo, espiritual sem fazê-lo conscientemente. É a realização da quietude mental sem esforço. É a vida normal e uma conscientização adicional contínua e extraordinária. (23-1-142)

Eu sou um Advaita no ponto fundamental da não-dualidade do Real, mas eu sou incapaz de limitar a mim mesmo ao ponto de vista prático da maioria dos Advaitins sobre samadhi e sahaja. Eu concordo com o Zen chinês (*Ch'an*), especialmente por ter sido como eu fui ensinado e como foi explicado pelo Sexto Patriarca, Hui Neng. Ele adverte contra tornar a meditação um narcótico, resultando em uma passividade agradável. Ele foi tão longe a ponto de declarar: “ É completamente desnecessário ficar em monastérios. Apenas deixe sua mente. . . funcionar em liberdade... deixe-a permanecer em lugar nenhum. E, neste contexto, mais tarde ele explica: Ser livre do apego a todos os objetos exteriores é a verdadeira meditação. Meditar significa, portanto, perceber a tranquilidade da Essência da Mente. ”

No caso do samadhi, ele define isto como uma mente autotreinada para ser desapegada em meio aos objetos, descansando em paz e tranquilidade. No sahaja acontece uma compreensão total da verdade sobre a realidade e a penetração para dentro e através da ilusão para a sua Essência da Mente. A noção indiana do sahaja faz dele um prolongamento do nirvikalpa samadhi no estado ativo de todos os dias. Mas a concepção de nirvikalpa samadhi do Ch'an difere desta; ela não procura deliberadamente eliminar os pensamentos, embora muitas vezes isto possa acontecer por sua vontade própria através da identificação com a verdadeira Mente, mas ela procura eliminar os sentimentos pessoais geralmente ligados aos pensamentos, ou seja, você permanece inalterado por eles devido a esta identificação com a verdadeira Mente.

O Ch'an não considera o sahaja como sendo apenas o fruto da meditação da ioga, nem mesmo da compreensão apenas, mas aparentemente é uma combinação, de ambos. É uma união da razão e da intuição. É um despertar de uma vez por todas. Ele não é alcançado no *nirvikalpa* para então ser mantido tanto tempo quanto possível. Não é algo, um estado alternadamente ganho e perdido em numerosas ocasiões, para ser gradualmente expandido quando agarrado. É um único despertar que ilumina o homem para que ele nunca retorne à ignorância novamente. Ele

despertou para a sua essência divina, a sua fonte na Mente, ele se autoidentifica com a Mente durante o dia todo e a cada dia. O despertou surgiu, por si mesmo, sem esforço. (25-2-141)

Fosse a gloriosa realização do Eu Superior desprovida de qualquer sentimento, então a própria realização seria um absurdo palpável. Não valeria a pena tê-la. O grande insight sobre a realidade certamente não é despojado de fervoroso deleite e certamente não é um conceito intelectual árido. É certamente impregnado de exaltada emoção, mas não é apenas essa emoção. O sentimento beatífico daquilo que é real é bastante compatível com o preciso conhecimento do que é real; não há contradição entre eles. Na verdade, eles devem coexistir. Mais que isso, há um ponto no caminho filosófico onde eles até mesmo se encontram. Tal ponto marca o início de uma sabedoria estável, a qual não será vítima da alternância sem trégua entre o fluxo e refluxo de um emocionalismo arrebatador, mas vai saber que ela habita na atemporalidade do aqui e agora; portanto, não estará sujeita a tais flutuações de humor. Melhor do que surtos exuberantes e as depressões emocionais do temperamento místico é a equabilidade mental que é sem aumento ou queda e a qual deveria ser o objetivo dos estudantes perspicazes. Os lampejos intermitentes de iluminação pertencentes à etapa mística são substituídos por uma luz constante somente quando a etapa filosófica é atingida e ultrapassada. O objetivo filosófico é superar a diferença entre as intuições esporádicas e o conhecimento constante, entre os êxtases espasmódicos e a percepção controlada, e, assim, alcançar um estado permanente de iluminação, permanecendo inamovível e para sempre no Eu Superior. (20-4-22)

Quando você desperta para a verdade como ela realmente é, você não terá nenhuma visão oculta, você não terá nenhuma experiência "astral", nenhum êxtase arrebatador. Você despertará para ela em um estado de silêncio absoluto e você perceberá que a verdade *sempre* esteve lá dentro de você e que a realidade esteve sempre ali em torno de você. A verdade não é algo que cresceu e se desenvolveu através de seus esforços. Não é algo que tenha sido alcançado ou atingido pela laboriosa soma desses esforços. Não é algo que tenha de ser feito mais e mais perfeitamente a cada ano. E uma vez que os seus olhos mentais são abertos para a verdade, eles nunca poderão ser fechados novamente. (25-2-77)

O Sahaja Samadhi não é dividido em intervalos, é permanente, e não envolve nenhum esforço especial. Seu surgimento é instantâneo e sem etapas progressivas. Ele pode acompanhar a atividade diária, sem nela interferir. É uma calma estável e uma total quietude interior.

Não há marcas distintivas que um observador externo possa usar para identificar um homem na consciência de sahaja, porque sahaja representa a própria consciência em vez de seus estados transitórios.

Sahaja tem sido chamado de relâmpago. A filosofia considera ser ele a meta mais desejável.

Isto é ilustrado com um exemplo clássico da espiritualidade indiana envolvendo um rei chamado Janaka. Um dia ele estava prestes a montar seu cavalo e colocar um pé no estribo que pendia da sela. Quando ele estava prestes a subir na sela o "relâmpago" atingiu sua consciência. Ele foi imediatamente arrebatado e concentrou-se tão profundamente que por algum tempo não conseguiu se erguer mais alto. Daquele dia em diante, ele viveu em sahaja samadhi, o qual estava sempre presente dentro dele. Aqueles que realizaram o estado de sahaja não sentem nenhuma compulsão em continuar a meditar mais ou a praticar yoga. Eles muitas vezes fazem isso – ou por causa de inclinações produzidas por hábitos passados ou como um meio de ajudar a outras pessoas. Em ambos os casos, é experimentada como um prazer. Porque essa consciência é permanente, o experimentador não precisa entrar em meditação. Isto se dá apesar da aparência externa da pessoa que se coloca na postura de meditação, a fim de conseguir algo.

Quando você está envolvido em uma atividade externa, isto não é o mesmo de quando você está em estado de transe. Isto é verdadeiro tanto para o iniciante como para o adepto. O adepto, no entanto, não perde a consciência sahaja que ele alcançou e pode retirar-se para as profundezas da consciência, enquanto que a pessoa comum não pode fazer isso. (25-2-138)

Etapas da Realização

A Testemunha é tanto um conceito metafísico abstrato como uma experiência mística concreta. Não é a experiência definitiva, que resulta no puro Ser, na Consciência não dividida, mas uma provisória. (25-2-98)

Embora o aspirante tenha agora despertado para a sua própria-testemunha, tenha encontrado a sua "alma" e, assim, ter elevado-se muito acima da massa da humanidade, ele ainda não realizou a tarefa completa, estabelecida para ele pela vida. Um esforço adicional ainda deverá ser realizado. Ele ainda tem que perceber que a testemunha-eu é apenas uma *parte* do Todo-eu. Assim, sua próxima tarefa é descobrir que ele não é meramente a testemunha do resto da existência, mas em essência feito da mesma matéria que esta. Ele tem, em suma, através de mais meditações, que realizar sua unidade com o universo inteiro em seu ser real. Agora ele deve meditar sobre a sua testemunha-eu como sendo em sua essência o infinito Todo. Assim, os exercícios ultramísticos são graduados em duas etapas, sendo a segunda mais avançada do que a primeira. O banimento de pensamentos revela o eu interior enquanto que a reintegração dos pensamentos sem perder a consciência recém-adquirida revela o eu universal Todo-inclusivo. A segunda façanha é a mais difícil. (23-6-88)

Ele não está separado de sua própria experiência, não é um observador assistindo a isso. Pois há somente o silêncio interior, com o qual ele se identifica se ele se voltar para examinar o Eu, somente a pura consciência. (22-3-294)

A tradução da frase *antardrishti* em sânscrito significa literalmente “ vendo dentro ” no sentido de ver sob as aparências o que está debaixo delas. Não se refere à clarividência no sentido psíquico, mas sim no sentido metafísico ou místico. Especificamente, isto significa a entrada no estado de consciência da testemunha. A pessoa comum vê apenas o objeto; penetrando mais fundo, ela entra no estado da testemunha, que é uma condição intermediária; indo ainda mais fundo, ela atinge o estado final da Realidade quando não há sujeito ou objeto, enquanto que no da testemunha ainda há sujeito e objeto, mas o sujeito não se identifica com o objeto como o homem comum o faz. (22-8-85)

Existem dois caminhos estabelecidos para a realização de acordo com o ensinamento de Sri Krishna no *Bhagavad Gîta*. O primeiro caminho é o da união com o Eu Maior – não, como alguns acreditam, com o Logos. Mas porque o Eu Maior é um raio do Logos, este é o mais próximo que um ser humano pode atingir para chegar ao Logos, de qualquer maneira. O segundo caminho tem o seu objetivo último no Absoluto ou como eu o nomeei em meu último livro, o Grande Vazio. Mas nenhum caminho contradiz o outro, pois o percurso para o segundo caminho é encontrado através do primeiro. Portanto, não há nenhuma divisão entre as práticas. Ambos os objetivos são igualmente desejáveis, porque ambos colocam o homem em contato com a Realidade. Seria muito apropriado para qualquer um se limitar ao primeiro, se ele quiser; mas para aqueles que apreciam o ponto de vista filosófico, o segundo objetivo é mais desejável, uma vez que este inclui o primeiro. (1-5-115)

Os místicos islâmicos chamados sufis, fazem diferença entre vislumbres, os quais eles chamam de “ estados ” e os adiantamentos permanentes no caminho, os quais eles chamam de “ estações ”. Os primeiros são descritos como sendo não só temporários, mas também fragmentados, enquanto que os últimos são descritos como possuidores de resultados que não podem ser perdidos. Existem três estações principais ao longo do trajeto. A primeira é a aniquilação do ego; a segunda é o renascimento no Eu Superior; e a terceira é a união madura com o Eu Superior. Os sufis afirmam que este estado final nunca pode ser alcançado sem a Graça do Poder Superior e que este é completo, duradouro e imutável. (22-8-28)

Para nós, que temos orientação filosófica, a Mente-do-Mundo realmente existe. Para nós ela é Deus e para nós existe uma relação com ela – a relação de devoção e aspiração, de comunhão e de meditação. Toda a discussão abstrata sobre a não dualidade pode continuar, mas no final os interlocutores devem humilhar-se perante o Ser infinito até que eles sejam como um nada e até que eles estejam perdidos na quietude – Sua quietude. (27-1-72)

Capítulo 10: Frutos do Caminho

O Que É um Filósofo /Sábio?

ELE É UM HOMEM cuja percepção vai mais longe, cuja consciência é mais profunda do que a do resto de seus companheiros. Ela deve ir tão longe e tão profundo que ela repousa duradoura no "Eu Sou" do Eu Superior. Sem isso ele não possui a primeira, a mais essencial e mais importante de todas as credenciais necessárias para comunicar aos outros a arte de alcançar o Eu Superior. A segunda credencial e, reconhecidamente a menor, é o desejo compassivo de que essa comunicação aconteça, tanto quanto possível. A terceira é que ele tenha um poder especial para ensinar aos outros o que ele sabe. (1-6-396)

Sem manter firmemente em perspectiva essa natureza-mental original das coisas e, portanto, sua unidade original com o eu e a Mente, o místico deve, naturalmente, ficar confuso se não iludido por aquilo que ele considera ser a oposição do Espírito com a Matéria. O místico olha para dentro, para o eu; o materialista olha para fora, para o mundo. E a uma falta aquilo que o outro encontra. Mas, para o filósofo nenhum deles é fundamental. Ele olha para a Mente da qual tanto o eu como o mundo são apenas manifestações e na qual ele, também, encontra as manifestações. Não é suficiente para ele receber, como o místico recebe, iluminações intermitentes e ocasionais derivadas da meditação periódica. Ele relaciona essa compreensão intelectual com a sua descoberta posterior, adquirida durante a autoabsorção mística no Vazio, de que a realidade do seu próprio eu é a Mente. De volta ao mundo mais uma vez ele estuda-o novamente sob essa nova luz, confirma que a multiplicidade do mundo consiste, no final, de imagens mentais, unificando isto com a sua compreensão metafísica integral de que o mundo é simplesmente Mente em manifestação e, portanto, passa a compreender que ele é essencialmente um com a mesma Mente a qual ele experimenta em autoabsorção. Assim sendo, seu insight se efetiva e ele vivencia essa Mente-em-si-mesma e não como separada do mundo dos sentidos enquanto que o místico as separa. Com o insight, o sentido de unidade não destrói o sentido de diferença, mas ambos permanecem estranhamente presentes, enquanto que com a percepção mística comum um cancela o outro. As inumeráveis formas que compõem a imagem deste mundo não desaparecerão, sendo elas uma característica essencial da realidade, nem mesmo irá a sua consciência delas ou a sua interação com elas ser afetado. Consequentemente, ele possui uma firme e final realização na qual ele irá possuir permanentemente o insight da pura Mente, mesmo em meio às sensações físicas. Ele vê tudo nesse mundo de multiplicidades como sendo a Mente

em si mesma, tão facilmente quanto ele pode ver o nada, o Vazio sem imagens, como sendo a própria Mente, sempre que ele se interessa em colocar-se à parte em autoabsorção. Ele vê tanto as faces externas de todos os homens quanto as profundezas interiores de seu próprio eu, como sendo a própria Mente. Assim, ele experimenta a unidade de toda a existência; não de forma intermitente, mas a todo momento ele conhece a Mente como realidade última. Esta é a realização filosófica ou final. Ela é tão permanente quanto a do místico é transitória. Em tudo o que ele faz ou se abstém de fazer, o que quer que ele experimente ou não experimente, ele desiste de todas as discriminações entre realidade e aparência, entre verdade e ilusão, e deixa seu insight funcionar livremente à medida que os seus pensamentos não selecionam e não se apegam à nada. Ele experimenta o milagre de ser indiferenciado, a maravilha da unidade indiferenciada. As fronteiras artificiais criadas pelo homem se derretem. Ele vê os seus semelhantes como inevitável e inerentemente divinos como eles são, não apenas como as criaturas mundanas que eles acreditam ser, de modo que quaisquer vestígios de uma atitude ascética *mais-sagrada-que-tu* desaparece completamente dele. (28-2-154)

Ele é um filósofo que realiza ao máximo e continuamente sente a presença da divindade, não só dentro de si mesmo, mas também dentro do mundo. (20-5-30)

A sua relação com o Eu Superior é uma relação de imediata conscientização de sua presença – não como um ser separado, mas como sua própria essência. (25-2-301)

É viver a realização *enquanto* se comporta de maneira humana perfeitamente natural e é neste último sentido que um antigo texto Oriental descreve o sábio como não tendo em sua pessoa sinais distintivos. (25-3-378)

A descoberta do seu verdadeiro ser não é exteriormente dramática e por um longo tempo, poderá ser que ninguém saiba disso, exceto ele mesmo. O mundo pode não honrá-lo por isso: ele poderá morrer tão obscuro como viveu. Mas o propósito de sua vida foi cumprido e a vontade de Deus realizada. (25-2-78)

Assim como um homem que escapou de dentro de uma casa em chamas e ao encontrar-se no frio ao ar livre entende que atingiu a segurança, do mesmo modo o homem que escapou da ganância, luxúria, ira, ilusão, egoísmo e ignorância, entrando em uma exaltada paz e em um insight instantâneo, entende que ele atingiu o céu. (24-4-150)

A dor e o sofrimento, o pecado e o mal, a doença e a morte, existem apenas no mundo dos pensamentos, não no mundo do Pensamento puro em si. Eles não são ilusões, entretanto, eles são transientes. Quem atinge o Pensamento puro irá também realizar *na consciência* uma vida sem dor, sem tristeza, sem pecado, imperecível e eterna. Estando acima dos desejos e dos medos, está necessariamente acima das misérias causadas por desejos insatisfeitos e medos consumados.

Mas, ao mesmo tempo, ele também terá uma consciência que *acompanha* a vida no corpo, a qual deve obedecer às leis de seu próprio ser, leis naturais que estabelecem limitações e imperfeições sobre ele. (10-1-78)

Os efeitos da iluminação incluem: um desapego imperturbável sobre os bens exteriores, posição, honras e pessoas; uma certeza esmagadora sobre a verdade; uma paz celestial sem preocupações, acima de todas as perturbações e vicissitudes; uma aceitação de que tudo está correto na situação universal, com cada entidade e em cada evento, desempenhando o seu papel; e uma sinceridade impecável a qual diz o que significa, significa o que diz. (25-2-255)

De pouco uso são as explicações que obscurecem a verdade e desorientam o entendimento. Para informar um leitor ocidental de que um homem iluminado só vê “ Brahman ” é dar a entender que ele não vê formas, ou seja, o mundo. Mas o fato é que ele vê o que os homens não iluminados veem – os objetos físicos e criaturas em torno dele – ou ele não poderia atender a mais simples e pequena necessidade ou obrigação das quais todos os seres humanos têm que cuidar. Mas ele vê as coisas sem se limitar à sua aparência física – ele conhece sua realidade interior também. (25-2-243)

Não somente é possível atingir esses breves vislumbres do Eu Superior, como também é possível atingir uma consciência estável e duradoura dele. Nenhuma mudança desse estado pode então acontecer. O adepto descobre que o seu futuro não é diferente do passado, mas exatamente o mesmo. Este é o sagrado Eterno Agora. Somente através dessa luz duradoura é possível ver como eram misturadas e imperfeitas todas as experiências anteriores e transitórias. (22-8-12)

O místico não se importará e poderá não ser capaz de fazê-lo, mas o filósofo tem que aprender a arte de combinar o seu reconhecimento interno do Vazio com a sua atividade externa em meio aos objetos, sem sentir o menor conflito entre ambos. Tal arte é reconhecidamente difícil, mas pode ser aprendida com tempo, paciência e compreensão. Assim, ele sentirá internamente a unidade em toda parte deste mundo de variedade maravilhosa, assim como ele experimentará todas as inúmeras mutações da experiência como estando presente no próprio meio dessa unidade. (20-4-121)

Não há rupturas na consciência de sua natureza superior. Não há perda de continuidade na consciência de seu espírito imortal. Portanto, ele não é iluminado em uma hora do dia e não iluminado em outra hora, nem mesmo iluminado enquanto ele está acordado e não iluminado enquanto ele está dormindo. (25-2-178)

O sábio não se retira à noite na escuridão, a ignorância do sono comum, mas à luz da Consciência, a sempre ininterrupta Transcendência. (25-2-176)

Haverá uma zona de paz em torno dele que alguns sentem, mas outros não conseguem. Isso parece colocá-lo bastante à vontade e libertá-lo de qualquer traço de nervosismo. (24-4-105)

Apesar da superstição popular e do pensar desejoso, é verdade que nenhum mestre pode outorgar sua própria iluminação aos outros como um presente permanente. Mas isso faz sua realização sem valor para eles? Não, pois prova para ambos que o Eu Superior *é* e que o homem pode comungar com ele. Os poucos que são mais sensíveis ou mais perceptivos ganham mais do contato pessoal com ele – ou inspiração para a sua busca ou, se mais afortunados, um vislumbre momentâneo da meta distante. (1-6-836)

O iluminado está consciente tanto da unidade última como da multiplicidade imediata do mundo. Este é um paradoxo. Mas o seu lugar de descanso permanente, enquanto ele está lidando com os outros, é no ponto de encontro da dualidade e da unidade pois assim ele está pronto a qualquer momento para absorver sua atenção em qualquer das fases. (25-2-115)

Esse é o verdadeiro insight, a iluminação permanente que nem vem nem vai, mas sempre *está*. Apesar de ser sério onde o evento ou situação exigir isso, ele não será solene. Por trás dessa seriedade há desapego. Ele não pode considerar o mundo das Aparências como sendo a forma final da Realidade. Se ele é um participante nas experiências deste mundo, ele também é uma testemunha e especialmente, uma testemunha de seu próprio ego – seus atos e desejos, seus pensamentos e discurso. E porque ele vê a sua pequenez, ele mantém o seu sentido de humor sobre todas as coisas que lhe dizem respeito, um toque de leveza, uma humildade básica. Outros podem acreditar que ele repousa na Grande Luz, mas ele mesmo não tem um particular ou maçante ideia de importância sobre si mesmo. (20-4-205)

A Individualidade do Sábio

Deus nunca se identifica com homem algum, nem mesmo encarna nele. Porque Deus em si é exclusivamente o Não-Individualizado, enquanto que todos os homens são criaturas individualizadas. Até mesmo o tipo mais elevado de homem, o sábio-salvador, é uma luz particular, ao passo que Deus é a própria luz. (25-1-170)

Há muita confusão na compreensão sobre o que acontece com o ego ao atingir o objetivo final. Alguns acreditam que a consciência cósmica se desenvolve neles com uma inteligência onisciente e um sentimento de estar em toda parte. Eles consideram isso como a unidade com o universo inteiro. Outros afirmam que há uma perda total do ego, uma destruição total do eu

pessoal. Não – essas são noções confusas do que realmente ocorre. O Eu Superior não é uma entidade coletiva como se fosse composta por um número de partículas. O iluminado se relaciona com os outros seres humanos através da iluminação, não por estar em união com eles, mas apenas com compaixão; não em identificação psíquica com eles, mas em harmonia psíquica. Ele ampliou a área de sua visão e vê a si mesmo como uma parte da humanidade. Mas isso não significa que ele tornou-se consciente de toda a humanidade como se fosse ele próprio. A verdadeira unidade é com o seu próprio eu mais elevado e indestrutível. É, entretanto, com uma individualidade superior, não com uma cósmica e é, entretanto, com o seu próprio eu e não com o resto da humanidade. A unidade com eles não é nem mística nem praticamente possível. O que nós descobrimos é descoberto por um aprofundamento da consciência, não por um alargamento da mesma. Por isso, não é tanto um eu mais amplo, mas um mais profundo que ele tem que encontrar primeiro.

Com a retificação desse erro podemos encontrar a resposta correta para a pergunta: “ Qual é o significado prático da injunção colocada por todos os grandes mestres espirituais aos seus seguidores, de desistir do ego, de renunciar a si mesmo? ” Isso não requer um sentimentalismo tolo, no sentido de que devemos ser como massa de vidraceiro nas mãos de todos os outros homens. Isso não requer algo absolutamente impossível, no sentido de que nunca possamos atender aos nossos próprios assuntos, de forma alguma. Isso não requer o absurdo inútil, no sentido de estarmos tornando-nos alheios a nossa própria existência. Pelo contrário, ele requer o que é sábio, prático e que vale a pena – que abduquemos de nossa personalidade inferior em troca de nossa individualidade superior.

Assim sendo, não é que o aspirante seja convidado a abandonar todo pensamento de seu eu particular (como se ele pudesse) ou a perder a consciência dele, mas ele é convidado a perceber a sua imperfeição, a sua insatisfação, as suas faltas, a sua baixeza e sua pecaminosidade e, em consequência dessa percepção, abandoná-las em favor de seu eu superior, com a sua perfeição, a bem-aventurança, bondade, nobreza e sabedoria. Pois no ego inferior, ele nunca vai conhecer a paz ao passo que no divino ele sempre a conhecerá. (22-3-108)

Está o ego totalmente perdido, completamente obliterado nessa realização? Eu só posso dizer que nenhum de nossos conceitos habituais cabem no resultado obtido, que é difícil de descrever e que a sugestão aqui deve substituir a descrição. Pois o ego e o Eu Superior se fundem e se unem, mas a união não destrói a capacidade do ego de se expressar ou de ser ativo no mundo. Sua própria aniquilação é uma experiência transitória durante o estado contemplativo. Sua retomada da vida mundana enquanto permanentemente estabelecido, em perfeita harmonia com o Eu Superior divino e em obediência a Este é a meta final, a maior possível a ser alcançada. (8-1-207)

Quando se diz que perdemos nossa individualidade ao entrar no Nirvana, as palavras estão sendo usadas livremente e com erro. Enquanto um homem, seja ele Buda ou Hitler, tiver que andar,

comer e trabalhar, ele deve usar a sua individualidade. O que *é* perdido pelo sábio é o seu *apego* à individualidade com seus desejos, ódios, raivas e paixões. (25-2-190)

Quando ele silenciou seus desejos e acalmou seus pensamentos, quando ele colocou a sua própria vontade de lado e o seu próprio ego para baixo, ele se torna um canal livre através do qual a Mente Divina pode fluir em sua própria consciência. Nenhum sentimento mal pode entrar em seu coração, não há maus pensamentos que possam atravessar sua mente e nem mesmo a nova consequência dos velhos desacertos pode afetar a sua serenidade. (20-5-48)

Apesar de toda a alta conversa idealista de unidade, fraternidade e ausência de ego, cada um de nós ainda é um indivíduo, ainda tem que habitar no seu próprio corpo, usar a sua própria mente e vivenciar os seus próprios sentimentos. Esquecer isto é praticar autoengano. Cada um virá à Deus no final, mas ele virá como uma pessoa transformada, purificada e como uma pessoa totalmente mudada, vivida e usada por Deus como ele mesmo viverá e estará consciente da presença de Deus. (1-3-97)

As diferenças entre os seres humanos ainda permanecem após a iluminação. As variações que tornam cada um o exemplar único e individual que ele é ainda continuam a existir. Mas a Unicidade por trás dos seres humanos contrabalança isso poderosamente. (25-2-189)

Pois para o homem naquela elevada consciência e identificado com esta, o ego é simplesmente um canal aberto através do qual o seu ser poderá fluir para dentro do mundo de tempo e espaço. O ego não é ele mesmo, como o é para o homem não iluminado, mas um adjunto de si mesmo, obedecendo e expressando sua vontade. (8-1-210)

Devolva o ego para o Eu Superior e então o Eu Superior vai usá-lo como ele deve ser usado – em harmonia com as leis cósmicas do ser. Isto significa que o bem-estar de todos os outros em contato com o ego serão considerados como se fossem o bem do próprio ego. (22-2-49)

O Conhecimento do Sábio

A partir daquele momento, quando ele entende os problemas humanos com a sabedoria do Eu Superior, seu pensar se tornará iluminado por dentro, como se ele fosse. Ele irá compreender claramente o significado interno de cada problema que se apresenta. (20-5-19)

Uma das características principais da iluminação é a clareza que dá à mente, a lucidez da compreensão e a luminosidade que rodeia todos os problemas. (25-2-277)

Ele vai olhar para a experiência a partir de um novo centro. Ele vai ver todas as coisas e as criaturas não só como elas são na terra, mas também como elas são “ no céu ”. (20-5-114)

Ele não pretende ser uma enciclopédia ambulante nem busca um halo de infalibilidade. Há muitas perguntas para as quais ele não sabe as verdadeiras respostas. Ele não é nem pontificalmente infalível nem divinamente onisciente. O que o professor filosófico visa estabelecer são os princípios básicos nos quais toda a verdadeira busca deve terminar. (20-4-291)

Existe uma certa confusão sobre este ponto nas mentes de muitos estudantes. Ao alcançar a iluminação um homem não atinge a onisciência. No máximo, ele pode receber uma revelação das operações internas da vida e da Natureza, das leis superiores que regem a vida e o homem. Isto é, ele também poderá se tornar um vidente filosófico e descobrir uma cosmogonia que se apresenta diante de seu olhar. Porém a realidade é que, na maioria dos casos, ele alcança apenas a iluminação, não a vidência cosmogônica. (25-2-108)

Quando um homem atingiu esta fase, na qual a sua vontade e vida são renunciadas e a sua mente e o seu coração estão cientes de presenças divinas, ele aprende que é de uma sabedoria prática não decidir o seu futuro com antecedência, mas em vez disso deixá-lo crescer para fora de si mesmo tal como o milho brota da semente. (18-4-188)

Quando nós chegamos finalmente a perceber que todo este vasto universo é uma formapensamento e quando nós conseguimos sentir a nossa própria fonte, como sendo o princípio único e supremo no qual e através do qual ela surge, então o nosso conhecimento se torna o derradeiro e perfeito. (21-5-178)

A Compaixão do Sábio

É um estado de refinada sensibilidade, de amor brotando de um centro interior e irradiando para fora em todas as direções. Se outros seres humanos ou criaturas animais entrassem em contato com ele naquele momento, eles se tornariam beneficiários desse amor sem exceção. Depois disso, nenhum inimigo é reconhecido, não há ninguém do qual não se gosta e não é possível considerar alguém como repulsivo. (22-6-83)

Um dos frutos dessa mudança será o de que da mesma maneira em que a velha ideia era a de olhar egoisticamente para seus próprios interesses, então, a nova ideia será o de não separar os seus interesses dos interesses dos outros. Se lhe for perguntado, “ Como pode alguém que está em sintonia com essa impessoalidade ser também benevolente? ” A resposta é: porque ele também está em sintonia com o verdadeiro Doador de todas as coisas, ele não precisa lutar contra ninguém, nem mesmo possuir qualquer coisa. Por isso, ele pode dar-se ao luxo de ser generoso enquanto que o egoísta não pode. E porque a própria natureza do Eu Superior é harmonia e amor ele procura o bem-estar dos outros ao lado de seu próprio. (6-1-387)

O estado de não-dualidade é um estado de intensa paz e de equilíbrio perfeito. Ele é assim pacífico porque tudo é visto como se pertencesse – à ordem eterna da evolução cósmica; daí que tudo é aceito e tudo é reconciliado. (25-2-124)

Todo aquele que entra nessa realização torna-se um sol humano que derrama iluminação, irradiando força e emanando amor a todos os seres. (25-3-146)

Se ele mantiver uma correta relação com o seu Eu Superior, ele inevitavelmente irá manter-se em uma correta relação com tudo e com todos. (23-1-174)

Ele acolhe as pessoas assim como ele as encontra e os eventos assim como eles acontecem. Ele não expressa exteriormente qualquer desejo de que eles sejam diferentes daquilo que eles são. Existem pelo menos duas razões para esta atitude. Primeiro, ele sabe que o pensamento divino do universo contém a ideia de evolução. Deste modo, ele acredita que por muito más que as pessoas possam ser, um dia elas serão melhores; por muito indesejáveis que as circunstâncias possam ser, foi a sabedoria divina que as trouxe. Em segundo lugar, o homem sabe que se ele manter uma paz imperturbável dentro de si, ele não deverá permitir que nada fora dele a perturbe. Por ele considerar a vida exterior como sendo tão efêmera como um sonho, ele está reconciliado com tudo e não se rebela contra nada. (20-5-115)

O sábio não pode condenar ninguém, não pode considerar ninguém como alheio ao alcance de sua compaixão e pode encontrar um lugar em seu coração para o pior dos pecadores. Ele sabe que a dualidade é apenas um sonho e ele se descobre novamente em todas as criaturas sencientes. Ele sabe que a aflição do mundo surge do seu falso e fictício sentido de separatividade. (25-3-288)

O sábio conquistou a separatividade na sua mente e percebeu o TODO como a si mesmo. A consequência lógica é tremenda. Daí se conclui que para o sábio não existe a libertação do ciclo dos nascimentos e dos renascimentos; ele tem que passar por ele como os outros. Claro que ele faz isso com plena compreensão enquanto que os outros estão mergulhados na escuridão. Mas se ele se identifica com o Todo, então ele não poderá desertar, mas deverá ao invés disso ir até ao

fim trabalhando por sua vez, pela libertação de outros. Esta é a sua crucificação, a de ser capaz de salvar os outros sendo ele incapaz de se salvar a si mesmo. “ E cumpriu-se a escritura, que diz: E com os malfeitores ele foi contado. ” Por quê? Porque a compaixão o governa e não o ego. Provavelmente ninguém deseja tal meta (até que, de fato, ele esteja quase pronto para ela), contudo esse fato é normalmente mantido em segredo ou simbolizado. Outra vez: “ Pois isto é o meu sangue do novo testamento, que é derramado por muitos para a remissão dos pecados. ” (25-4-42).

Ação do Sábio

“ Na prática, carregando água e cortando madeira – está contido o maravilhoso Tao. ” Esta antiga frase chinesa é uma maneira sutil, inteligente de dizer que não só na meditação o vislumbre deve ser procurado, mas também no trabalho e na vida do mundo ele é para ser encontrado e mantido. Tal é o estado final, este vazio da mente em meio à atividade do corpo. Isso só é possível pelo conhecimento, o reconhecimento inesquecível e a compreensão de que dentro desse vazio repousa o Tao. (22-8-84)

Ele dá a cada momento o melhor que está dentro dele e assim viver a cada momento se torna uma gloriosa aventura. (23-5-211)

Ele entende então, o que isso significa o não fazer nada por si mesmo, pois ele sente claramente que o poder superior está fazendo através dele o que quer que tenha que ser feito, ele o está fazendo corretamente, enquanto ele próprio está meramente observando o que está acontecendo. (25-2-257)

Seu comportamento é espontâneo, mas não o é através do mero impulso, nem tampouco o é através do intelecto não utilizado. É a espontaneidade, a sinceridade de um homem inspirado que sabe para onde está indo e o que está fazendo, de que está sendo diretamente guiado nas suas relações com os outros homens por uma vontade superior à do seu próprio ego. (22-2-51)

Aquele que sabe e sente o poder divino em seu ser mais íntimo será libertado, no sentido literal da palavra, das ansiedades e preocupações. Aquele que ainda não chegou a esta fase, mas está no caminho em sua direção, pode acercar-se do mesmo desejável resultado pela intensidade da sua fé naquele ser. Mas tal pessoa precisa realmente ter fé e não apenas dizer que a tem. A prova de que ele a possui, residiria na medida em que ele se recusa a aceitar pensamentos negativos, pensamentos temerosos e pensamentos desanimadores. Na mesma medida em que ele não falhar

na sua fé e, portanto, em seu pensamento, nesta mesma medida, o poder superior não o deixará de apoiar na hora de sua necessidade. Foi por isso que Jesus disse a seus discípulos: “ Não vos preocupeis com o dia de amanhã. ” No caso do adepto, tendo ele desistido do ego não há ninguém para cuidar dele, então o Eu maior o faz por ele. No caso do crente, embora ele ainda não tenha desistido do ego ele está, entretanto, tentando fazê-lo e a sua confiança inabalável no Eu maior é recompensada proporcionalmente do mesmo modo. Em ambos os casos a expressão bíblica: “ O Senhor proverá ” não é apenas uma esperança piedosa, mas um fato concreto. (20-3-97)

Se ele realmente entregou a sua vida ao poder superior, então ele não precisa franzir a testa tentando trabalhar em seus próprios planos. Ele tanto pode esperar pelo impulso interior para que o dirija ou por novas circunstâncias que possam guiar as suas ações. (18-4-173)

As ações de um homem que atingiu esse grau são inspiradas diretamente por seu Eu Superior, e consequentemente não são ditadas por anseios pessoais, finalidades, paixões ou desejos. Elas não são iniciadas pela vontade do seu ego, mas por uma vontade mais elevada do que a sua própria.

Como não existe nenhuma atividade de pensar conscientemente deliberada, nem uma tentativa de formulação lógica ordenada de ideias, também não há hesitação, nem o andar em uma direção interrompido. Existe apenas o pensar espontâneo, o sentimento e a ação, sendo tudo dirigido pela intuição (25-2-88)

Quem quer que atue de forma a tornar-se tão maleável ao ponto de deixar que o Eu Superior segure na sua vontade pessoal deve necessariamente tornar-se em seu interior desapegado das consequências pessoais de seus atos. Isto será verdadeiro quer sejam essas consequências agradáveis ou desagradáveis. Tal desapego liberta-o do poder do karma, que já não pode pegá-lo em sua teia, pois “ ele ” não está lá. Sua consciência emocional que precede uma ação é sempre iluminada e caracterizada por compostura sublime, ao passo que no homem não iluminado pode ser caracterizada por motivações do desejo egocêntrico, ambição, medo, esperança, ganância, paixão, desagrado, ou mesmo ódio – todos os quais são fazedores-de-karma. (24-3-280)

Não existe um padrão único ao qual uma vida guiada intuitivamente deva seguir. Às vezes ele vai ver em um lampejo de insight ambos o curso e o destino, mas em outros momentos ele vai ver apenas o próximo passo à frente e terá de manter uma mente aberta tanto para com a segunda etapa, quanto para o destino final. (22-1-261)

O que ele tem que fazer no mundo como um ser humano é, doravante, a ser feito não realmente pelo seu eu pessoal comum, mas pela Presença que, sem forma e por mais silenciosa que seja, é a essência viva vital pela qual ele se conecta com Deus. Se isso parece privá-lo dos atributos que tornam um homem *homem*, eu posso responder apenas que estamos aqui de volta com a Esfinge.

Sim, o enigma é grande; mas a compreensão realizada e a experiência são incomensuravelmente maiores em sua bem-aventurança. (25-2-206)

Quando o ego é deslocado e o Eu Superior está usando o iluminado, não haverá nenhuma necessidade nem a liberdade de escolher entre duas alternativas em relação às ações. Apenas um único curso irá apresentar-se, diretamente e sem hesitação, como o caminho certo. (22-2-53)

Ao Infinito

SUA BUSCA PARA DEUS atingiu o seu término, mas sua busca *em* Deus irá agora iniciar o seu curso. Daí em diante sua vida, experiência e consciência estão envoltas em mistério. (23-4-54)

Glossário

Advaita Vedanta: A apreciação dos ensinamentos do hinduísmo e a sua mais alta expressão, o Advaita, está aumentando no Ocidente. E, graças ao T.M.P. Mahadevan, o fiel, brilhante e competente discípulo de Sua Santidade ele está sendo agora exposto através de livros e artigos com grande precisão e autoridade. Mahadevan goza a graça de Sua Santidade. [Shankaracharya de Kamakoti] (15-1-19)

Atman: É uma deficiência inconsciente de todos aqueles que investigaram a antiga sabedoria indiana e os quais adotaram uma de suas palavras-chave, Atman, invariavelmente nos termos do nosso termo europeu como sendo “ Eu.” Todo o estudioso do sânscrito estuda seus textos em alguma universidade ocidental, assim como cada pandit indiano os estuda com o seu aluno estrangeiro, traduzindo esta palavra precisamente da mesma maneira. O termo é usado atualmente no sentido do eu na Índia, mas a concepção do eu ao qual ele é aplicado, não tem qualquer comparação com o princípio da vida individual que é referido pelo uso ocidental da palavra. É uma infelicidade que ao não se ter uma palavra equivalente em inglês da palavra Atman, nossos eruditos preguiçosamente adotaram a mais próxima à ela em vez de buscarem a superação da dificuldade de cunhar um termo apropriado como os cientistas cunham novos termos a cada ano para atender suas novas descobertas. Pois a alusão completa do Atman é totalmente ultra individual e de nenhuma forma comensurável com o eu como nós usamos o termo. A consequência deste erro de tradução tem sido uma imensa barreira para a correta compreensão entre todos os ocidentais que têm se aproximado dessa doutrina. (15-2-278)

Autoabsorção: A Filosofia está alinhada com o misticismo enquanto esse objetivo de atingir a mais profunda auto-absorção interior através da meditação estiver em questão, mas ela está distante do misticismo enquanto às questões de ordem racional, moral, prática e social. Uma correta avaliação do misticismo só pode ser formada ao examinar-se a sua ideologia em relação ao mais vasto contexto da doutrina filosófica. (20-4-38)

Brahman: Os indianos escreveram a mais importante afirmação filosófica de todas – “ Tudo é Brahman ” – a qual eu transpus, possivelmente para suas carrancas como “ Tudo é Mente. ” Mas não se pode continuar repetindo isso o tempo todo. Há outras afirmações que precisam ser feitas, menos importantes, mas ainda de muito assunto para nós que temos que viver no século XXI. (12-2-14)

Eu Superior: É aquele elemento em sua consciência que permite a pessoa compreender que ela existe, o qual faz com que ela pronuncie as palavras, “ Eu Sou ”, é o elemento espiritual, aqui chamado de Eu Superior. É realmente seu eu básico para as três atividades de pensar sentir e querer, as quais são derivadas do Eu Superior, são ondulações se espalhando para fora dele, são atributos e funções que pertencem a ele. Mas como nós normalmente pensamos, sentimos e agimos, essas atividades não expressam o Eu Superior, porque elas estão sob o controle de uma entidade diferente, o ego pessoal. (8-1-1)

Gnana Yoga: O filósofo será um *karma iogue* na medida em que ele trabalhar incessantemente para o serviço da humanidade e trabalhar, também com um espírito desinteressado. Ele será um *bhakti iogue* na medida em que ele vai buscar sentir amorosamente a presença constante do Divino. Ele será um *raja iogue* na medida em que ele manter sua mente livre dos grilhões do mundo, mas preso à tarefa sagrada a qual ele se comprometeu. Ele será um *gnana iogue* na medida em que ele irá aplicar o seu poder reflexivo e de racional para uma compreensão metafísica do mundo. (20-5-18)

Ideia-do-Mundo: A Ideia-do-Mundo contém o padrão, a intenção, a direção e o propósito do cosmos em um único pensamento unificado da Mente-do-Mundo. A compreensão humana é muito restrita e muito finita para compreender como essa simultaneidade milagrosa é possível. (26-1-87)

Insight: O insight sempre permanece com a pessoa que o possui, enquanto que a intuição somente, vem e vai. O insight é relacionado apenas com a Realidade, enquanto que a intuição lida com o fenomênico. Em meio a toda essa diversidade das atividades do mundo, o Real permanece sem mudar e é imutável, assim como o mundo-do-sonhos o qual é emanado da mente do sonhador, enquanto que a mente do sonhador se mantém inalterada e não é afetada por ele. A mente nunca muda. Portanto a primeira característica do insight – aquela faculdade no homem que pode perceber essa realidade – é também como a mente, nunca muda. (25-2-158).

O termo “ intuição ” tinha perdido o seu valor pristino para mim. Eu procurei por um outro melhor e encontrei o “ insight ”. Este termo é atribuído a mais alta faculdade-do-saber dos sábios. Assim sendo comecei a usar o termo “intuição”, como algo inferior ao insight, pois comprovei que algumas vezes e de forma surpreendente a intuição me levava ao acerto, mas não infreqüentemente e de forma irremediável ao erro – nas suas orientações, relatório ou premunição. Além disso eu me esforcei em afirmar o que os sábios asiáticos há muito tempo tinham declarado, que era possível desenvolver a faculdade do insight direto sobre a natureza do Eu Superior, sobre a realidade suprema do universo, que esta era o tipo de intuição mais elevada e possível para o homem e que esta não se preocupava com revelações inferiores tais como saber o nome do cavalo que iria ganhar a corrida de amanhã, porém tal revelação era possível de acontecer e pertencia ao tipo de intuição mais comum, que tanto ouvimos falar. (20-4-152)

Ishvara: O maior objeto de adoração, devoção, reverência – que os hindus chamam Bhakti, que é dado para a Mente-do-Mundo – que os hindus chamam de Ishvara. Mas lembre-se sempre que você está presente dentro Dela e Ela está sempre presente dentro de você. Então a fonte da graça está em você também. Silenciar o ego, ficar quieto e vislumbrar o fato de que a graça é a resposta para a devoção que vai fundo o suficiente para se aproximar da quietude, é sincero o suficiente para colocar o ego de lado. A ajuda não está mais longe do que o seu próprio coração. Continuemos com esperança! (18-5-234)

Maya: O mundo existe, nós estamos rodeados por ele e geralmente aplicamos esta palavra, Maya, para algo que não existe. Seria mais correto traduzir o termo Maya não por “ irreal ”, mas por “ não o que nós pensamos que ele seja. ” Nós não devemos negar a existência do mundo – o que seria loucura – mas temos que tentar obter uma correta compreensão de sua natureza oculta. (19-1-26)

Mente: Tem havido muito atrito e conflito entre as diferentes religiões por causa desta ideia: se Deus é pessoal ou impessoal – tanta perseguição, até mesmo o ódio, tão desnecessariamente. Eu digo desnecessariamente porque a diferença entre os dois conceitos é apenas aparente. A Mente é a fonte de tudo; esta é a Mente inativa. A mente como a Mente-do-Mundo-em- manifestação é o Deus pessoal. Entre essência e manifestação a única diferença é que a essência está escondida e a manifestação é conhecida. A Mente-do-Mundo é pessoal (no sentido de ser o que os hindus chamam de “ Ishvara ”); A Mente é totalmente impessoal. Basicamente, os dois são um. (27-3-56)

Mente-do-Mundo: A Mente-do-Mundo traz nosso universo à existência e governa-o, também. O enorme número de objetos e criaturas que aparecem através de Sua atividade, através de seu Seu poder e sabedoria, não podem ser limitados ao que é visível apenas e deve ocupar os pensamentos da pessoa com a maravilha de todas as possibilidades – uma maravilha a qual Platão disse que deveria ser o início da filosofia. (27-2-2)

Nirvikalpa Samadhi: Diz-se que em nirvikalpa samadhi o tempo chega a parar. Obviamente, isso só pode acontecer quando o ego está temporariamente paralisado. Ramana Maharshi costumava dizer que o ego é nada além do que um conjunto de pensamentos e não existe por si mesmo como uma entidade separada. Nirvikalpa sendo o estado livre de pensamentos e envolvendo a suspensão do movimento do pensamento é, portanto, a suspensão do movimento do tempo na consciência do ego. (8-4-470)

Sahaja Samadhi: Sahaja Samadhi é a conscientização da Consciência, quer apareça como pensamentos ou não, quer seja acompanhada por atividades corporais ou não. Mas nirvikalpa samadhi é exclusivamente a conscientização da Consciência. (25-2-140)

Savikalpa Samadhi: Contudo é uma ocorrência rara estar o pensamento totalmente parado, por isso esse estado é equivalente ao que os hindus chamam nirvikalpa samadhi. Eles têm um outro estado, não tão profundo, o qual eles chamam samadhi savikalpa, onde os pensamentos subsistem dentro da experiência mística e o pensar continua, mas mantido, por assim dizer, pela experiência superior. (8-1-221)

Paul Brunton – Livros em Português

Durante os anos de 1935 até 1952, Paul Brunton escreveu 10 livros, publicados em mais de 15 línguas, incluindo o português que foi publicado pela Editora Pensamento. Os livros atualmente disponíveis por essa editora, estão marcados pelo asterisco (*) e os outros poderiam ser encontrados em livrarias de livros usados ou on-line:

O Egito Secreto*

A Índia Secreta

O Caminho Secreto

Mensagem de Arunachala

Um Eremita No Himalaia

A Busca Do Eu Superior

A Realidade Interna

O Ensino Oculto Além da Yoga

A Sabedoria do Eu Superior

A Crise Espiritual do Homem

Após a morte de Paul Brunton em 1981, os seus “Notebooks” – os quais contém a pesquisa de 28 temas espirituais ou “Ideias” na forma de breves “ parágrafos ”ou inspirados pensamentos – foram publicados em inglês pela Larson Publication (www.larsonpublications.org). Os três primeiros Notebooks foram publicados em português pela Editora Pensamento e podem ser encontrados em livrarias de livros usados, uma vez que estão esgotados:

Ideias em Perspectiva

A Busca

Práticas para a Busca Espiritual: Relaxamento e Solidão

Além desses dezesseis volumes da série dos Notebooks, um número de pequenos livros de trechos dos mesmos, provendo uma visão de diferentes temas, têm sido publicados em português pela editora Pensamento e pela Editora Irdin. Os livros atualmente disponíveis pela editora Pensamento estão marcados por um asterisco (*), os disponíveis pela Editora Irdin, estão marcados por dois asteriscos (**) e os outros poderão ser encontrados em livrarias ou on-line:

Meditações para Pessoas em Crise

Meditações para Pessoas que Decidem

O Que É O Karma?

Vislumbres**

A Graça Divina**

Para maior informação sobre a vida de Paul Brunton, seus escritos, trabalho e artigos tanto em inglês como em português, veja o website: www.paulbrunton.org

Se você estiver interessado em receber os pensamentos diários de Paul Brunton (selecionados de seus Notebooks), em dezoito línguas, incluindo o português, veja o website: www.paulbruntondailynote.se

Para a capa traseira

O Caminho Breve para a Iluminação é um texto de apoio profundo, do extraordinário Paul Brunton, o explorador espiritual que primeiro trouxe o conhecimento de Ramana Maharishi para o ocidente. Neste trabalho os leitores recebem o convite e a instrução para descobrir a verdade de si mesmos. Este livro está vivo com o conhecimento supremo. Que ele possa apoiá-lo em reconhecer-se a si mesmo, de forma imediata e continuamente”.

Gangaji

Paul Brunton dá voz aos ensinamentos profundos do imediato despertar espiritual que têm o poder de provocar o curto-circuito no buscador em nós e revelar a verdadeira natureza da realidade aqui e agora. Mas o verdadeiro presente deste maravilhoso livro está em como matizado e sutil Paul Brunton entendeu esses ensinamentos profundos e transformacionais e como ele transmite diretamente os mesmos. Leia este livro como se fosse uma escritura ou uma sutra e deixe-o abrir seus olhos para a eternidade.

Adyashanti

Esses ensinamentos são acessíveis à compreensão humana e destilam a essência dos atuais ensinamentos populares e tradicionais do imediato-despertar (*Advaita*, *Zen*, *Dzogchen*, etc). Paul Brunton denomina-os de ensinamentos do “Caminho Breve”. Um simples reconhecimento, um breve momento de graça, pode fazer com que a meta espiritual que parece estar tão longe, fique tão perto, no aqui e agora. Mas nós precisamos de pessoas confiáveis que apontem o quando, o como e o para onde olhar. Brunton nos dá a essência e a prática desse caminho de maneira direta, sem jargões de linguagem:

- Como transitar do Caminho Longo de disciplinas espirituais para o Caminho Breve de direto insight
- Os exercícios do Caminho Breve
- As experiências que podem acontecer

- Cuidados
- Fases da realização
- Estabilizando o despertar
- A natureza da iluminação permanente

Paul Brunton é amplamente reconhecido com um dos mais influentes escritores sobre temas espirituais e abordagens de autorealização nestas últimas três gerações.